

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
PUC-SP

Fernanda Ilinsky Schimenes

**A atuação d'A Rocha no Brasil:**  
Percepções sobre o cuidado ambiental no meio protestante brasileiro

Mestrado em Ciência da Religião

São Paulo  
2024

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
PUC-SP

Fernanda Ilinsky Schimenes

**A atuação d'A Rocha no Brasil:**  
Percepções sobre o cuidado ambiental no meio protestante brasileiro

Mestrado em Ciência da Religião

Dissertação apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciência da Religião, sob a orientação do Prof. Dr. Eduardo Rodrigues da Cruz.

São Paulo  
2024

BANCA EXAMINADORA

---

---

---

Schimenes, Fernanda Ilinsky

A atuação d'A Rocha no Brasil: Percepções sobre o cuidado ambiental no meio protestante brasileiro. / Fernanda Ilinsky Schimenes. -- São Paulo: [s.n.], 2024.  
137p. ; cm.

Orientador: Eduardo Rodrigues da Cruz.

Dissertação (Mestrado)-- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião.

1. Protestantismo brasileiro. 2. A Rocha Brasil. 3. Ambientalismo evangélico. 4. Meio ambiente. I. da Cruz, Eduardo Rodrigues. II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião. III. Título.

CDD

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação São Paulo (FUNDASP),  
mantenedora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – número do processo 88887.701316/2022-00.

## **Agradecimentos**

Que rede de apoio de peso essa com que pude contar para realizar esta pesquisa!

Muitíssimo obrigada,

Prof. Dr. Eduardo Rodrigues da Cruz, pela orientação minuciosa, pelas indicações de bibliografia, pelas prontas respostas, pelos apontamentos para melhorias;

Prof. Dr. Edin Sued Abumanssur e Prof. Dr. Charles Timothy Carriker, pela participação na banca de qualificação e na banca examinadora. Suas sugestões opulentaram o trabalho;

Professores do programa, por partilhar tantos saberes com seriedade e leveza, exigindo e indicando caminhos;

Gínia César Bontempo, João Martínez da Cruz, Marcos Custódio e Raquel Arouca, por concederem entrevistas, algumas bem longas, e assim contribuírem para a ciência e para deixar a história d'A Rocha Brasil registrada, se possível para inspirar muitos outros a cuidar do meio ambiente;

Colegas de turma Camila, Isabella, Jandher, Luiz Henrique, Sabrina e Vinícius, por tornarem o mestrado mais leve, mais humano, mais divertido e me inspirarem;

Marcos Amado, por ser exemplo de pesquisador e me desafiar a ir além;

Cleo, minha cachorrinha, pela companhia fiel ao pé da mesa nas muitas horas que dediquei a este trabalho;

Paulo, meu marido, e David e Natan, meus filhos, por estarem comigo também neste projeto.

## **Resumo**

Esta pesquisa investiga a atuação da organização ambiental cristã A Rocha Brasil de 2006 a 2020. O primeiro capítulo traz resumos (1) da situação atual da emergência climática, (2) da relação do protestantismo com o meio ambiente em nível global desde a sua fundação e (3) de uma linha missiológica protestante contemporânea – a do evangelho social, que tem relação com a chamada teologia da missão integral – em que o cuidado com a criação é uma das prioridades. À luz desse contexto, no segundo capítulo explora-se a história da organização A Rocha International desde o projeto embrionário no Algarve, em Portugal, até a vinda da ONG para o Brasil a partir de um grupo de cristãos protestantes inspirados pelo livro de Peter Harris, fundador d'A Rocha. Abordam-se as diferenças da atuação brasileira em comparação com outras organizações nacionais d'A Rocha ao redor do mundo, a base teológica por ela defendida, os projetos que desenvolveu no País junto às igrejas (especialmente a Rede de Transformação – ReT), as dificuldades que enfrentou – financiamento, polarização política e questões na equipe, por exemplo – e os materiais que produziu tais como livros, vídeos, cartilhas e guias de estudo. A partir disso, traçam-se percepções sobre o cuidado ambiental no meio protestante brasileiro. Apesar de ter encerrado suas atividades em 2020, a Rocha Brasil deixou um legado significativo. O impacto da organização em sensibilizar o meio protestante para a crise ambiental é percebido em diferentes frentes: em organizações similares como o movimento Renovar Nosso Mundo e em esforços de preservação ambiental de áreas, no conteúdo produzido por diferentes denominações protestantes a respeito do cuidado ambiental, em seminários que incluem o tema em seu currículo etc.

**Palavras-chave:** Protestantismo brasileiro; Meio ambiente; A Rocha Brasil, Evangélicos.

## **Abstract**

This research investigates the work of the Christian environmental organization A Rocha Brasil from 2006 to 2020. The first chapter brings summaries of (1) the current situation of the climate emergency, (2) the relationship of Protestantism with the environment at a global level since its foundation, and (3) of a contemporary Protestant missiological line – that of the social gospel, which is related to the so-called theology of integral mission – in which care for creation is one of the priorities. Considering this context, the second chapter explores the history of A Rocha International from the embryonic project in the Algarve, Portugal, to the NGO's arrival in Brazil from a group of Protestant Christians inspired by the book by Peter Harris, founder of A Rocha. It addresses the differences in Brazil's performance compared to other national organizations of A Rocha around the world, the theological basis it defends, the projects it developed in the country with the churches (especially the Transformation Network – ReT), the difficulties it faced – funding, political polarization and issues in the team, for example – and the materials it produced such as books, videos, booklets and study guides. From this, perceptions about environmental care in the Brazilian Protestant milieu are outlined. Despite having closed its activities in 2020, Rocha Brasil left a significant legacy. The organization's impact in sensitizing the Protestant milieu to the environmental crisis is perceived on different fronts: in similar organizations such as the Renovar Nosso Mundo movement and in efforts to preserve the environment of areas, in the content produced by different Protestant denominations regarding environmental care, in seminars that include the theme in their curriculum etc.

**Keywords:** Brazilian Protestantism; Environment; A Rocha Brasil, Evangelicals.

### Abreviaturas utilizadas para os livros da Bíblia

|     |              |    |             |     |                   |
|-----|--------------|----|-------------|-----|-------------------|
| Gn  | Gênesis      | Is | Isaías      | Rm  | Romanos           |
| Ex  | Êxodo        | Jr | Jeremias    | 1Co | 1 Coríntios       |
| Lv  | Levíticos    | Lm | Lamentações | 1Co | 2 Coríntios       |
| Nm  | Números      | Ez | Ezequiel    | Gl  | Gálatas           |
| Dt  | Deuteronômio | Dn | Daniel      | Ef  | Efésios           |
| Js  | Josué        | Os | Oséias      | Fp  | Filipenses        |
| Jz  | Juízes       | Jl | Joel        | Cl  | Colossenses       |
| Rt  | Rute         | Am | Amós        | 1Ts | 1 Tessalonicenses |
| 1Sm | 1 Samuel     | Ob | Obadias     | 2Ts | 2 Tessalonicenses |
| 2Sm | 2 Samuel     | Jn | Jonas       | 1Tm | 1 Timóteo         |
| 1Rs | 1 Reis       | Mq | Miquéias    | 2Tm | 2 Timóteo         |
| 2Rs | 1 Rei        | Na | Naum        | Tt  | Tito              |
| 1Cr | 1 Crônicas   | Hc | Habacuque   | Fm  | Filemom           |
| 2Cr | 2 Crônicas   | Sf | Sofonias    | Hb  | Hebreus           |
| Es  | Esdras       | Ag | Ageu        | Tg  | Tiago             |
| Ne  | Neemias      | Zc | Zacarias    | 1Pe | 1 Pedro           |
| Es  | Ester        | Ml | Malaquias   | 2Pe | 2 Pedro           |
| Jo  | Jó           | Mt | Mateus      | 1Jo | 1 João            |
| Sl  | Salmos       | Mc | Marcos      | 2Jo | 2 João            |
| Pv  | Provérbios   | Lc | Lucas       | 3Jo | 3 João            |
| Ec  | Eclesiastes  | Jo | João        | Jd  | Judas             |
| Ct  | Cantares     | At | Atos        | Ap  | Apocalipse        |

## Sumário

|                                                                                                                                                                                                        |            |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                                                                                                                                                                 | <b>12</b>  |
| <b>1. A CRISE AMBIENTAL E A TRADIÇÃO PROTESTANTE.....</b>                                                                                                                                              | <b>18</b>  |
| 1.1. A CRISE AMBIENTAL: ECLOSÃO, EVOLUÇÃO, SITUAÇÃO ATUAL E MEDIDAS PROPOSTAS.....                                                                                                                     | 18         |
| 1.2. BREVE HISTÓRIA DA RELAÇÃO DO PROTESTANTISMO COM O MEIO AMBIENTE.....                                                                                                                              | 25         |
| 1.3. A CHEGADA DO PROTESTANTISMO AO BRASIL E A QUE RAMO DO PROTESTANTISMO ESTA PESQUISA SE REFERE.....                                                                                                 | 36         |
| 1.4. UMA PROPOSTA CONTEMPORÂNEA: O CUIDADO COM A CRIAÇÃO COMO PRENÚNCIO DO REINO DE DEUS.....                                                                                                          | 39         |
| <b>2. UMA RESPOSTA À CRISE NASCIDA NA EUROPA CHEGA AO PROTESTANTISMO BRASILEIRO: A<br/>ROCHA BRASIL.....</b>                                                                                           | <b>47</b>  |
| 2.1. A ROCHA TRUST E A INTERNACIONALIZAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO.....                                                                                                                                         | 47         |
| 2.2. A ROCHA CHEGA AO BRASIL.....                                                                                                                                                                      | 53         |
| 2.3. CONTEÚDO – A OBRA JESUS E A TERRA: A ÉTICA AMBIENTAL NOS EVANGELHOS E OUTROS TEXTOS E VÍDEOS<br>PUBLICADOS PEL’A ROCHA BRASIL.....                                                                | 66         |
| 2.3.1. Caderno “Educação Ambiental e mobilização ambiental em igrejas evangélicas”.....                                                                                                                | 66         |
| 2.3.2. Cartilha “Cuidando da Criação”.....                                                                                                                                                             | 69         |
| 2.3.3. DVD “O reencontro com a criação”.....                                                                                                                                                           | 72         |
| 2.3.4. Livros Jesus e a Terra: A ética ambiental nos evangelhos.....                                                                                                                                   | 73         |
| 2.3.5. Livro Assim na terra como no céu: Experiências socioambientais na igreja local.....                                                                                                             | 76         |
| <b>3. O PROTESTANTISMO BRASILEIRO E O LEGADO D’A ROCHA BRASIL.....</b>                                                                                                                                 | <b>79</b>  |
| 3.1. O MOVIMENTO RENOVAR NOSSO MUNDO E AS ORGANIZAÇÕES AMIGAS D’A ROCHA.....                                                                                                                           | 79         |
| 3.2. O CONTEÚDO TEOLÓGICO DISPONÍVEL EM PORTUGUÊS SOBRE O CUIDADO COM A CRIAÇÃO.....                                                                                                                   | 84         |
| 3.3. O PRINCIPAL EVENTO DE MISSÕES PARA A LIDERANÇA PROTESTANTE BRASILEIRA (CBM), OS CURRÍCULOS DE<br>CURSOS DE BACHAREL EM TEOLOGIA DE INSTITUIÇÕES PROTESTANTES E O CUIDADO COM A CRIAÇÃO.....       | 89         |
| 3.4. A POLÍTICA AMBIENTAL DO PAÍS E A INFLUÊNCIA DE GOVERNANTES E LEGISLADORES QUE SE DECLARAM<br>EVANGÉLICOS.....                                                                                     | 92         |
| 3.5. EVIDÊNCIAS SOBRE O “AMBIENTALISMO EVANGÉLICO” NO PAÍS, UMA PESQUISA.....                                                                                                                          | 95         |
| <b>CONCLUSÃO.....</b>                                                                                                                                                                                  | <b>98</b>  |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>                                                                                                                                                                 | <b>103</b> |
| <b>ANEXOS.....</b>                                                                                                                                                                                     | <b>109</b> |
| ANEXO 1 - ENTREVISTA COM RAQUEL AROUCA EM 3 DE OUTUBRO DE 2023.....                                                                                                                                    | 109        |
| ANEXO 2 – ENTREVISTA COM MARCOS CUSTÓDIO EM 16 DE OUTUBRO DE 2023.....                                                                                                                                 | 115        |
| ANEXO 3 – ENTREVISTA COM JOÃO MARTÍNEZ DA CRUZ EM 4 DE OUTUBRO DE 2023.....                                                                                                                            | 123        |
| ANEXO 4 – ENTREVISTA COM GÍNIA CÉSAR BONTEMPO EM 27 DE NOVEMBRO DE 2023.....                                                                                                                           | 127        |
| ANEXO 5 – BREVE RESUMO DAS VINTE ORGANIZAÇÕES NACIONAIS D’A ROCHA AO REDOR DO MUNDO.....                                                                                                               | 131        |
| ANEXO 6 – RELAÇÃO DOS TEMAS DAS OFICINAS, PAINÉIS E MINICURSOS MINISTRADOS NA EDIÇÃO DE 2022 DO<br>CONGRESSO BRASILEIRO DE MISSÕES (CBM) COM O NÚMERO DE VEZES EM QUE FORAM MINISTRADAS NO EVENTO..... | 135        |

## Introdução

A natureza grita. As enchentes no Rio Grande do Sul e a seca que assola diversas outras áreas do País em 2024, a maior e mais intensa no Brasil desde 1950, são exemplos disso.

Quando a consciência da crise ambiental ganhou notoriedade na segunda metade do século XX, as respostas teológicas (e uma práxis religiosa) sobre o tema se intensificaram sobremaneira em diferentes tradições religiosas. No meio protestante, o artigo de Lynn White Jr. publicado em 1967 e intitulado “The Historical Roots of Our Ecological Crisis” [“Raízes Históricas de Nossa Crises Ecológica”] foi um dos propulsores de um movimento em prol de uma visão cristã evangélica mais “verde”, principalmente nos contextos do protestantismo ocidental estadunidense e europeu.

Sou jornalista e atuei como editora no Martureo Centro de Reflexão Missiológica<sup>1</sup>, uma organização religiosa evangélica de corte protestante histórico, de 2019 até o início de 2023. Por conta disso, tive contato com paradigmas missiológicos dessa tradição propostos por autores como David Bosch, Christopher Wright e Michael Goheen, paradigmas esses que incluem de forma enfática o cuidado com a criação como um dos aspectos da missão da igreja no presente tempo. Também conheci um pouco do trabalho de organizações cristãs protestantes – Tearfund<sup>2</sup>, Visão Mundial<sup>3</sup>, A Rocha Brasil<sup>4</sup> e movimento Renovar Nosso Mundo<sup>5</sup>, por exemplo – que atuam ou atuaram no Brasil com a questão ambiental. Elas são conhecidas pela sigla em inglês FBOs (*faith based organizations*).

Ao mesmo tempo, deparei-me com pessoas de meu entorno que apresentaram mudanças comportamentais em prol de um estilo de vida mais sustentável. Ao questionar a razão dessas mudanças como, por exemplo, o que levou uma amiga cristã protestante a se tornar vegana, ouvi: “Essa é uma das formas que tenho para contribuir com o cuidado da criação de Deus”. Outro conhecido que investe suas economias no mercado de ações, também cristão protestante, explicou-me que não compra papéis de empresas dos setores de combustíveis não renováveis “por amor a Deus e ao próximo”. Há alguns anos, pela primeira

---

<sup>1</sup> <http://www.martureo.com.br>

<sup>2</sup> <http://tearfundbrasil.org>

<sup>3</sup> <https://visaomundial.org.br>

<sup>4</sup> <https://www.arochoa.org/pt/>

<sup>5</sup> <https://renovarnossomundo.org>

vez ouvi uma pregação em uma celebração de igreja batista cujo tema era, especificamente, o cuidado com o meio ambiente.

De outro lado, deparei-me também com artigos de teólogos e missiólogos protestantes brasileiros (CHUNG, 2022) que argumentam que a missão da igreja se restringe à proclamação do evangelho e ao ensino da Bíblia – a transformação das estruturas de injustiça e a preservação da criação não estariam no espoco da missão da igreja. Há, também, correntes teológicas escatológicas que dispensam um olhar para a questão ambiental dado que o planeta seria destruído. “A destruição do meio ambiente não teria outra importância senão a de sinalizar o retorno de Jesus e o grande apocalipse” (SIMKINS, 2008, p. 47). Também participei de eventos para a liderança evangélica em que o tópico cuidado com a criação sequer esteve na pauta ou foi abordado de forma periférica.

Pois bem, (1) a proeminência da questão ambiental, (2) o contato com vertentes teológicas protestantes que enfatizam o cuidado da criação, (3) a presença de organizações cristãs protestantes atuando especificamente com preservação ambiental no Brasil e (4) as respostas de meus conhecidos a respeito da razão de mudanças comportamentais contrapostas por (5) discursos teológicos também protestantes que não consideram o cuidado com a criação algo relevante (por vezes até pregam que quanto pior, melhor, por conta de linhas escatológicas) instigaram-me a pesquisar sobre o tema .

Mas valeria uma pesquisa nessa área se o tema religião e meio ambiente foi e tem sido tão bem explorado em artigos, dissertações, teses e livros? Que contribuição poderia ser dada nesse caldo tão bem apurado e temperado? Sobre o que ainda não há pesquisa? Percebi que estudar a respeito da atuação da organização ambiental cristã A Rocha Internacional de 2006 a 2020 no Brasil seria original e agregaria ao estado da arte. A partir de um mergulho nesse objeto, foi possível delinear percepções sobre o cuidado ambiental no meio protestante brasileiro que ainda não haviam sido sistematizadas.

A Rocha Brasil foi uma das organizações nacionais d’A Rocha International (hoje, há organizações nacionais em 20 países!), ONG cristã baseada em teologia de corte protestante cuja sede está no Reino Unido – o nome em português deve-se ao fato de o primeiro campo de estudos da organização ser em Portugal. Segundo seu website, a Rocha, “inspirada pelo amor de Deus, empenha-se na investigação científica, educação ambiental e projetos de conservação baseados na comunidade”<sup>6</sup>. De 2006 a 2020, como mencionado, a Rocha Brasil desenvolveu um trabalho por aqui, sendo a falta de recursos o motivo apontado para o

---

<sup>6</sup> <https://arocha.org/en/>

encerramento de suas atividades na época<sup>7</sup>. A pesquisa investiga a atuação dessa organização ambiental baseada em fê ao longo desses 14 anos no País – escreve sua história que não havia sido contada em detalhes (em 2023, SANTOS publica uma tese em que fala sobre A Rocha Brasil em um dos capítulos, p. 100), analisa os materiais que produziu (livros, cadernos, cartilhas, vídeos etc.), os projetos que realizou, em especial a Rede e Transformação (ReT) – o foco no Brasil não foi preservar uma área, mas fomentar a temática nas igrejas e para a liderança evangélica –, seu referencial teológico, as dificuldades enfrentadas, as peculiaridades em relação à atuação em outros países...

Uma vez que boa parte desse conteúdo a ser pesquisado não havia sido escrito, entrevistas com ex-membros d'A Rocha Brasil e da Tearfund, principal organização que aportou recursos financeiros para que o trabalho acontecesse, foram indispensáveis. Elas foram tão ricas que, ainda que boa parte de seu conteúdo, obviamente, seja citado e comentado ao longo da pesquisa, especialmente no segundo capítulo, é aconselhável a leitura delas na íntegra (Anexos 1 a 4). Além das entrevistas, pesquisa bibliográfica, documental (relatórios anuais d'A Rocha Brasil, por exemplo) e netnográfica (site da organização, blog ainda ativo, canal no YouTube etc.) compuseram a metodologia deste estudo.

E com que objetivo todo esse levantamento sobre A Rocha Brasil foi cuidadosamente feito? O subtítulo da pesquisa – Percepções sobre o cuidado ambiental no meio protestante brasileiro – resume a intenção. Fica evidente que as entrevistas realizadas para esta pesquisa trazem de forma muito enfática o desinteresse pelo tema no protestantismo brasileiro. Contudo, em 2020, Smitch e Veldman publicaram um estudo sobre a percepção de evangélicos brasileiros em relação a questões ambientais comparando com a realidade do protestantismo estadunidense. O resultado, comentado com mais detalhes no item 5 do capítulo 3, chama a atenção:

Nossos dados confirmam que a afiliação evangélica e pentecostal<sup>8</sup> não está associada a uma diminuição da preocupação com o meio ambiente no Brasil como nos Estados Unidos. Na verdade, em algumas análises, [a afiliação] possivelmente está relacionada com atitudes ambientais (p. 354).

Estariam tais “atitudes ambientais”, em alguma medida, relacionadas aos esforços da organização A Rocha Brasil?

---

<sup>7</sup> <https://www.ultimato.com.br/conteudo/a-rocha-brasil-organizacao-crista-dedicada-a-conservacao-ambiental-encerra-suas-atividades>

<sup>8</sup> O artigo explica o que se considera evangélico ou pentecostal no Brasil para fins da pesquisa.

Como explicado brevemente, no período em que atuou no País de 2006 a 2020, a Rocha Brasil realizou, em parceria com outras organizações cristãs e igrejas, uma série de ações em prol da questão socioambiental em diferentes regiões do Brasil: ensino da intendência da criação, defesa de parque ecológico, fomento de reciclagem, reflorestamento etc. Boa parte dessas ações estão descritas no livro *Assim na terra como no céu: Experiências socioambientais na igreja local* (BONTEMPO, 2011). Elas tiveram por objetivo “despertar e motivar (...) para a importância da ação coletiva da igreja na implantação do reino do céu – evangelho integral – aqui na terra já! (...) para o cumprimento da vocação a que todos fomos chamados: espalhar o reino de Deus assim na terra como no céu!” (BONTEMPO, 2011, pp. 14-15).

Em que medida o ensino teológico e os programas d’A Rocha Brasil despertaram (e ainda despertam) e motivaram (e ainda motivam) o evangelicalismo protestante brasileiro para o cuidado com a criação no País?

Os relatos pessoais contidos em “Case Studies of Hope – A Rocha in Brazil and Elsewhere” (SANTOS *et al*, 2011) não deixam dúvida a respeito da efetividade do trabalho pontual da organização à época. Um dos participantes do projeto Lixo vira Dinheiro, que mobilizou a comunidade para limpar a área ao redor de uma escola e para atuar com coleta de lixo quando havia grandes eventos da cidade de Belém (PA), afirma que o projeto Rede de Transformação (ReT) d’A Rocha Brasil deu-lhe esperança sobre o poder de fazer diferença para o meio ambiente (p. 49).

Em princípio, a resposta hipotética para o problema apresentado seria a de que o ensino teológico e as ações d’Rocha Brasil tiveram um impacto significativo junto às igrejas específicas com as quais atuou e nas localidades específicas onde atuou, contudo, tal impacto, em termos do público evangélico protestante brasileiro, foi muito diluído, e, após a organização deixar de acompanhar os projetos iniciados, tal impacto não se sustentou.

Mas o terceiro capítulo do estudo investigou cinco diferentes frentes na tentativa de identificar influências do ensino teológico e de práticas sobre o cuidado com a criação propostos pel’A Rocha Brasil enquanto ativa no protestantismo brasileiro. A partir dessa investigação, a resposta hipotética não se confirmou – percebem-se, sim, elementos do que A Rocha fomentou, ainda que indiretamente, no protestantismo brasileiro.

Em 1998, o teólogo presbiteriano Rubem Alves publicou o texto ““De Excrementis Diaboli”” em sua coluna no jornal *Folha de S.Paulo* no qual chamava atenção para a falta de um discurso religioso em prol do meio ambiente no País:

Nunca ouvi nem padre, nem pastor, nem guru, nem vidente, nem missionário, nem bispo pregar sermão contra o lixo. Pois o lixo está para este mundo de Deus da mesma forma como o pecado está para as almas.

Em 2024, o retrato descrito por Rubem Alves é diferente. Há disciplinas específicas que tratam do cuidado com a criação em seminários. O Congresso Brasileiro de Missões (CBM), ainda que de que maneira periférica, levou o tema aos participantes. Não são todos os que se declaram evangélicos e que atuam na política que entendem que o cuidado com o meio ambiente é algo primordial ou necessário, mas temos uma Ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima no Brasil que afirma que sua postura em prol da preservação ambiental está relacionada com sua fé. Há bem mais material de peso disponível em português, boa parte escrita por brasileiros, que não apenas afirma que os cristãos protestantes devem levar a sério o cuidado ambiental como indicam caminhos de ação. O movimento Renovar Nosso Mundo e as organizações amigas d'A Rocha no Brasil seguem abraçando a causa da emergência climática como se apresentará adiante.

A capacidade de influência das religiões para a conservação do planeta é reconhecida por entidades como o World Wide Fund for Nature (WWF). Em 2015, o WWF-Brasil promoveu um evento em São Paulo reunindo um rabino, um bispo, um líder muçulmano e especialistas para discutir o tema de meio ambiente, mais especificamente as mudanças climáticas globais.

Durante duas horas, foi discutido como cada religião pode mobilizar seus fiéis a ajudar o meio ambiente, bem como seu papel com relação à conscientização, ao engajamento e ao uso das respectivas tradições como forma de diminuir a degradação ao planeta.<sup>9</sup>

A seguir, o primeiro capítulo prepara o leitor para o cerne da pesquisa. Para tanto, além de identificar o estado da consciência da emergência ambiental atual e as principais propostas da comunidade científica para endereçá-la, resume o movimento de cuidado com a criação no protestantismo global, delimita a que protestantismo brasileiro a pesquisa se refere (pois o termo “evangélico” pode significar muitas coisas) e apresenta uma proposta contemporânea do protestantismo a respeito do cuidado com a criação para que se possa comparar com a d'A Rocha Brasil.

---

<sup>9</sup> Relato completo do encontro disponível em: <<https://www.wwf.org.br/?47242/Evento-F-e-Mudanas-Climticas-discute-como-as-entidades-religiosas-podem-se-mobilizar-frente-s-alteracs-do-clima-global>>. Acesso em 18.04.2022.

O capítulo 2 conta a história do surgimento e expansão da Rocha International e do início d'A Rocha Brasil, bem como descreve o modelo de atuação d'A Rocha Brasil (objetivos, plano de ação, captação de recursos, equipe etc.). Também analisa a teoria e a prática da organização a partir dos materiais publicados e projetos realizados. Ao longo desse desenvolvimento, identifica os principais obstáculos enfrentados durante a atuação e como eles foram transpostos, além de criticar algumas estratégias que podem também ter contribuído para que a organização não conseguisse mantenedores.

O terceiro capítulo, por sua vez, traz cinco frentes para que se possam identificar influências do ensino teológico e de práticas sobre o cuidado com a criação propostos pela Rocha Brasil no protestantismo brasileiro hoje, a saber: (1) o movimento Renovar Nosso Mundo e as organizações amigas d'A Rocha no Brasil, (2) conteúdos sobre o cuidado com a criação em português disponíveis hoje, (3) o principal evento de missões do protestantismo brasileiro e currículos de cursos de Bacharel em Teologia, (4) a influência na pauta ambiental do País de governantes e legisladores que se declaram evangélicos e (5) a pesquisa de Smith e Veldman sobre evidências de um ambientalismo evangélico no Brasil.

## **1. A crise ambiental e a tradição protestante**

### **1.1. A crise ambiental: eclosão, evolução, situação atual e medidas propostas**

Em novembro de 2022, aconteceu no Egito a 27ª Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas (COP 27) com mais de 40 mil participantes, sendo 100 deles chefes de estados e de governos. A magnitude do evento reflete a proeminência do tema.

Outro dado relacionado à crise ambiental preocupante é este: a American Psychology Association (APA) cunhou o termo eco-ansiedade para se referir ao “medo crônico de uma catástrofe ambiental”, e pesquisa de 2020 dessa mesma associação afirma que dois terços dos adultos americanos apresentam algum sintoma de eco-ansiedade<sup>1</sup>.

O aquecimento global avança: em 20 de março de 2023, foi lançado o Sexto Relatório de Avaliação (AR6) do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, sigla em inglês), ele detalha ao longo de suas quase 8 mil páginas as consequências devastadoras do aumento das emissões de gases de efeito estufa (GEE). No gráfico a seguir<sup>2</sup>, observa-se o aumento da quantidade de emissões de CO<sub>2</sub> provenientes de combustíveis fósseis e da indústria desde a era pré-industrial até 2022.

---

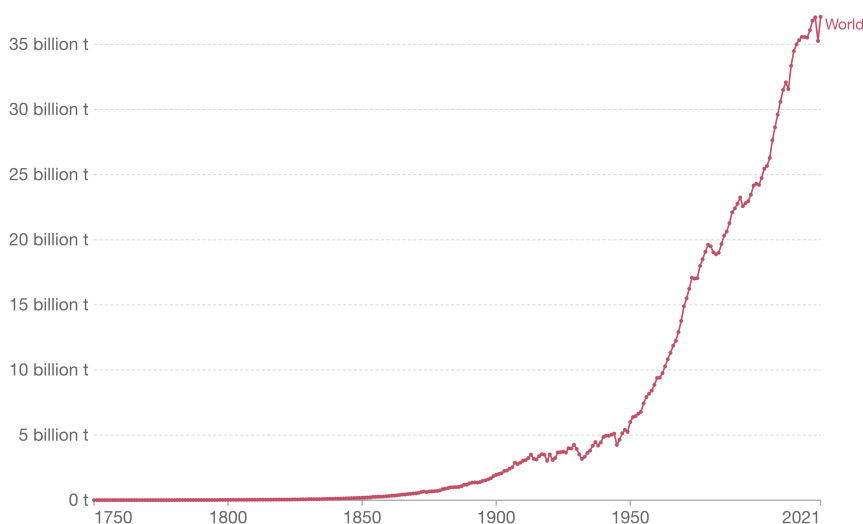
<sup>1</sup> Ver vídeo “How to Cope with Climate Anxiety” (transcrição disponível) no site da American Psychology Association (APA): <<https://www.apa.org/news/podcasts/speaking-of-psychology/eco-anxiety>>.

<sup>2</sup> <https://ourworldindata.org/co2-dataset-sources>

### Annual CO<sub>2</sub> emissions

Carbon dioxide (CO<sub>2</sub>) emissions from fossil fuels and industry<sup>1</sup>. Land use change is not included.

Our World  
in Data



Source: Our World in Data based on the Global Carbon Project (2022)

OurWorldInData.org/co2-and-greenhouse-gas-emissions • CC BY

**1. Fossil emissions:** Fossil emissions measure the quantity of carbon dioxide (CO<sub>2</sub>) emitted from the burning of fossil fuels, and directly from industrial processes such as cement and steel production. Fossil CO<sub>2</sub> includes emissions from coal, oil, gas, flaring, cement, steel, and other industrial processes. Fossil emissions do not include land use change, deforestation, soils, or vegetation.

As emissões de dióxido de carbono e de outros gases de efeito estufa provocadas por atividades do homem são o principal impulsionador das mudanças climáticas e apresentam um dos desafios mais urgentes do mundo. Essa correlação entre temperaturas globais e concentração de gases de efeito estufa – especialmente CO<sub>2</sub> – é inquestionável ao longo da história da Terra. (RITCHIE, ROSER e ROSADO, 2020)<sup>3</sup>

O aumento das emissões de GEE tem estreita relação com a Revolução Industrial, sendo que o primeiro motor movido a vapor para uso em larga escala data de 1712. Já em 1861, o físico francês Joseph Fourier descreve o hoje conhecido efeito estufa. Em 1927, as emissões de carbono por conta da queima de combustível fóssil atingiram 1 bilhão de toneladas por ano e, em 1938, o britânico Guy Callendar comprova que a temperatura média do planeta vinha subindo gradativamente.

Em 1958 é que a medição sistemática do CO<sub>2</sub> na atmosfera começa e, em 1965, a presidência dos Estados Unidos recebe um alerta: o efeito estufa seria uma preocupação real. Pode-se dizer que a crise ecológica ganha corpo a partir da década de 1970 com a primeira conferência da ONU sobre o meio ambiente (1972) em Estocolmo. A partir dela, os dados a respeito do aquecimento global – termo que ganhou a arena pública em 1975 por meio do cientista americano Wallace Broecker – estão cada vez mais alarmantes, então começam a ser

<sup>3</sup> Todos os textos transcritos que estavam originalmente em inglês foram traduzidos pela autora da pesquisa.

estabelecidos acordos internacionais (o Protocolo de Montreal, em 1987, foi o primeiro deles) a fim de que se reduzam as emissões de GEE e, assim, o aquecimento global seja freado.

No ano de 1988, cria-se o IPCC, cujo papel é reunir evidências científicas sobre o clima. Dois anos depois, o órgão divulga seu primeiro relatório no qual aponta aumento da temperatura global entre 0,3°C e 0,6°C em comparação com a era pré-industrial. O segundo relatório do IPCC é de 1995 (pós Eco-92, no Rio de Janeiro) e nele se atribui pela primeira vez ao homem a responsabilidade pela crise climática. Esse documento é a mola propulsora para o Protocolo de Kyoto (1997)<sup>4</sup>, em que os países ricos se comprometem a reduzir as emissões (5%, em média) no período de 2008 a 2012. Em 2001, o presidente norte-americano George W. Bush retira os Estados Unidos do protocolo. Outros dois líderes merecem menção no sentido oposto: Tony Blair, primeiro-ministro britânico que em 2005 priorizou o tema mudanças climáticas enquanto presidente do G8 e da União Europeia, e Barack Obama, presidente dos EUA de 2009 a 2017 que se engajou na luta para conter o aquecimento global.

Em 2015, firma-se o Acordo de Paris na COP21, o primeiro a envolver todo o planeta e discutido entre 195 países. Frear o aquecimento global foi a meta central do documento: o aumento médio da temperatura global não poderia ultrapassar 2°C (em comparação com níveis pré-industriais) e deveria estar o mais próximo possível de 1,5°C.

Como já mencionado, em março de 2023 o IPCC publicou o AR6, o relatório científico sobre o clima mais atual até o momento desta escrita. O documento não traz novos estudos, mas um resumo do conteúdo dos seis últimos relatórios elaborados pelo painel. O AR6 aponta que o aquecimento global induzido pela humanidade até o momento é de 1,1°C (em comparação com a média de 1951-1980) conforme mostra o gráfico a seguir.<sup>5</sup> Essa elevação da temperatura desencadeou alterações sem precedentes no planeta na história recente, dentre as quais: recuo das geleiras, aumento do nível do mar, aquecimento e acidificação oceânica, calor extremo, tempestades e secas. Um dentre muitos exemplos: em fevereiro de 2023, no litoral norte do Estado de São Paulo, registrou-se o maior volume de chuvas no Brasil desde que a medição começou (683 milímetros em 24 horas).

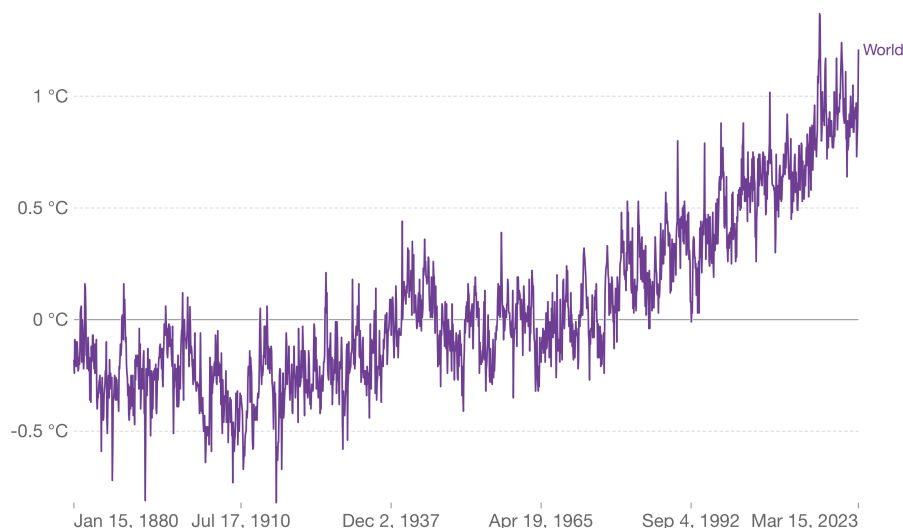
---

<sup>4</sup> “Uma cronologia da mudança climática no mundo”. Matéria publicado no portal da BBC Brasil em 27.09.2013. Disponível em: <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/09/130927\\_cronologia\\_mudancas\\_climaticas](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/09/130927_cronologia_mudancas_climaticas)>.

<sup>5</sup> <https://ourworldindata.org/explorers/climate-change>

### Global warming: monthly temperature anomaly

The combined land-surface air and sea-surface water temperature anomaly is given as the deviation from the 1951–1980 mean.



Source: National Aeronautics and Space Administration (NASA), Goddard Institute for Space Studies (GISS)

CC BY

Diante de tais evidências, o IPCC AR6 afirma de maneira enfática que o aquecimento deve limitar-se a 1,5° em relação aos níveis pré-industriais. O quadro a seguir traz um resumo dos riscos decorrentes do aumento da temperatura considerando os índices de 1,5°C, 2°C e 3°C.

### Comparação dos danos pela elevação da temperatura segundo IPCC AR6

|                                                                             | 1,5oC      | 2oC        | 3oC                   |
|-----------------------------------------------------------------------------|------------|------------|-----------------------|
| Perda de biodiversidade – % máxima de espécies em alto risco de extinção    | 14%        | 18%        | 29%                   |
| Seca – População exposta a estresse hídrico, calor extremo e desertificação | 0,95 bi    | 1,15 bi    | 1,29 bi               |
| Segurança alimentar – Custos de adaptação nas principais culturas           | US\$ 63 bi | US\$ 80 bi | US\$ 128 bi           |
| Incêndios – Aumento da área queimada na Europa Mediterrânea                 | 40%-54%    | 62%-87%    | 96%-187%              |
| Calor extremo – Aumento no número anual de ondas de calor no Sul da África  | 2-4 vezes  | 4-8 vezes  | 8-12 vezes            |
| Nível dos oceanos – Aumento médio do nível global até 2100                  | 0,28-0,55m | 0,33-0,61m | 0,44-0,76m            |
| Inundações – Aumento da população global exposta a alagamentos              | 24%        | 30%        | Dados não disponíveis |
| Recifes de corais – Declínio                                                | 70%-90%    | 99%        | Dados não disponíveis |

Cada fração de grau de aumento das temperaturas médias globais intensifica essas ameaças – e mesmo o limite de 1,5°C não é um cenário seguro para todos. É imperativo reduzir rapidamente as emissões de GEE a fim de evitar níveis ainda mais

altos de aquecimento (e os impactos associados a esse aumento). O gás carbônico já emitido até hoje corresponde a 80% de tudo o que a humanidade pode emitir se quiser ter uma chance de 50% ou mais de estabilizar o aquecimento da Terra em 1,5°C. (BOEHM, SCHUMER, 2023)

Nos cenários que mantêm o aquecimento global dentro dessa meta, o pico das emissões de GEE (no mais tardar) situa-se antes de 2025. A partir daí, as emissões devem cair drasticamente – 43% até 2030, 60% até 2035, 69% até 2040 e até 99% até 2050 em relação aos níveis de 2019. Isso significa que o uso de carvão mineral diminui 95% até 2050; o de petróleo, 60%; e o de gás natural, cerca de 45%.

O IPCC AR6 propõe estas dez ações cruciais para mitigar as mudanças climáticas: (1) desativar as usinas de carvão, (2) investir em energia limpa e eficiência energética, (3) adaptar e descarbonizar as edificações, (4) descarbonizar as indústrias de cimento, aço e plásticos, (5) mudar para veículos elétricos, (6) aumentar o uso de transporte coletivo, bicicleta e caminhada, (7) descarbonizar o transporte aéreo e marítimo, (8) combater o desmatamento e restaurar áreas degradadas, (9) reduzir o desperdício e a perda de alimentos e aprimorar as práticas agrícolas e (10) comer mais plantas e menos carne.

Além dessas ações que envolvem descarbonizar todos os sistemas e construir resiliência, os cenários para manter o aquecimento dentro do limite de 1,5°C (sem ultrapassar esse limite ou com uma margem pequena de ultrapassagem) dependem, em algum nível, da remoção de carbono. As técnicas para tal envolvem tanto soluções naturais, como sequestrar e armazenar carbono nas árvores e no solo, quanto tecnologias emergentes que capturam o dióxido de carbono diretamente do ar. Quanto mais rápida e profundamente a humanidade cortar emissões, menor será a necessidade da chamada remoção de dióxido de carbono (as estimativas variam entre 5 GtCO<sub>2</sub> e 16 GtCO<sub>2</sub> por ano até a metade do século).

Dentre os desafios relacionados à meta de 1,5°C, o financiamento talvez seja o maior deles. De acordo com o IPCC, os países em desenvolvimento precisarão de US\$ 127 bilhões por ano até 2030 e de US\$ 295 bilhões por ano até 2050 para se adaptar às mudanças no clima. Os fundos de adaptação, no entanto, chegaram apenas a US\$ 23 bilhões em 2017 e US\$ 46 bilhões em 2018, representando apenas 4% e 8% do financiamento climático.

Outro ponto a ser considerado diz respeito à infraestrutura fóssil existente e planejada hoje, que impediria o cumprimento da meta. Por conta disso, projetos precisarão ser descontinuados ou ter suas emissões compensadas de alguma forma. Nesse sentido, o

investimento do Brasil na produção de petróleo no pré-sal e a lei para construção de novas termelétricas a carvão<sup>6</sup> estão da contramão das recomendações do IPCC.

Tendo em conta ainda a realidade brasileira, vale mencionar que a forma como a terra é utilizada (isso envolve agropecuária e desmatamento) tem o potencial de reduzir emissões no montante de até 14 bilhões de toneladas por ano até 2050 a custos de US\$ 100 ou menos por tonelada.

A questão do aquecimento global, sem dúvida, é central, mas é imprescindível tocar no conceito mais amplo de sustentabilidade ao se falar de meio ambiente, especialmente da relação do ser humano com o meio ambiente. O termo como uma política a ser adotada tem sua origem no Relatório Brundtland de 1987, cujo título original é “Our Common Future” [“Nosso Futuro Comum”]<sup>7</sup>. Esse material foi elaborado pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU. A definição de desenvolvimento sustentável que o documento traz é a seguinte:

O desenvolvimento que procura satisfazer as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades, significa possibilitar que as pessoas, agora e no futuro, atinjam um nível satisfatório de desenvolvimento social, econômico e de realização humana e cultural, fazendo, ao mesmo tempo, um uso razoável dos recursos da terra e preservando as espécies e os habitats naturais.

A tensão entre as aspirações da humanidade por uma vida melhor, de um lado, e as limitações impostas pela natureza, de outro, fica evidente na explicação anterior. Ao longo do tempo, o conceito foi reinterpretado para englobar três dimensões que estariam intrinsicamente ligadas: a social, a econômica e a ambiental. Em 2015, os 193 Estados-membros da ONU, incluindo o Brasil, elaboraram a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, “um plano de ação para as pessoas, para o planeta e para a prosperidade”<sup>8</sup>. A proposta aponta a pobreza extrema como o maior desafio global e um requisito imprescindível para o desenvolvimento sustentável. Construída sobre o legado dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (2000)<sup>9</sup>, a agenda inclui estes dezessete objetivos de desenvolvimento sustentável:

---

<sup>6</sup> Lei 14.182/2021 da privatização da Eletrobrás.

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/5987our-common-future.pdf>>.

<sup>8</sup> <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustentavel>.

<sup>9</sup> <https://brasil.un.org/pt-br/66851-os-objetivos-de-desenvolvimento-do-milenio>

1. Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares.
2. Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável.
3. Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades.
4. Assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.
5. Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.
6. Assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todos.
7. Assegurar o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível à energia para todos.
8. Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos.
9. Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação.
10. Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles.
11. Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis.
12. Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis.
13. Tomar medidas urgentes para combater a mudança climática e seus impactos.
14. Conservação e uso sustentável dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável.
15. Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade.
16. Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis.
17. Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável.

Esta figura destaca os tópicos de cada um dos dezessete objetivos:

# OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL



Até que ponto as orientações do IPCC e a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável tem norteado o trabalho de organizações ambientais com base em fé como a Rocha Brasil em seus programas? Esse breve resumo da crise ambiental – eclosão, evolução, situação atual e medidas propostas – auxiliará adiante a: (1) situar a relação do protestantismo com o meio ambiente dentro desse cenário e (2) comparar as preocupações da Rocha International e d'A Rocha Brasil, bem como suas metas e ações, com os achados da comunidade científica.

## 1.2. Breve história da relação do protestantismo com o meio ambiente

Uma vez que esta pesquisa se propõe a trazer percepções do meio protestante brasileiro sobre o cuidado ambiental a partir da atuação d'A Rocha, esta seção colabora no sentido de situar a organização no contexto global protestante em termos das respostas dadas à emergência ecológica.

O início do protestantismo deu-se no século XVI na Europa com a Reforma. John Wycliff (1330-1384) e Jan Huss (1369-1415) são dois teólogos precursores desse movimento que cindiu o cristianismo ocidental – ambos desferiram duras críticas ao clero católico ainda no século XIV. Em 1517, dezessete anos após a frota portuguesa comandada por Pedro Álvares Cabral ter chegado ao Brasil, o monge agostiniano alemão Martinho Lutero (1483-

1546) afixou na porta da igreja do castelo de Wittenberg suas famosas 95 teses com desaprovação a certas práticas da Igreja Católica Romana. Como consequência disso, o papa Leão X exigiu retratação sob pena de condenar Lutero por heresia, então houve um rompimento com a Igreja Católica Romana e o início da fundação das várias igrejas categorizadas como protestantes, primeiro as luteranas, depois as presbiterianas [inspiradas pelo teólogo João Calvino (1509-1564)], anglicanas<sup>10</sup>, batistas, congregacionais e metodistas (século XVIII). Essas denominações representam o chamado protestantismo histórico ou clássico. Como explicou o cientista da religião João Décio Passos: “O protestantismo tem uma pedra fundamental: a autonomia. A ideia de que só Deus salva, a subjetividade do indivíduo e a possibilidade de assumir e viver as diferenças vão gerar uma variedade enorme de igrejas”<sup>11</sup>.

Tal variedade de igrejas e doutrinas protestantes (incluindo as sobre a questão ambiental) tem relação com a proposição teológica da livre interpretação das escrituras sagradas cristãs pelos fiéis, decorrente de um dos cinco pilares (ou Solas) sintetizadores do pensamento dos reformadores. Esses pilares são de teólogos posteriores e foram apresentados em frases latinas: (1) *Sola Scriptura* [Somente a Escritura], (2) *Solus Christus* [Somente Cristo], (3) *Sola Gratia* [Somente a Graça], (4) *Sola Fide* [Somente a Fé] e *Soli Deo Gloria* [Somente a Deus a Glória]. A Bíblia, para os protestantes, seria a única fonte de revelação divina escrita, sendo a Escritura, por si só, a própria Palavra de Deus e suficiente. Os reformadores, então, não imputam a concílios, declarações de fé ou a outros documentos além da Bíblia o mesmo valor e autoridade que as tradições católica ou ortodoxa. Ainda que algumas denominações protestantes reconheçam sete dos primeiros vinte e um concílios que a Igreja Católica Romana acata, eles não são documentos oficiais da doutrina reformada. Além disso, a Reforma propõe o sacerdócio universal dos fiéis. Por conta disso, não existe (ou não deveria existir) uma figura humana instituída de autoridade superior dada por Deus e reconhecida pela igreja. Dado que “*Solus Christus*” faz a mediação entre o homem (afastado

---

<sup>10</sup> Há estudiosos que não consideram a Igreja Anglicana como do ramo protestante por conta de (1) a sua gênese estar ligada ao divórcio do rei Henrique VIII (Inglaterra) não autorizado por Roma, não ao movimento iniciado pelos reformadores Lutero e Calvino e (2) a sua liturgia estar muito próxima do catolicismo. Nesta pesquisa, entretanto, o anglicanismo está incluído como pertencendo ao ramo protestante por conta de A Rocha (inclusive no Brasil) ter influência entre as igrejas anglicanas. Peter Harris, fundador d’A Rocha, é ministro anglicano.

<sup>11</sup> Reportagem “Como surgiram os protestantes? – Tudo começou com um protesto 500 anos atrás”, republicada no portal da revista *Super Interessante* em 18.04.2020. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-surgiram-as-igrejas-protestantes/>>. Acesso em: 28.04.2023.

por conta do pecado) e Deus, não há necessidade um clero religioso – Jesus, o Cristo, seria o sumo sacerdote segundo o quinto capítulo da epístola aos Hebreus. A salvação não seria obtida por qualquer ato ou rito que determinada denominação detenha, mas somente pela graça e somente mediante a fé. Isso abre caminho para inúmeros desdobramentos, o que de fato ocorreu e ainda ocorre.

Mas, antes de prosseguir com a expansão do protestantismo a outras partes do mundo até a sua chegada ao Brasil no século XIX, é importante identificar nos ensinamentos dos dois teólogos chamados por alguns de reformadores magistrais – a saber, Martinho Lutero e João Calvino – aspectos relacionados ao cuidado com a criação, forma como os cristãos, sejam católicos ou protestantes, em geral chamam hoje seu envolvimento com o meio ambiente (YEH, 2020, p. 104). As visões dos reformadores não estavam particularmente alinhadas com o movimento ambiental protestante contemporâneo, até porque há mais de 500 anos os problemas ecológicos não se apresentavam como tais e não tinham a dimensão que têm hoje.

Embora Lutero e Calvino compartilhem muitos conceitos teológicos, algumas peculiaridades ligadas à relação com a natureza auxiliam no entendimento de desdobramentos posteriores da visão ambiental protestante. A teologia de Lutero, por exemplo, está baseada em escutar a palavra de Deus, e

tenderia, naturalmente, a tornar suspeita qualquer reflexão teológica sobre a natureza, uma vez que falar é a forma característica como os humanos interagem uns com os outros – e com Deus –, enquanto os humanos caracteristicamente interagem com a natureza por contemplação ou visão. As pessoas falam. Árvores, não. As pessoas encontram árvores ao vê-las. Aí reside a problemática do pensamento de Lutero em relação à natureza. (SANTMIRE e COBB, 2006, p. 116)

Outro ponto sobre Lutero diz respeito ao contexto em que ele viveu. Por conta de abusos do sistema religioso cristão medieval como as penitências, o mundo seria uma espécie de prisão, um lugar do qual se deveria escapar, então “ele se distanciou radicalmente do que percebia ser um mundo de pecado” (SANTMIRE e COBB, 2006, p. 117) e concentrou sua teologia na relação entre Deus e os humanos, ou seja, o mundo natural ganhou menos atenção.

Lutero estava principalmente preocupado com a salvação pessoal, e ele era sem dúvida antropocêntrico. É improvável que Lutero se considerasse um ambientalista, embora amasse a natureza. Às vezes, ele via a criação apenas como um pano de fundo, ou mesmo como um ambiente ameaçador e hostil, marcado pelo pecado humano. (HODSON, 2017)

O monge alemão respondeu aos que o criticaram em seu tempo sempre com base no ouvir a palavra de Deus (no caso, a Bíblia), sejam eles teólogos racionalistas que defendiam o *status quo* eclesiástico, sejam eles os que diziam ter recebido uma inspiração especial para estabelecer o reino de Deus de forma visível na terra (isso será exposto de forma mais detalhada no tópico 1.4). Apesar dessa valorização do ouvir em detrimento do ver, “é uma total surpresa encontrarmos em Lutero uma rica apercepção teológica da natureza” (SANTMIRE e COBB, 2006, p. 119).

João Calvino, de outro modo, imputou demasiado valor à visão, e sua pregação pública comumente narrava os desdobramentos da providência divina na criação e através de toda a criação. Para ele, Deus não se fazia conhecer apenas por meio da Escritura ou de Jesus, mas também por meio do mundo criado. Uma de suas imagens prediletas era a da criação como sendo “o teatro da glória de Deus” (CALVINO, 2022, p. 266). Ele questiona: “(...) no que diz respeito à estrutura e formosa disposição do Universo, quem de nós, ao erguer os olhos para o céu ou ao estendê-los para as diversas regiões da terra, [não] se lembra do Criador?” (p. 97).

As concepções teológicas de Calvino sobre a natureza baseiam-se no relato bíblico da criação dos três primeiros capítulos do livro de Gênesis, no qual há uma divisão clara: antes (Gênesis 1 e 2) e depois (Gênesis 3) do que os teólogos reformados (não apenas) chamam de “Queda”. A Queda seria o evento por meio do qual o homem afastou-se de Deus, o criador, e o pecado entrou no mundo, afetando não apenas o relacionamento entre Deus e os homens, mas toda a natureza e as relações entre espécies. Calvino afirmou:

Como a vida espiritual de Adão era ele permanecer unido e ligado a seu Criador, assim também, ao afastar-se dele, veio-lhe a morte da alma. Portanto, não surpreende que aquele que perverteu, no céu e na terra, toda a ordem da própria natureza, por sua deserção, tenha afundado na ruína sua posteridade. (CALVINO, 2022, p. 374)

Assim, vemos que Calvino (e Lutero) sustentava que a própria natureza havia sido amaldiçoada por Deus em resposta ao pecado humano tal como o apóstolo Paulo descreve em Romanos 8:22. Outro aspecto da teologia de Calvino que merece menção pela estreita relação com a natureza é a rejeição aos deístas de seu tempo (aqueles que afirmavam a total transcendência de Deus e seu não envolvimento com os acontecimentos no mundo após tê-lo criado) e aos panteístas (aqueles que identificavam a imanência de Deus na criação). O reformador defendia “a dependência total – cada momento, cada gota de chuva – de todo o cosmos da vontade de Deus” (SANTMIRE e COBB, 2006, p. 122).

Por fim, há que se voltar à já mencionada visão antropocêntrica dos reformadores magistrais em relação à criação. Lutero, em sua obra na qual faz uma exposição sobre Gênesis 1, diz que as escrituras sagradas cristãs claramente ensinam que todas as coisas foram criadas por Deus como se ele estivesse preparando uma casa para o futuro homem que posteriormente seria criado. Na mesma linha, Calvino, no trecho a seguir de *As Institutas* – Volume 1, Capítulo XIV, item 2, cujo título é “A bondosa providência de Deus em favor do homem se acha espalhada na obra dos seis dias da criação” –, afirma:

(...) é preciso considerar diligentemente, na própria ordem das coisas criadas, o amor paternal de Deus pelo gênero humano, visto que não criou Adão antes que enchesse o mundo de toda abundância de coisas boas. Ora, se o tivesse colocado em uma terra ainda então estéril e vazia, se lhe tivesse dado vida antes da luz, teria parecido interessar-se bem pouco por seu bem-estar. Ora, quando antes de criá-lo dispôs os movimentos do Sol e dos astros para o uso humano, encheu de seres vivos a terra, as águas, o ar, produziu fartura de todos os frutos que fornecessem alimentos, assumindo o cuidado de um chefe de família prudente e zeloso, Deus mostrou sua maravilhosa bondade por nós. (pp. 242-243).

Esses e outros ensinamentos dos reformadores foram citados pelo alemão Max Weber na obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (1904) como tendo sido cruciais para a formação da cultura do moderno homem de negócios e do trabalhador da era industrial, que, tal como exposto anteriormente, é apresentada como a grande vilã do aquecimento global. Essa tese de Weber tem sido criticada desde a sua publicação por diferentes autores, mas isso não é objeto desta pesquisa. Tal menção é válida por conta de que foi na segunda metade do século XX que a produção teológica (não apenas protestante) a respeito do meio ambiente se intensificou, e o artigo de Lynn White Jr. publicado em 1967 e intitulado “The Historical Roots of Our Ecological Crisis” [“Raízes Históricas de Nossa Crises Ecológica”] foi um dos propulsores de um movimento em prol de uma visão cristã evangélica mais “verde”, principalmente nos contextos do protestantismo ocidental estadunidense e europeu. White Jr. “alegou que os ensinamentos judaico-cristãos foram na verdade a causa primária da ‘crise ecológica’ contemporânea” (MOODY, 2002, p. 237). “Originalmente, o homem havia sido parte da natureza, agora ele era o explorador da natureza” (WHITE, 1967, p. 1205). Tais ideias têm estreita relação com os escritos de Weber que, por sua vez, buscou nos escritos dos reformadores muitas das bases de sua argumentação.

Esse impacto das ações do homem na natureza – decorrente de determinada visão do que os teólogos chamam de mandato cultural, presente no texto bíblico de Gênesis 1:28 e explorado por White em seu artigo –, seria tamanho que há cientistas que convencionaram

chamar a época geológica em que vivemos de Antropoceno (TAVARES, 2022, p. 3). Discute-se se seria um tempo geológico específico – sendo a Revolução Industrial seu marco inicial com a invenção da máquina a vapor (ou mesmo as detonações nucleares dos anos 1950 ou outro evento) – ou uma subdivisão dentro do Holoceno. De todos os modos, o que se defende ao falar de Antropoceno é que a humanidade afetou a natureza a ponto de ser colocada como a responsável pelo novo estrato no registro geológico (marco de uma nova época geológica). Há autores que preferem lançar mão de termos como Capitaloceno e Plantationoceno. O primeiro desloca a causa principal da crise para o processo histórico em curso, que reorganizou o mundo a partir das regras do capital e do lucro. O segundo termo, por sua vez, coloca a colonização, a escravidão ultramarina e a monocultura para exportação como causas da emergência ecológica<sup>12</sup>.

Contudo, mais de quatro séculos separam a Reforma (1917) da eclosão da consciência da crise ecológica (1970), e, nesse interim, a tradição reformada não apenas se espalhou pelo mundo chegando ao Brasil como ganhou outros pensadores e teólogos, tendo sido influenciada pela cultura da modernidade e pelo desenvolvimento do pensamento científico durante o Iluminismo. Nos séculos XVII e XVIII, por exemplo, a visão de mundo trazida pela ciência contribuiu para que a natureza ganhasse um papel de destaque na teologia, e a chamada “natural theology” [“teologia natural”] se estabeleceu tendo por base a razão. Como explicar tamanha complexidade em elementos naturais senão pela afirmação bíblica de um criador divino? Calvino já havia tocado nesse ponto. No entanto, esse mesmo raciocínio ganhou contornos específicos na visão religiosa conhecida como deísmo, uma forma de pensamento muito popular nos círculos protestantes (não apenas) de língua inglesa. Deístas, grosso modo, opõem-se à noção de que “as pessoas são, em última análise, julgadas de acordo com sua obediência ou desobediência à lei divina” (SANTMIRE e COBB, 2006, p. 125). A noção de um Deus que intervém no presente curso dos eventos não existe nas formas mais estritas de deísmo. “O mundo natural opera agora de acordo com as leis imutáveis impostas no princípio” (p. 125). Os britânicos Jonh Locke (1632-1704) e Joseph Butler (1692-1752) são alguns dos que, à época, tentaram conciliar ideias deístas com ensinamentos bíblicos. O fato é que a corrente de pensamento deísta, apesar de divergir dos ensinamentos dos reformadores e dar muita atenção a questões da natureza que teria sido criada por Deus, não trouxe uma sensibilidade ecológica, uma preocupação com justiça e sustentabilidade.

---

<sup>12</sup> Uma abordagem do conceito de Plantacionoceno pode ser encontrada na obra *Uma ecologia decolonial: Pensar a partir do mundo caribenho*, de Malcom Ferdinand (São Paulo: Ubu Editora, 2022).

Outro movimento dentro do protestantismo reformado que merece menção pelo potencial de interferir na relevância do cuidado com a criação é o pietismo. Ele surgiu no século XVII na Alemanha dentro do luteranismo, e rapidamente alastrou-se pela Europa e por outras partes do universo cristão protestante – até hoje sua influência é facilmente percebida, inclusive no protestantismo brasileiro. Trata-se de uma resposta à influência do secularismo (instigado pelo desenvolvimento da ciência citada) na igreja à época, dando à conversão individual, à santificação e à necessidade de uma renúncia ao mundo grandes ênfases. AMADO (2022) resume da seguinte forma os pilares do pietismo: “espiritualidade e santificação individuais, esperança escatológica individual, separação do mundo, código de ética rigoroso e perfeccionismo moral”. Ele apresenta a seguinte crítica sobre a influência do pietismo no Brasil: “Tem levado nosso evangelicalismo (assim como os púlpitos de muitas igrejas) a um cristianismo celestial, desencarnado, egocêntrico, individualista...”. Isso distanciaria os fiéis de uma preocupação com o cuidado com a criação?

Por outro lado, o movimento pietista, ao enfatizar a questão da experiência pessoal, deu margem para uma relação mais próxima do homem com a natureza, e fez com que ela fosse vista não apenas como um testemunho da realidade última da existência de um Deus criador, mas como algo com valor intrínseco.

Ainda que a ênfase na experiência cristã, por si só, não implicasse sensibilidade ecológica (...), o pietismo como um todo proveu parte do contexto para o movimento romântico. (...) Os seres humanos poderiam comungar com a natureza, não simplesmente maravilhar-se com suas leis ou manipulá-la em prol dos propósitos humanos. (SANTMIRE e COBB, 2006, pp. 126-127).

John Wesley (1703-1791), na Inglaterra, e Friedrich Schleiermacher (1768-1834), na Alemanha, enfatizaram em seus escritos esses aspectos. Em 2018, inclusive, quando Schleiermacher completaria 250 anos, foi lançada a obra *Schleiermacher and Sustainability: A Theology for Ecological Living*, que trata de como a teologia sistemática desse autor, incluindo sua doutrina sobre criação e preservação, endereça a crise ecológica atual. Segundo Kevan Vander Schel, para Schleiermacher o mal social da devastação ecológica é uma consequência da pecaminosidade humana coletiva (POE, 2018, p. 141).

O protestantismo dominante, no entanto, especialmente na Europa, seguiu adiante por uma linha praticamente oposta, em que a natureza não desempenhava papel relevante. Isso se deu, dentre outros fatores, pela influência das ideias de Immanuel Kant (1724-1804). Ele sustentava que Deus só poderia ser conhecido na esfera da chamada razão prática, ou seja, da

ética. Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) é outro importante pensador cujas ideias ganharam destaque logo em seguida e influenciaram teólogos protestantes. Ambos os pensadores concordavam que não havia bases científicas para que, a partir da natureza, a mente humana pudesse confirmar a existência de um Deus como o criador do universo. Portanto, via de regra, uma teologia voltada ao cuidado com a criação, quando aparece no protestantismo reformado dos séculos XVIII e XIX como com Schleiermacher, não tem grande repercussão antes da consciência da crise ambiental a partir de 1970. Alguma das correntes teológicas dos séculos XVII e XIX redundou em uma práxis dos fiéis ou influenciou ações voltadas à sustentabilidade antes da consciência da crise ambiental a partir de 1970?

Embora o tema do cuidado com a criação só tenha obtido maior destaque a partir da deflagração da crise ecológica na segunda metade do século XX, Charles Darwin (1809-1882), que divulgou a Teoria da Evolução na obra *A origem das espécies* (1859), forçou os teólogos cristãos (não apenas protestantes) a olhar para a natureza no final do século XIX. As discussões acerca da *evolução natural* revelaram-se mais pertinentes aos debates filosóficos e teológicos do que para a própria biologia, pois se propõem a responder a questões relacionadas à origem, valor e dignidade do homem, e argumentar contra o controle de Deus sobre as leis naturais.

As teorias de Darwin ampliaram os conflitos entre religião e ciência, e colaboraram para o surgimento do movimento fundamentalista. Contudo, como esclarece CAMPOS (2014, p. 35), não é correto colocar o darwinismo como o pai do fundamentalismo.

Como movimento de afirmação da inerrância bíblica com implicações teológicas e sociais, o fundamentalismo teria surgido da mesma maneira (como surgiu de fato) no final do século XIX e início do XX nos EUA, principalmente como reação teológica aos movimentos liberais europeus e suas novas modas interpretativas do texto bíblico. O darwinismo foi mais uma condição (no caso, proveniente da ciência) para o crescimento e reprodução do fundamentalismo protestante; contribuiu ainda para o fortalecimento da cosmovisão e da ética fundamentalistas, que têm impulsionado debates no Ocidente (mais nas Américas do que na Europa), até os dias de hoje, a respeito de ciência versus religião, representadas, grosso modo, por evolucionismo versus criacionismo.

Tal como o movimento fundamentalista, a teologia dominante da primeira metade do século XX, de forma geral, foi uma vigorosa resposta aos desenvolvimentos dos dois séculos anteriores: tentou-se trazer o teocentrismo dos reformadores de volta à cena, sendo que o suíço reformado Karl Barth (1886-1968) destacou-se nesse sentido. A natureza, todavia, continuava escanteada em seus escritos, como ficou, salvo exceções, nos primeiros quatro

séculos de história do protestantismo. “Nos quatro volumes [da obra *Dogmática Eclesiástica*] (...), Barth quase não menciona qualquer criatura não-humana em particular ou meios-ambientes” (JENKINS, 2019, p. 596). Esse mesmo autor cita Catherine Keller na sequência – ela faz uma dura crítica a Barth, afirmando que seu silêncio em relação à natureza é fruto de uma misoginia patológica. Ainda assim, Jenkins defende que as bases teológicas de Barth, na verdade, dariam consistência para o desenvolvimento de uma ecoteologia robusta. “É perfeitamente possível ler *Dogmática Eclesiástica* sem que qualquer configuração ecológica venha à mente” (p. 596), ele afirma, mas, “a partir de seus argumentos, pode-se construir uma ampla ética de mordomia [da criação]” (p. 607).

No século XIX, em que a teologia de Barth dominou boa parte do cenário protestante, dois teólogos destacaram-se pela forte ênfase à questão ecológica. Albert Schweitzer (1875-1965) – teólogo, médico, músico e filósofo alemão ganhador do Prêmio Nobel da Paz em 1952 –, em 1936, publicou o artigo (escrito em 1923) “Ethics of Reverence for Life”, no qual ele afirmou:

Uma ética que nos obrigue somente a preocupar-nos com os homens e a sociedade não pode ter esta significação. Somente aquela que é universal e nos obriga a cuidar de todos os seres nos põe de verdade em contato com o Universo e a vontade nele manifestada. (1936)

Outro teólogo que antes do alarme ambiental elevou a natureza foi o americano (nascido na Alemanha) Paul Tillich (1886-1965). Ele produziu um enorme compêndio de teologia sistemática em que tanto a natureza como a humanidade eram vistos “como sendo igualmente enraizadas em Deus. (...) Tillich também pregou sobre a salvação de toda a criação” (SANTMIRE e COBB, 2006, p. 129), algo que aparece na Teologia do Reino do holandês Herman Bavinck (1854-1921) (ver p. 40). Apesar de seus ensinamentos não terem tido muita projeção quando proferidos, no final do século XX eles foram largamente referenciados quando da necessidade de se elaborar uma teologia do cuidado da criação.

Antes do esverdeamento, por assim dizer, do movimento protestante (pelo menos de parte dele), o ecumenismo prosperou em meados do século XX, muito por conta da Conferência Missionária Mundial de Edimburgo em 1910. De fato, esse movimento nasce quando organizações missionárias protestantes dos Estados Unidos e da Europa têm planos de ações evangelísticas proselitistas, especialmente nas colônias, mas, paralelamente, ele levou boa parte da igreja a olhar para os ensinamentos da igreja primitiva, e, “uma vez que a criação de Deus do mundo natural foi uma ideia importante na Bíblia e na igreja primitiva, ela

desempenhou um papel maior no movimento ecumênico do que havia tido na teologia protestante que emergiu após a era de Lutero e Calvino” (SANTMIRE e COBB, 2006, p. 132). De alguma forma, isso pavimentou a transição para um pensamento protestante mais voltado ao cuidado do meio ambiente. Além disso, o World Council of Churches (WCC)<sup>13</sup> [Conselho Mundial de Igrejas], principal organização ecumênica em nível internacional fundada em 1948, tem sido uma das organizações cristãs (representante de boa parte do protestantismo global) que desde a década de 1970 atuam em torno do tema da sustentabilidade. Anos antes, aliás, no encontro do WCC de 1961 em Nova Délhi (Índia), o teólogo luterano Joseph Sittler pregou um sermão com base no livro bíblico de Colossenses no qual apresentou uma espécie de cristologia cósmica. Ele afirmou que o entendimento correto de Jesus Cristo não prescinde de um entendimento do homem imerso no mundo natural com um todo.

A partir de 1970, especialmente após a publicação do artigo de White Jr. (ver p. 29), as respostas protestantes em nível global à crise ambiental não tardaram. A primeira obra em resposta a White Jr. foi *This Little Planet*, editada por Michael Pollock Hamilton e publicada em 1970. Grosso modo, as respostas seguiram o que foi discutido em Estocolmo na Conferência Internacional sobre o Meio Ambiente Humano promovida pelas Nações Unidas (1972) – logo no início se elabora e estabelece uma noção de “eco-justiça” por meio da qual “preocupações com o meio ambiente estavam ligadas com a tradicional justiça social (gênero, raça, justiça econômica)” (MOODY, 2002, p. 239). Na assembleia geral que o WCC realizou em Nairobi (1975), o tópico cuidado com a criação foi central. Na de 1982, realizada em Vancouver, o *slogan* foi “paz, justiça e integridade da criação”. Isso permite afirmar que desde então o WCC “comprometeu-se a respeitar a criação como um todo em seu próprio direito e não apenas em termos de sua relação com os seres humanos” (SANTMIRE e COBB Jr., 2006, p. 134).

Como mencionado anteriormente, diferente de outras tradições cristãs como a ortodoxa ou a católica, a protestante não conta com documentos oficiais senão a Bíblia. Existem, contudo, dezenas de confissões de fé reformadas como a de Westminster (1646), por exemplo, e escritos como os gerados pelo Movimento de Lausanne<sup>14</sup>, representante de boa parte do protestantismo global. O primeiro evento por ele promovido foi o congresso para a evangelização mundial idealizado pelo evangelista Billy Graham em 1974 em Lausanne

---

<sup>13</sup> <https://www.oikoumene.org>

<sup>14</sup> <https://lausanne.org/pt-br>

(Suíça). Tal evento produziu o Pacto de Lausanne<sup>15</sup>, cujo teor traz um tópico sobre a responsabilidade social do cristão, até porque a chamada missão integral foi largamente divulgada pelas vozes dos teólogos latino-americanos Samuel Escobar e René Padilla ali. No entanto, a questão ecológica não integrou a pauta do evento e do pacto, ainda que, quatro anos antes, por conta do Earth Day (Dia da Terra), o alarme da crise tivesse sido soado. Em 1989, o Movimento de Lausanne organizou outro congresso internacional de evangelização mundial em Manila (Filipinas), e de novo o tema do cuidado com a criação não apareceu. Nesse segundo congresso, levar o evangelho aos chamados povos não alcançados<sup>16</sup> (aqueles não cristianizados) foi o tema central. Só no terceiro congresso, realizado em 2010 na Cidade do Cabo (África do Sul) é que o tópico sobre o meio ambiente ganhou espaço. O documento gerado a partir do encontro, o Compromisso da Cidade do Cabo (CCC)<sup>17</sup>, identificou mais de trinta desafios missionais urgentes para a igreja cristã evangélica mundial, e cada um deles impulsionou a formação de um grupo de trabalho específico que juntos compõem uma rede temática, uma espécie de agenda para a igreja evangélica global. “Cuidados com a Criação” faz parte dessa rede temática do Movimento de Lausanne em colaboração com a World Evangelical Alliance (WEA)<sup>18</sup>. O CCC de 2010 declara:

Nós amamos o mundo da criação de Deus. Este amor não é apenas uma mera afeição sentimental pela natureza (que em nenhum lugar a Bíblia ordena) e, muito menos, é uma adoração panteísta da natureza (que a Bíblia proíbe expressamente). Pelo contrário, é consequência lógica do nosso amor a Deus, ao cuidarmos do que lhe pertence. (...) Nós cuidamos da terra e de maneira responsável fazemos uso dos seus abundantes recursos, não de acordo com a mentalidade deste mundo secular, mas por causa do Senhor. (...) Tal amor pela criação de Deus exige que nos arrependamos da nossa contribuição na destruição, no desperdício e na poluição dos recursos da terra e do nosso consentimento com a idolatria tóxica do consumismo. Em vez disso, nos comprometemos com urgente e profética responsabilidade ecológica.

<sup>15</sup> <https://lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/covenant/pacto-de-lausanne>

<sup>16</sup> Para um entendimento mais abrangente do que seria um povo não alcançado, o que poderia incluir, inclusive, pessoas que se declaram cristãs (católicos nominais, por exemplo), consulte o artigo “Definindo ‘não-alcançados’: uma breve história”, de Dave Datema, publicado em português no site do Martureo Centro de Reflexão Missiológica em 26.01.2022. Disponível em: <<https://www.martureo.com.br/definindo-nao-alcançados-uma-breve-historia/>>.

<sup>17</sup> <https://lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/ctc/compromisso>

<sup>18</sup> <https://worlddea.org>

Outro documento importante no contexto do protestantismo internacional, especialmente nos Estados Unidos, é a *Evangelical Declaration on the Care of Creation*<sup>19</sup> [*Declaração Evangélica sobre o Cuidado da Criação*], de 1994. O documento foi desenvolvido pela Evangelical Environmental Network<sup>20</sup> (EEN) [Rede Ambiental Evangélica], fundada em 1993. Seu conteúdo inicial é o seguinte: “Como seguidores de Cristo Jesus, comprometidos com a total autoridade das Escrituras, e cientes das formas pelas quais temos degradado a criação, acreditamos que a fé bíblica é essencial para a solução de nossos problemas ecológicos”.

Nesse contexto em que a produção teológica e declarações sobre o cuidado com a criação fervilhavam, organizações não governamentais com base em fé (*faith based organizations*) envolvidas com a proteção do meio ambiente começaram a surgir em todo o mundo, sejam elas evangélicas, sejam elas de outras crenças religiosas. A EEN elenca dentre as suas entidades parceiras: Evangelicals for Social Action, Restoring Eden, Target Earth, Association of Evangelical Relief and Development Organizations<sup>21</sup>, World Renew<sup>22</sup>, Floresta, Habitat for Humanity International<sup>23</sup>, MAP International<sup>24</sup>, Marah International, World Relief, World Vision<sup>25</sup> (DEWITT, 2006, p. 584). Surge, então, A Rocha International (no início chamada *A Rocha Trust*) em 1983 no Reino Unido. Em 2006, ela inicia sua atuação do Brasil. De que maneira todo esse histórico da relação do protestantismo com o meio ambiente influenciou a teologia que baseia as ações d’A Rocha International e d’A Rocha Brasil?

### **1.3. A chegada do protestantismo ao Brasil e a que ramo do protestantismo esta pesquisa se refere**

Do desembarque dos portugueses em 1500 até o início do século XIX, há relatos apenas pontuais da presença de protestantes na colônia. Pode-se dizer que “ao iniciar-se o século XIX, não havia no Brasil vestígio de protestantismo” (BOANERGES, 1973, p. 15).

---

<sup>19</sup> <https://creationcare.org/what-we-do/an-evangelical-declaration-on-the-care-of-creation.html>

<sup>20</sup> <https://creationcare.org>

<sup>21</sup> <https://accordnetwork.org>

<sup>22</sup> <https://worldrenew.net>

<sup>23</sup> <https://www.habitat.org/lac-es>

<sup>24</sup> <https://www.map.org>

<sup>25</sup> <https://www.wvi.org>

Com a chegada da família real ao Rio de Janeiro em 1808, decretou-se a abertura dos portos a nações amigas, e foram concedidos privilégios a imigrantes, incluindo a liberdade religiosa (o catolicismo era a religião oficial). Começa, então, o protestantismo histórico de migração no País. Em 1822, no Rio de Janeiro, houve a inauguração da primeira capela anglicana. A partir de 1824, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB)<sup>26</sup> se estabelece. “Em 1930, de uma comunidade protestante de 700 mil pessoas no País, as igrejas imigrantes tinham aproximadamente 300 mil filiados. A maior parte estava ligada à Igreja Evangélica Alemã do Brasil (215 mil) e vivia no Rio Grande do Sul” (MATOS, 2011, p. 9).

A partir da segunda metade do século XIX, se estabelecem no Brasil as igrejas que se enquadram dentro do protestantismo histórico de missão, a saber: presbiterianas, batistas, congregacionais e metodistas. Apenas no século XX é que as igrejas pentecostais e, em seguida, neopentecostais, são inauguradas.

As três ondas ou fases do pentecostalismo brasileiro foram as seguintes: (a) décadas de 1910-1940 – chegada simultânea da Congregação Cristã no Brasil e da Assembleia de Deus, que dominaram o campo pentecostal por 40 anos; (b) décadas de 1950-1960 – fragmentação do pentecostalismo com o surgimento de novos grupos – Evangelho Quadrangular, Brasil para Cristo, Deus é Amor e muitos outros (contexto paulista); (c) anos 70 e 80 – advento do neopentecostalismo – Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus e outras (contexto carioca). (MATOS, 2011, p. 22)

Esta pesquisa se propõe a trazer percepções sobre o cuidado ambiental no meio protestante brasileiro. Que protestantismo seria esse? No Brasil e em outros países, o termo protestante foi substituído pelo termo evangélico, e as igrejas cristãs que surgiram a partir da Reforma seriam, então, igrejas evangélicas. A partir da tipologia das religiões no Brasil apresentada BRANDÃO (1993, p. 99), é possível traçar o seguinte quadro (não exaustivo) das igrejas evangélicas no País.

|   |                                              |                                                                               |
|---|----------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------|
| 1 | <b>Protestantismo histórico de migração</b>  | Igreja Evangélica de Confissão Luterana, Igreja Episcopal Anglicana do Brasil |
| 2 | <b>Protestantismo histórico de missão</b>    | Igreja Presbiteriana, Igreja Batista, Igreja Congregacional, Igreja Metodista |
| 3 | <b>Igrejas pentecostais clássicas</b>        | Assembleias de Deus, Congregação Cristã do Brasil                             |
| 4 | <b>Igrejas pentecostais de curas divinas</b> | Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Deus é Amor, O Brasil para Cristo    |

<sup>26</sup> Além dessa, há outra igreja de confissão luterana fundada em 1904 por missionários do Mississipi (EUA).

|   |                                           |                                                                                                           |
|---|-------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 5 | <b>Igrejas neo-pentecostais</b>           | Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Mundial do Poder de Deus |
| 6 | <b>Igrejas “bíblicas” não evangélicas</b> | Adventistas, Mórmons, Testemunhas de Jeová                                                                |

Esta pesquisa traz como subtítulo “Percepções sobre o cuidado ambiental no meio protestante brasileiro”. Contudo, todas as ramificações expostas na tabela anterior serão incluídas na análise? Se tomássemos por base as afirmações da Rocha Brasil em relação a que ramos do evangelicalismo (e até do cristianismo e além) ela se propõe a influenciar, a resposta seria “sim”. A organização indicou “como [seu] principal projeto a educação ambiental e mobilização social nas igrejas evangélicas” (BONTEMPO, 2011, p. 141) sem distinguir qualquer denominação específica. No site da organização<sup>27</sup>, que continua acessível até o momento (julho de 2024) mesmo após o encerramento das atividades da organização no País, lê-se no “Compromisso d’A Rocha com o Cuidado da Criação”:

Somos provenientes de muitas culturas e tradições eclesiais. (...) As origens d’A Rocha encontram-se dentro do movimento cristão evangélico, tal como refletido na nossa base fundacional de Fé. Dentro da nossa liderança, acolhemos os que, de todas as tradições cristãs, aceitam o Compromisso d’A Rocha com o Cuidado da Criação. (...) Trabalhamos com uma diversidade de denominações e redes nacionais e globais. Além disso, associamo-nos plenamente em ações práticas para cuidar do mundo de Deus com pessoas de outras religiões e de nenhuma, e com organizações científicas e ambientais.

Todavia, apesar do amplo espectro de atuação proposto pela A Rocha Brasil em termos de que fatia do evangelicalismo ou protestantismo ela alcançaria, na obra *Assim na terra como no céu* (BONTEMPO, 2011), em que há doze relatos de ações por ela realizadas em conjunto com atores locais em todo o Brasil, nota-se pelas igrejas, líderes e organizações citados – igreja Ação Evangélica (Campina Grande, PB), Igreja Anglicana, pastor presbiteriano, presidente da Fraternidade Teológica Latinoamericana (Setor Brasil), Mocidade para Cristo do Brasil, Igreja Presbiteriana Nacional (Brasília, DF), Segunda Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte, Igreja Batista da Praia do Canto (Vitória, ES), Igreja Metodista Livre da Saúde (São Paulo, SP), Igreja da Vinha (Itaperuçu, PR), Centro Evangélico de Missões (Viçosa, MG), Centro de Treinamento Monte Horebe, Exército da Salvação, Casa da Videira, Igreja do Caminho (Curitiba, PR), Comunidade Evangélica Vida

<sup>27</sup> <https://arocha.org/pt/>

Plena (Natal, RN), Jovens com uma Missão (Jocum), Aliança Bíblica Universitária do Brasil (ABUB), Editora Ultimato etc. – que a organização com base em fé que é o objeto deste trabalho teria maior influência dentro das igrejas protestantes históricas (de migração e de missão) e das igrejas pentecostais clássicas. Por essa razão, as percepções desta pesquisa vão se concentrar nesses ramos do evangelicalismo brasileiro, ou seja, nos itens 1 a 3 da tabela exposta anteriormente, deixando em segundo plano as igrejas pentecostais de curas divinas, neopentecostais e “bíblicas” não evangélicas (itens 4 a 6).

O fato de a pesquisa se concentrar nessa fatia do evangelicalismo brasileiro para trazer percepções acerca do cuidado ambiental não significa, de antemão, que os demais ramos não tenham uma consciência ecológica. Os adventistas, por exemplo, dão grande importância à relação do ser humano com o meio natural. “No que tange às questões socioambientais, [os adventistas entendem] Deus como criador e mantenedor do que ele fez. (...) Deus confia ao ser humano o cuidado e a administração do planeta Terra. [Por conta dessa] responsabilidade dada ao ser humano, ele precisa se redimir, educar e curar” (DIAS e RAMIREZ, 2019, p. 66).

Dentre os ramos do evangelicalismo a serem explorados nesta pesquisa, até que ponto as propostas d’A Rocha Brasil foram por eles bem recebidas? Eles adotaram uma teologia e uma práxis mais voltada ao cuidado com a criação por conta da atuação da organização no País?

#### **1.4. Uma proposta contemporânea: o cuidado com a criação como prenúncio do reino de Deus**

As bases teológicas evangélicas que justificam e estimulam uma visão ambiental alinhada com as propostas da ciência sobre o que é necessário para endereçar a crise ecológica não têm pontos de partida comuns, tampouco convergem para as mesmas conclusões e práxis. No intuito de fornecer fundamentos para posterior análise da proposta d’A Rocha Brasil exposta no capítulo 2, este tópico apresenta uma das linhas teológicas e missiológicas contemporâneas do protestantismo global em que o cuidado da criação tem destaque.

Segundo Christopher Wright (1947-X), teólogo e missiólogo britânico que presidiu o Grupo de Trabalho de Teologia do Movimento de Lausanne de 2005 a 2011 e foi o principal formulador do Compromisso da Cidade do Cabo (CCC) de 2010, o cuidado com a criação seria uma das cinco marcas da *Missio Dei* [Missão de Deus] (WRIGHT, 2015). Mas, antes de se abordar as cinco marcas da missão em questão, o que se entende por missão no meio evangélico?

Até bem pouco tempo atrás (final do século XX) – na verdade, muitos cristãos protestantes ainda abraçam esse conceito –, missão seria a tarefa da igreja [cristã] de levar o evangelho a outros lugares e culturas, aos povos não alcançados<sup>28</sup>, por assim dizer (GOHEEN, 2019, p. 14). Algo como a expansão geográfica da fé do Ocidente cristão para o não-Ocidente não-cristão. O próprio evento mundial de Lausanne em Manila (1989) deu projeção e força a essa ideia, que poderia ser entendida como o *mainstream* de missões, ou seja, o que era convencional, dominante. Ao longo do século XX, conforme as suposições colonialistas que tomaram conta da ideia de missão foram gradativamente sucumbindo, o conceito abrangente de *Missio Dei* [Missão de Deus] passou ser adotado por praticamente todas as ramificações cristãs (ortodoxa e católica, inclusive). Missão seria, sobretudo, a missão do Deus trino de renovação de toda a criação e de toda a vida humana, e a igreja participa, engaja-se, na missão de Deus (GOHEEN, 2019, p. 63).

Missão designa nossa participação ativa como povo de Deus, a convite de Deus, segundo o mandamento de Deus, na missão do próprio Deus, realizada na história no mundo de Deus, para a redenção da criação de Deus. (WRIGHT, 2014, p. 20)

Esse conceito ampliado parte de uma hermenêutica missional: a Escritura como um todo histórico redentor. O fio condutor, o tema central da Bíblia, seria a restauração (por conta da Queda) de todo o mundo criado. Isso apareceria desde o Gênesis, quando Abraão é escolhido para ser uma bênção para todas as nações; seguiria no Antigo Testamento com Israel, cujo propósito seria o de ela ser uma referência para todas as demais nações; e culminaria com Jesus, aquele que foi enviado e envia a sua igreja (os fiéis) em semelhança (Cristo como modelo). Dentro dessa perspectiva, Cristo já inaugurou o reino de Deus, ainda que ele ainda não tenha sido plenamente consolidado. Os teólogos e missiólogos chamam isso de era do “já/ainda não”, período atual no qual a igreja dá continuidade à missão de Jesus. O holandês Herman Bavinck (1854-1921) é um dos primeiros que difundiram a ideia de que “o governo soberano de Deus sobre seu reino, restaurado por Cristo, é o tema central para que entendamos toda a vida humana e, por extensão, a missão da igreja” (SONG, 2020). A ilustração a seguir, extraída do site do Martureo Centro de Reflexão Missiológica, uma espécie de *think tank* de missiologia do ramo protestante brasileiro, resume os conceitos apresentados nesse parágrafo.

---

<sup>28</sup> Consultar nota 16 sobre definição de povos não alcançados.



Tais pressupostos trazem implicações que, por fim, culminarão apontando o cuidado com a criação como algo imprescindível dentro da missão de Deus, e, por consequência, da igreja, ou seja, dos fiéis que seguem Jesus Cristo como Senhor. Hendrikus Berkhof (1914-1995), por exemplo, ressalta o caráter triplo da igreja: além de instituição e comunidade, ela deve ser vista em termos de sua orientação para o mundo, de sua influência no mundo como sal e luz (1979, pp. 339-422). Assim, em todas as áreas da vida humana, a igreja seria chamada a se envolver como uma presença que cura (os problemas ambientais, por exemplo, mas não apenas), como um sinal, um testemunho, do governo de Jesus Cristo.

Nesse contexto, o conceito de salvação também é ampliado. Ela é entendida não apenas em termos de um indivíduo receber perdão dos pecados para ir para o céu quando morrer, mas vista de maneira holística, com uma dimensão cósmica. “Salvação é salvar da degradação [consequência da Queda] todas as coisas [criadas]” (DEWITT, 2006, p. 572). As boas novas (evangelho) teriam a ver com a restauração de tudo o que foi corrompido, e isso não apenas em termos futuros, esse reino de Deus “está irrompendo na história agora” (GOHEEN, 2019, p. 78), ainda que não plenamente, por meio da igreja.

Não há como apresentar esses conceitos sem falar de missão holística, assunto muito discutido tanto hoje como em toda a história da igreja cristã (não apenas protestante). Em linhas gerais, seria o equilíbrio entre pregação/palavra e ação. Um dos debates a esse respeito ocorreu no século XX entre a tradição fundamentalista e a do evangelho social. A primeira delas enfatiza a proclamação verbal, comumente chamada de evangelismo, enquanto a do evangelho social privilegia a ação sociopolítica.

Outra diferença entre as duas tradições que traz implicações em relação ao cuidado com a criação diz respeito à visão escatológica. O pré-milenismo dispensacionista, que

defende a ideia de um reino futuro, de um mundo progressivamente pior que por fim será destruído, exerce grande influência na tradição evangélica fundamentalista.

A escatologia é um empreendimento arriscado. Embora possa inspirar esperança naqueles que são oprimidos pelos problemas deste mundo, ou motivar alguns a trabalhar para a realização dessa esperança, sua orientação futura pode levar outros a rejeitar ou minimizar as preocupações atuais, uma acusação muitas vezes feita contra os cristãos fundamentalistas em relação ao meio ambiente. Porque estaríamos vivendo no “final dos tempos” de acordo com a escatologia fundamentalista, a destruição do meio ambiente não teria outra importância senão a de sinalizar o retorno de Jesus e o grande apocalipse. (SIMKINS, 2008, p. 47).

A tradição do evangelho social, por sua vez, entende o reino de Deus como um processo imanente e presente. Os seres humanos podem transformar (ao menos em parte, enquanto aguardam a transformação definitiva futura) a sociedade, as estruturas, não apenas aliviar as necessidades humanas.

Quanto ao pecado, na tradição evangélica fundamentalista ele estaria relacionado principalmente ao indivíduo, não estaria, necessariamente, enrustado nas estruturas sociais. A chamada conversão seria algo individual, relacionada à relação do homem com Deus, bem como a uma vida eterna no futuro. Já a tradição do evangelho social considera também as dimensões horizontais da salvação, e afirma a necessidade de uma fé pública que busca instaurar os valores do reino já, ainda que não plenamente (GOHEEN, 2019, p. 185).

Vale mencionar ainda duas das “seis marcas sociais” do evangelicalismo fundamentalista estadunidense descritas por Timothy Keller (2021 e 2022): o individualismo – não há muita preocupação em pensar no envolvimento com e na reforma de toda a sociedade – e o anti-intelectualismo – rejeição ou aversão à erudição, causando uma profunda descrença e rejeição de quase tudo que seja resultado de pesquisa científica (como os relatórios de especialistas sobre o aquecimento global). Ambas as marcas afetariam diretamente a visão sobre o cuidado com a criação e podem ser identificadas em alguns ramos do protestantismo brasileiro como apresentado no capítulo 2.

Voltando ao canadense Goheen – autor do livro *A missão da igreja hoje*, obra de referência em diversos cursos de missiologia ao redor do mundo –, ele afirma que um dualismo continua a permear grande parte do pensamento e da ação evangélicos. “No evangelicalismo popular, muitas vezes ainda há uma profunda dicotomia entre eternidade e tempo, reino e história, salvação e ação social, sendo prioridade o primeiro de cada par (p. 187). Em oposição a essa constatação, BAVINCK (1949) afirma:

O evangelho é mais do que uma simples mensagem da graça para os pecadores perdidos. O evangelho de Jesus Cristo apresenta normas para a reordenação de todas as relações humanas; contém a semente de uma nova sociedade. Dá-nos uma nova concepção do Estado e lança luz sobre os problemas sociais e sobre os princípios da ciência. (...) Não é possível ser cristão em casa e entregar o mundo ao nosso redor à influência destrutiva do pecado (p. 19).

Com base no que foi exposto nos parágrafos anteriores, o que a corrente principal da missiologia contemporânea (*mainline*) propõe não é uma harmonização entre ambas as tradições, porque em geral tais propostas priorizam ou palavra ou ação, ainda que reconheçam as duas como fundamentais. Mesmo quando alguns autores colocam palavra e ação no mesmo nível, enxergam-nas de maneira distinta. Segundo BOSCH (2002), o correto seria “corporificar de novo um evangelho integral do reinado de Deus que irrompe não apenas em vidas individuais, mas também na sociedade” (p. 488). CONN (1982), por sua vez, refere-se à igreja como uma réplica antecipada de um novo mundo que ela prega (p. 56). Essas propostas têm como centro o paradigma do reino de Deus já/ainda não inaugurado como concorda Bryan Stone:

Falar do próprio modo de evangelizar de Jesus, portanto, é impossível à parte de sua referência ao reino de Deus. Serve não apenas como uma doutrina única ou importante que ele tinha, mas é a preocupação que orienta e guia seu pensamento e sua atividade. Seu convite aos seguidores era um convite a aceitar esse reinado como realidade com o intuito de organizar-lhes a vida em torno dele e a servir como um sinal e como antecipação do reino no mundo (2007, p. 86).

A partir dessas conceituações, é possível prosseguir com as mencionadas cinco marcas da missão de Christopher Wright. Em 1984, o Conselho Consultivo Anglicano concebeu uma declaração de missão para a Comunhão Anglicana Mundial que foi adotada pela Conferência dos Bispos de Lambeth em 1988 sob o título “As cinco marcas da missão”<sup>29</sup>. Ela declara que:

A missão da igreja é a missão de Cristo

1. Proclamar as boas novas do reinado de Deus;
2. Ensinar, batizar e nutrir os novos crentes;
3. Responder às necessidades humanas com amor;
4. Procurar a transformação das estruturas injustas da sociedade, desafiar toda espécie de violência, e buscar a paz e a reconciliação;

<sup>29</sup> <https://www.anglicancommunion.org/mission/marks-of-mission.aspx>

5. Lutar para salvaguardar a integridade da Criação, sustentar e renovar a vida da terra.

Essa declaração de missão serviu como base para o artigo de Wright (2015)<sup>30</sup>, que a resumiu em algumas palavras: evangelismo, ensino, compaixão, justiça e cuidado com a criação. Os cinco tópicos, segundo ele, estariam ligados ao texto bíblico conhecido por “Grande Comissão” (evangelho de Mateus 28:16-20), cuja centralidade seria o senhorio de Cristo sobre toda a criação. Ele assim descreve cada uma das cinco marcas:

No evangelismo: proclamamos as boas novas que Jesus Cristo é Senhor, Rei e Salvador.

No ensino: levamos as pessoas à maturidade da fé e do discipulado, em submissão a Cristo como Senhor.

Na compaixão: seguimos o exemplo do Senhor Jesus, que andava “por toda parte fazendo o bem” (At 10.38).

Na busca pela justiça: lembramos que o Senhor Jesus Cristo é o juiz de toda a terra.

No uso e no cuidado com a criação: lidamos com aquilo que pertence ao Senhor Jesus Cristo por direito de criação.

Na sequência do artigo, o missiólogo agrupa quatro dos cinco itens em dois pares, colocando evangelismo e ensino juntos, e compaixão e justiça em outro par. Haveria, então, três pontos focais em termos de envolvimento missional: igreja, sociedade e criação. A importância que o cuidado com a criação assume na proposta de Wright é realmente impressionante. Segundo ele, cuidar da criação – através do uso piedoso dos recursos da criação, juntamente com preocupação ecológica e ação – faz parte do cumprimento da primeira grande comissão dada à humanidade em Gênesis 1 e 2. “Cuidamos da criação porque Jesus é Senhor do céu e da terra: ‘Do Senhor é a terra e tudo o que nela existe’ (1 Coríntios 10:26)”. Para embasar a sua tese de que o cuidado com a criação é um dos três eixos da missão, Wright recorre ao seguinte trecho do CCC (Parte I, item 7):

Missão integral significa discernir, proclamar e viver a verdade bíblica de que o evangelho é a boa nova de Deus, através da cruz e da ressurreição de Jesus Cristo para indivíduos, para a sociedade e para a criação. Todos os três estão feridos e sofrem por causa do pecado; todos os três estão incluídos no amor redentor e na missão de Deus; todos os três devem fazer parte da missão global do povo de Deus.

---

<sup>30</sup> O autor explorou anteriormente esse conceito em 2006 na obra *A Missão de Deus: Desvendando a grande narrativa da Bíblia*, publicada no Brasil em 2014.

No desenvolvimento do tópico específico “Cuidar da criação” do artigo, o autor menciona que a Bíblia começa (Gênesis 1:1) e termina referindo-se à criação. O Apocalipse, último livro da Escritura, fala de uma nova criação, com um novo céu e uma nova terra. “A missão completa de Deus na história bíblica vai da criação à nova criação, e Jesus se coloca no centro dela, afirmando ser o Senhor sobre tudo” (WRIGHT, 2015). Ele também cita que todo o Antigo Testamento, especialmente o livro dos Salmos, traz o Deus de Israel como o Deus do céu e da terra, ou seja, de toda a criação. “Seja o que for que nossa missão inclua no cumprimento da Grande Comissão, isso pressupõe que Jesus é Senhor da criação. (...) Somos ocupantes e administradores de sua propriedade.”

As cartas do apóstolo Paulo também entram no desenvolvimento de Wright sobre o valor que a igreja deveria dar à toda a criação uma vez que expandiriam a verdade cósmica e criacionista sobre Cristo como, por exemplo, em Colossenses 1:15-20. Dessa forma, “o uso piedoso e a administração cuidadosa dos recursos da terra, juntamente com defesa ecológica e ação específicas, são dimensões legítimas da missão cristã”. A missão cristã não poderia excluir a missão humana primária de exercer governo piedoso sobre a criação ao servi-la e mantê-la (Gênesis 1:26-28, combinado com Gênesis 2:15). Wright até faz o seguinte, digamos, desabafo:

Para mim, é desconcertante perceber que existam tantos cristãos, incluindo infelizmente (e especialmente) aqueles que afirmam ser evangélicos, para os quais essa questão de cuidado com a criação — ou preocupação ecológica e ação — seja fraca e negligenciada, na melhor das hipóteses, e até mesmo rejeitada com preconceito hostil, na pior. Parece-me que a razão para isso seja uma teologia da criação bastante defeituosa entre os evangélicos contemporâneos. Falando de maneira bem direta, algumas pessoas parecem ter bíblias com defeito, nas quais as duas primeiras e as duas últimas páginas foram misteriosamente arrancadas. Elas começam em Gênesis 3, porque sabem tudo sobre pecado. E terminam em Apocalipse 20, porque sabem tudo sobre o dia do julgamento. E possuem sua solução pessoal para o problema do pecado e sua segurança pessoal para o dia do julgamento, fornecida naturalmente pela morte e ressurreição de Jesus. Glória a Deus, também acredito nisso. Mas a Bíblia tem uma história muito maior, a história de toda a criação, dentro da qual minha salvação pessoal se encaixa. E o Senhorio de Cristo cobre a história inteira. Assim, preciso vê-lo como Senhor do meu ambiente físico assim como minha salvação espiritual, e comportar-me como discípulo dele em relação a ambos.

Como já explicitado, as cinco marcas propostas pela igreja anglicana e posteriormente desenvolvidas por Wright, bem como o conceito de *Missio Dei* ou de evangelho do reino de Deus e suas implicações, não são uma visão oficial ou única a respeito de como os protestantes ou evangélicos discernem ou encaram o cuidado com a criação. CHUNG (2021), filho de missionários sul-coreanos radicado no Brasil e professor de Missões no Centro

Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper da Universidade Presbiteriana Mackenzie, por exemplo, escreveu um artigo em resposta ao de Wright no qual afirma que a missão da igreja se restringe a “proclamar as boas novas do reino (fazer novos discípulos através da pregação e testemunho) e ensinar, batizar e treinar os novos crentes”.

Esse último tópico, portanto, explicita uma das linhas contemporâneas de pensamento missiológico/teológico em que o cuidado com a criação é proeminente, e apresenta algumas razões pelas quais a igreja deveria se engajar na solução da crise ambiental. Diante disso, vale a seguinte pergunta: em que medida essas ideias são abraçadas pela A Rocha International e pela A Rocha Brasil? O capítulo seguinte, que explora de forma mais profunda o objeto à luz de todo o contexto trazido até aqui, pretende responder a esse questionamento.

## **2. Uma resposta à crise nascida na Europa chega ao protestantismo brasileiro: A Rocha Brasil**

### **2.1. A Rocha Trust e a internacionalização da organização**

Dentro de todo o contexto exposto no primeiro capítulo, no início dos anos 1980, em uma expedição para observação de pássaros no sul da Suécia, ocorreu a primeira conversa a respeito de um centro de estudos de campo cristão com foco em preservação ambiental que no futuro veio a ser A Rocha International – o nome inicial, antes da internacionalização da organização a partir de 1990, foi A Rocha Trust. Como relata Peter Harris, à época pastor assistente de uma igreja anglicana perto de Liverpool, na Inglaterra,

o objetivo da viagem, que seria direcionada a estudantes que estivessem fazendo cursos de alguma maneira relacionados ao meio ambiente, era explorar o que a Bíblia ensina sobre o mundo natural dentro do contexto de algum trabalho de campo prático. (HARRIS, 2001, p. 15)

Harris tinha um profundo interesse pela ornitologia, mas, alguns anos antes, havia decidido não procurar um emprego na área de conservação ambiental e se dedicar ao ministério pastoral. Na viagem, um zoólogo chamado Les Batty “começou a falar sobre o seu sonho de montar um centro de estudo de campo cristão em algum lugar no norte da Inglaterra” (Ibid., p. 16). A ideia de esse centro ser em Portugal surgiu em conversas posteriores porque ali “tanto as suas organizações de conservação ambiental quanto as suas igrejas estavam em dificuldades” (Ibid., p. 18).

Harris compartilhou com John Ball, então diretor da Crosslinks<sup>1</sup>, principal organização missionária anglicana, sobre o sonho, e ouviu dele que estavam justamente “discutindo sobre a necessidade de o cristão pensar e agir em relação às questões ambientais” (Ibid., p. 21). Então, Peter Harris e Miranda, sua esposa, junto com Les Batty e Wendy, sua esposa (e os filhos de ambos os casais), mudaram-se para o sul de Portugal, região do Algarve, em fevereiro de 1983. Interessante pontuar que fundar uma organização como A Rocha não se tratou de iniciativa que partiu da liderança de alguma denominação protestante, tampouco de qualquer organização que representasse o pensamento protestante.

Quando para lá foram, eles ainda não tinham por certo o local em que montariam o centro de pesquisas e conservação, nem haviam discutido sobre como ele seria. Encontraram

---

<sup>1</sup> <https://www.crosslinks.org>

uma área em que corre o Rio Alvor (ou Ria de Alvor), o estuário mais importante do Barlavento Algarvio, ponto de paragem estratégico para milhões de aves que migram da Europa para a África todos os anos. Harris assim descreveu a região:

(...) os amplos bancos-de-areia brilhavam na luz forte do começo da manhã, e o rio exalava vida, cheio de limícolas e andorinhas-do-mar (...). Na terra que cercava o rio podia-se ver uma variedade de habitats, desde pântanos até bosques, arbustos e pomares, com a infeliz exceção de alguns prédios que apareciam atrás das dunas, havia pouca urbanização que estragasse a beleza da paisagem. Duas cegonhas-brancas planavam em direção à beira da água, atravessando uma avenida de velhas alfarrobeiras atapetadas com oxalídeas amarelas (...). (2001, p. 31)

Para que pudessem considerar captar fundos para de fato iniciar um centro de estudos de campo com foco no estuário (e posteriormente adquirir uma propriedade para servir como sede do centro de pesquisas), tinham de estruturar uma organização em termos legais. O primeiro passo seria reunir um grupo para compor a diretoria estatutária, sendo que desde o início foram “confrontados com questionamentos sobre a seriedade de qualquer ‘trabalho missionário’ que estivesse preocupado com o meio ambiente e com a proteção da vida selvagem” (Ibid, p. 36). Até então, ambas as famílias envolvidas no que era apenas um projeto incipiente recebiam de igrejas e de pessoas recursos para o sustento deles como missionários – cristãos que atuavam em prol do cuidado com a criação –, não havia captação de fundos para a organização, até porque até então ela ainda não havia sido inaugurada.

Nesse momento de estruturação, o apoio do proeminente teólogo britânico John Stott (1921-2011) ao projeto, que nutria uma paixão pela ornitologia – foi crucial. Stott sempre teve um forte envolvimento com o movimento estudantil cristão, a International Fellowship of Evangelical Students (IFES)<sup>2</sup>, bem como o movimento L’Abri<sup>3</sup>. Tê-lo como apoiador d’A Rocha certamente fez com que cristãos ligados a esses movimentos, cuja capilaridade é bem significativa no ramo protestante em nível mundial, vissem a iniciativa em prol do cuidado com a criação com simpatia.

Além de Stott, Martin Goldsmith, professor do All Nations Christian College<sup>4</sup>, na Inglaterra, há algum tempo vinha desafiando os cristãos a novas iniciativas que envolvessem outras esferas de influência na sociedade, algo que o Movimento de Lausanne<sup>5</sup> (ver p. 34)

---

<sup>2</sup> <https://ifesworld.org/en/>

<sup>3</sup> <https://labri.org>

<sup>4</sup> <https://www.allnations.ac.uk>

<sup>5</sup> <https://lausanne.org>

vinha incentivando fortemente. Rowland Moss, professor de ecologia humana e um dos pioneiros a escrever sobre a necessidade urgente de se encarar os problemas ecológicos, bem como Sam Berry, professor de genética da Universidade de Londres, enriqueceram esse grupo inicial que buscou viabilizar a organização não governamental com base na fé.

Escolheram o nome A Rocha porque no local que pretendiam realizar o trabalho de pesquisa e conservação há uma grande fazenda que (até hoje) chama-se Quinta da Rocha.

Decidimos adotar o nome para o projeto porque parecia fazer justiça a tudo o que nós estávamos planejando – o início da pesquisa de campo, a geologia e o único alicerce certo para a vida como um todo: A Rocha que é Cristo. (HARRIS, 2001, p. 34)

A família de Peter Harris (ele, a esposa Miranda e três filhos à época), Les e Wendy Batty com suas duas filhas e um amigo estudante mudaram-se para perto do estuário para iniciar o trabalho d'A Rocha. Harris começou a fazer a contagem regular das aves que eram vistas no estuário de Alvor. Havia muito poucos estudos científicos sobre o meio ambiente da região, por isso, era necessário começar com pesquisas básicas.

Em torno de 1985, as ideias de Harris e de Batty em relação a como o projeto deveria prosseguir não convergiram mais, e a família Batty deixou a organização. Logo em seguida, nessa época, A Rocha adquiriu uma propriedade em um terreno de pouco menos de um hectare perto das margens do estuário. Chamam o lugar de Cruzinha e, até hoje, ali funciona o centro de pesquisas d'A Rocha Portugal. Trata-se de uma grande casa rural aberta ao público com capacidade para alojar até 16 pessoas. Desde que foi inaugurado o centro, por lá “passaram centenas de hóspedes: jovens cientistas, professores universitários, pequenas turmas de escolas de vários pontos de Portugal e de outros países e de universidades em visitas de estudo de vários dias”<sup>6</sup>.

O fato de o estuário ficar na parte sul da Europa, com clima agradável, boa comida, vinho e belas paisagens, contribui para a sua degradação no sentido ecológico, pois a região se tornou um importante destino turístico.

Grandes hotéis, complexos de apartamentos, campos de golfe e marinas dominam a faixa costeira. Perdeu-se um modo de vida, tanto em termos de uma comunidade agrária e pesqueira com fortes influências mouras como para a própria terra. A utilização tradicional do solo, com plantações de sobreiros, amendoais e oliveiras, complementada pela coleta e pesca do berbigão, foi substituída pelos lucros rápidos (e

---

<sup>6</sup> Website d'A Rocha Portugal: <https://arocha.pt/pt/o-centro/cruzinha/>

muitas vezes insustentáveis) do turismo de massa, das plantações de eucalipto e do desenvolvimento especulativo. (BOOKLESS, 2003, p. 214)

Por conta disso, desde o início da atuação da organização em Portugal até a presente data (outubro de 2024), o trabalho científico de mapeamento e monitoramento de fauna e flora feito pel'A Rocha Portugal tem respaldado tecnicamente a batalha pela conservação do estuário da Ria de Alvor.

(...) coletar dados precisos e encontrar uma maneira de equilibrar as necessidades das pessoas e da vida selvagem resultou em um interesse nacional e internacional pelo estuário. (...) A ciência de boa qualidade (publicada em revistas relevantes) é acompanhada de entusiasmo de voluntários amadores, trabalho prático e reflexão artística, tudo isso misturado a uma grande dose de vida comunitária. (BOOKLESS, 2003, p. 213)

Esse breve relato do início d'A Rocha diz muito sobre sua maneira de operar. Como organização não governamental com base em fé cristã, ela não se caracteriza apenas por seu esforço científico de conservação ambiental, ela engloba aspectos da teologia e da missiologia cristãs, alguns planejados e outros que evoluíram conforme o desenrolar do trabalho. Desde o princípio, foram definidos estes 5 compromissos centrais (chamam de 5Cs d'A Rocha por conta de em inglês todas as palavras-chave iniciarem com essa letra) para caracterizar a entidade, conforme traz o website da organização:

**Cristão** – Seguimos Jesus Cristo, que criou o mundo e nos chama a cuidar dele.

**Conservação** – Protegemos e restauramos a natureza e nos comprometemos a longo prazo com os lugares e pessoas em nível local.

**Comunidade** – Investimos em boas relações por meio de nosso compromisso com Deus, uns com os outros e com toda a criação.

**Diversidade Cultural** – Celebramos os conhecimentos, perspectivas e soluções oferecidas pelas nossas diferentes culturas.

**Colaboração** – Procuramos cooperar com qualquer pessoa que partilhe a nossa visão.<sup>7</sup>

Pois bem. No início dos anos 1990, o carro-chefe português de A Rocha começou a tornar-se conhecido internacionalmente. Os 5 Cs deram coesão ao seu propósito, e Peter e Miranda Harris se viram no centro de uma rede global emergente de cristãos com ideias semelhantes, “apaixonados pela beleza e fragilidade do mundo natural e preocupados com uma resposta cristã à crise ambiental” (BOOKLESS, 2003, p. 215).

---

<sup>7</sup> <https://arocha.org/pt/sobre-nos/>

Para que se considerasse a expansão da organização a outros países, um dos desafios seria encontrar uma liderança nacional que desse prosseguimento ao trabalho iniciado em Portugal. Em 1991, chega em Cruzinha uma bióloga marinha da cidade do Porto, a primeira integrante da equipe em tempo integral. Em 1992, um comitê nacional português começa a assumir alguns dos processos decisórios (HARRIS, 2001, p. 190). Em 1995, a família Harris deixa Cruzinha, passando a liderança d'A Rocha Portugal para Mark e Jane Bolton. O casal Harris assume, a partir da mudança, um estilo de vida itinerante como coordenadores internacionais, visitando e direcionando em diferentes partes do mundo cristãos que, inspirados pelo trabalho feito no estuário do Algarve, queriam fazer algo similar. Iniciam-se projetos no Líbano (1997), na França (1997), no Quênia (1998), no Reino Unido (1999), no Canadá (1999) e na República Tcheca (2000). Com projetos estabelecidos em quase dez países, em 2000 a Rocha International é inaugurada como uma organização guarda-chuva, permitindo liberdade de ação para os movimentos nacionais de A Rocha e, ao mesmo tempo, assegurando intercâmbio de experiências, direcionamento e suporte institucional. Como explica o website da organização<sup>8</sup>,

A Rocha Internacional representa e apoia organizações nacionais d'A Rocha e projetos associados, inicia e convoca novos programas de colaboração na família mundial e facilita o lançamento de novas organizações d'A Rocha. As nossas iniciativas conjuntas incluem o Programa Global de Teologia e Igrejas<sup>9</sup>, o Programa Global de Conservação Marinha<sup>10</sup> e o Programa Florestal Africano<sup>11</sup>.

Além dos programas mencionados no parágrafo anterior, após se organizar como entidade internacional, a Rocha lançou em 2006 o Climate Stewards<sup>12</sup>, um programa específico de compensação de carbono cuja sede fica no Reino Unido. “Já atuamos com centenas de indivíduos, instituições beneficentes e igrejas para fornecer aconselhamento e apoio em sua jornada de redução de carbono”, explica o website do programa.

À medida que mais organizações nacionais d'A Rocha surgem, e esse número chega agora a 20 (ver o Anexo 5, p. 131), reestrutura-se a liderança do guarda-chuva internacional, e uma equipe de gestão passa a ficar sediada no Reino Unido. O escritório d'A Rocha International funciona hoje em Londres. Reforça-se ainda a equipe com a chegada de

<sup>8</sup> <https://arocha.org/pt/sobre-nos/onde-estamos/>

<sup>9</sup> <https://arocha.org/pt/teologia-igrejas/>

<sup>10</sup> <https://arocha.org/pt/conservacao/conservacao-marinha/>

<sup>11</sup> <https://arocha.org/pt/conservacao/programa-florestal-africano/>

<sup>12</sup> <https://www.climatestewards.org>

especialistas, dentre eles Dave Bookless – ele começou n’A Rocha em 1997 como uma espécie de consultor internacional; em 2001, junto com sua esposa Anne, fundou a Rocha UK; e, em 2011, passa para a Rocha International. A ida de Bookless para o guarda-chuva da organização visou “proporcionar liderança teológica e assegurar que a nossa conservação baseada na ciência seja integrada com os nossos valores bíblicos”, segundo relata o website da organização, e ele enxerga que esse objetivo já vinha sendo alcançado.

O crescente trabalho de A Rocha em várias partes do mundo está fazendo muitos cristãos relerem os textos bíblicos e reexaminarem sua teologia. Muitos apoiadores de A Rocha são cristãos bíblicamente conservadores que podem ter apreciado e apreciado a vida selvagem, mas anteriormente não haviam explicitado as ligações entre a criação de que desfrutavam e o Deus que adoram individual e corporativamente. O dualismo filosófico que tanto persegue a cristandade ocidental, e que levou muitos cristãos a se preocuparem apenas com "salvar almas", é exposto e desafiado pela obra de A Rocha e sua motivação bíblica. O drama bíblico fala de um Deus que se deleita no ato da criação, faz a humanidade do pó e tem uma aliança com a própria terra (Gênesis 9); um Deus que toma carne material sobre si mesmo, sofre uma ressurreição corporal e promete um céu e uma terra renovados. (...) A Rocha – muitas vezes de forma imperfeita e sempre provisória – encarna uma visão holística da missão cristã no mundo, (...) onde o cuidado com os habitats e as espécies faz parte de uma grande comissão, juntamente com o cuidado com os seres humanos como unidades corporemente-alma. (BOOKLESS, 2003, p. 218)

Essa fala de Bookless deixa clara uma sinergia entre as ideias expostas anteriormente no item 1.4 e as abraçadas pel’A Rocha International.

Em outubro de 2019, A Rocha passa por um período de luto, conforme noticiado amplamente pela imprensa, incluindo sites evangélicos brasileiros, como o Exibir Gospel:

Peter e Miranda Harris, cofundadores de A Rocha, e Chris Naylor, CEO da A Rocha International, juntamente com sua esposa Susanna, se envolveram em um terrível acidente de carro em Port Elizabeth, África do Sul. Miranda, Chris e Susanna não sobreviveram. Peter e o motorista do carro estão sendo tratados em um hospital local e estão em condições estáveis. “Sabemos que isso é um choque profundo para todos da família A Rocha e outras pessoas em todo o mundo”, diz um comunicado no site da organização.<sup>13</sup>

Em 2020, Simon Stuart assume como Diretor Executivo d’A Rocha Internacional, e Harris torna-se o presidente emérito. A família internacional d’A Rocha assina um pacto e se envolve na COP26, a Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima, bem como no

<sup>13</sup> <https://exibirgospel.com.br/fundadores-e-ceo-da-organizacao-crista-a-rocha-morrem-em-acidente-de-carro/>

Congresso Mundial de Conservação da União Internacional para Conservação da Natureza (UICN), ambos os eventos aconteceram em 2021.

Em julho de 2024, 22 pessoas compõem a equipe executiva d'A Rocha International sediada em Londres. O Conselho de Administração, por sua vez, é composto por dez membros.<sup>14</sup> As organizações nacionais estão presentes em 20 países nos seis continentes (veja item 2.5 a seguir), sendo A Rocha Suécia a mais recente delas. Além das organizações nacionais, há outras organizações que levam a credencial de amigas da Rocha – o Brasil, por exemplo, conta com três delas. O site d'A Rocha define a organização como “um movimento de pessoas e projetos em número crescente de partes do mundo, dedicado a recuperar uma abordagem bíblica para o estudo e cuidado da criação”.

## 2.2. A Rocha chega ao Brasil

A história de como a pauta ambiental foi introduzida no protestantismo brasileiro não é fácil de ser descrita. SANTOS (2023) afirma que, como não há uma grande editora, um site ou uma instituição que concentre as iniciativas do cuidado com a criação no evangelicalismo brasileiro, é necessário recorrer a uma “miríade de registros, documentos e testemunhos espalhados por todo canto” (p. 89). Antes da Eco-92, quando o tema ganhou visibilidade – e vale lembrar que foi ao longo da década de 1990 que os evangélicos brasileiros romperam a barreira de dois dígitos –, registros de eventos, reflexões ou iniciativas evangélicas em prol do cuidado ambiental no País são quase inexistentes. Há declarações de metodistas e de luteranos, mas elas não repercutiram muito. Em 1982, por exemplo, o Concílio Geral da Igreja Metodista no Brasil foi o primeiro a oficializar o cuidado ambiental como parte de uma agenda nacional no documento “Plano para a Vida e a Missão da Igreja”, afirmando que a igreja deve “apoiar, incentivar e participar das iniciativas em defesa da preservação do meio ambiente” (Igreja Metodista, 2011<sup>15</sup>, p. 83). Em 1988, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil publicou um manifesto em defesa da Amazônia<sup>16</sup>.

No contexto da Eco-92, o pastor batista Dammy Ferreira publicou o livro *Ecologia na Bíblia* (1992). Segundo SANTOS (2023), “trata-se do primeiro livro de um evangélico

<sup>14</sup> <https://arocha.org/pt/sobre-nos/quem-somos/>

<sup>15</sup> O documento *Plano de Vida e Missão da Igreja* de 1982 foi reproduzido na íntegra na edição do primeiro Plano Nacional Missionário quadrienal (2012-2016) publicado em 2011 pela Igreja Metodista no Brasil. Disponível em: <<https://www.metodista.org.br/plano-nacional-missionario-2012-2016>>.

<sup>16</sup> [https://legado.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/concilio/defesa-da-amazonia-1988](https://legado.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/concilio/defesa-da-amazonia-1988)

brasileiro dedicado exclusivamente ao tema da ecologia” (p. 91). Outro documento histórico do meio evangélico dessa época é a edição especial (nº 216, maio 1992) da revista *Ultimato*, periódico tradicional do meio protestante brasileiro. A capa da edição traz a seguinte chamada: “O planeta na UTI cósmica”<sup>17</sup>. Contudo,

a primeira onda de envolvimento dos evangélicos brasileiros no debate ambiental [no contexto da Eco-92] arrefeceu com a mesma velocidade com que havia atingido seu pico. (...) Ainda que a ocasião tenha servido para que muitas lideranças evangélicas se deparassem pela primeira vez com uma série de fundamentações religiosas do cuidado ambiental, a coisa “não pegou”. (SANTOS, 2023, p. 97)

Santos prossegue afirmando que o tópico ambiental continuou sendo tratado apenas no circuito evangélico dos seguidores da chamada missão integral ou missão holística influenciado pelo Movimento de Lausanne e seus documentos (ver p. 34). Adeptos dessa corrente não são de uma denominação específica, mas a maior parte deles concentra-se no protestantismo histórico de missão e de migração (ver p. 37). No Brasil, um dos principais veículos propagadores das ideias da missão integral e dos documentos de Lausanne foi justamente a Editora Ultimato, que publica, entre outros conteúdos, a revista *Ultimato*.

Fundada em 1968 por Elben M. Lens César (1930-2016), jornalista e pastor presbiteriano, a Ultimato nasceu como um jornal e em 1976 foi transformada em revista. Apesar da identidade presbiteriana de seu fundador, ela segue uma linha editorial evangélica sem viés denominacional. Na década de 1990, a [editora] Ultimato passaria a editar livros relacionados à temática da missão integral, entre os quais se incluem títulos sobre a pauta ecológica. Por cerca de 10 anos (entre 2008 e 2017), a revista continha a coluna chamada “Meio ambiente e fé cristã”, a qual ficou muitos anos sob responsabilidade de Marina Silva, mas que também registrou colaboração de ícones internacionais da missão integral como René Padilla. (...) É justamente com base nas redes que compõem o ecossistema da missão integral que a maioria das iniciativas ecoevangélicas no Brasil – inclusive a que ganhou maior relevância entre elas, A Rocha Brasil – viria a se formar. (SANTOS, 2023, pp. 99-100)

A seguir, fica claro como a Editora Ultimato foi crucial para a formação e para o trabalho d’A Rocha Brasil. Mas o surgimento da organização tem íntima relação com um livro publicado por outra editora, a ABU Editora: a obra de Peter Harris sobre a história do início da organização. *Under the Bright Wings* foi lançado em inglês em 1993 e chegou ao Brasil traduzido para o português em 2001 sob o título *A Rocha: Uma comunidade evangélica*

<sup>17</sup> [https://issuu.com/arochabrasil/docs/ultimato\\_rio\\_92](https://issuu.com/arochabrasil/docs/ultimato_rio_92)

*lutando pela conservação do meio ambiente.* Vale mencionar aqui que a ABUB (Aliança Bíblica Universitária do Brasil), conforme descreve uma das páginas de seu website,

é uma instituição que está intimamente relacionada com a missão integral e que desafia seus participantes a se conscientizarem da necessidade de um mundo melhor. A teologia da missão integral atenta para importância a proclamação do evangelho da salvação, mas também aponta para a obrigação do cristão pela justiça social e pelo cuidado ecológico.<sup>18</sup>

Pois bem, a obra em questão trazia, ao final, um e-mail para contato. Marcos Custódio, que adiante (2006) foi o primeiro presidente d'A Rocha Brasil, foi um dos que escreveram para esse endereço eletrônico após tê-la lido.

Vi que a ABU tinha acabado de traduzir o livro do Peter Harris, li e achei que aquilo era muito pertinente para a realidade brasileira. Fiquei sabendo que já tinha tido alguma articulação para trazer A Rocha para o Brasil, mas não tinha dado certo. Tinha o contato no livro e escrevi para o pessoal d'A Rocha Portugal, bem sem interesse. Era início dos anos 2000. Fiquei muito impressionado de Jonh Stott ser um dos pensadores basilares sobre um movimento a respeito do cuidado com a criação. [Ele escreveu o prefácio do livro.] Algumas outras pessoas do Brasil estavam trocando mensagens com A Rocha Portugal também. Usávamos o e-mail como principal ferramenta. Falávamos de pessoas que tinham interesse no assunto, sobre os fundamentos da missão, fundamento teológico. (CUSTÓDIO, 2023, Anexo 2, p. 115)

Essas trocas de e-mails com o grupo de brasileiros que demonstravam interesse pelo trabalho d'A Rocha International seguiram e, em 2002/2003, A Rocha desafiou alguém daquele grupo a participar da comemoração dos 20 anos da organização e conhecer o trabalho em Portugal. Custódio aceitou o convite.

Fui para lá em junho ou julho de 2003. Não sabia o que iria encontrar. Não havia uma riqueza de detalhes, a Internet ainda era algo incipiente, não havia tantas informações em sites. O evento durou uns dez dias, não foi no centro [d'A Rocha, no Algarve], mas visitamos o centro. Conheci a liderança d'A Rocha Portugal e d'A Rocha International. Eu não era e não sou um especialista da área ambiental. Pensei, ouvindo o Marcel, o Alfredo, da diretoria executiva: “Puxa, que coisa fantástica, é algo que precisa estar no Brasil”. Comecei a considerar que precisávamos levar A Rocha para o Brasil, mas o que seria isso exatamente? (CUSTÓDIO, 2023, Anexo 2, p. 115)

A ideia de Custódio e dos demais que integravam esse grupo inicial foi reunir mais pessoas, criar um núcleo de cristãos evangélicos interessados no cuidado com a criação e em

<sup>18</sup> <https://abub.org.br/2010/07/12/teologia-da-missao-integral>

trazer A Rocha para o País. Ele relata que o movimento protestante brasileiro não contava com nenhuma iniciativa estruturada em prol do meio ambiente. Em termos de literatura, como já mencionado, além do livro de Harris, havia quase nada, e o que havia eram traduções de obras estrangeiras – a obra de Francis Schaffer, *Poluição e a Morte do Homem*, por exemplo, é de 2003.

Percebe-se que o conteúdo das discussões travadas ao longo dos séculos anteriores a respeito do cuidado com a criação (resumidas no item 1.2) em nível mundial passava ao largo. Note: não foi de alguma reunião de liderança protestante, de algum evento de missões ou algo parecido que surgiu a necessidade de se trazer A Rocha para o País, tampouco A Rocha International surgiu dessa forma. Nesse sentido, a organização internacional também foi fruto da articulação de um grupo pequeno de pessoas, ainda que tenham obtido apoio de organizações, líderes e teólogos conhecidos para levar a ideia adiante. Em 2011, quando A Rocha Brasil já tinha cinco anos de existência, Robson Monteiro, então presidente da organização, falou da falta interesse dos protestantes brasileiros em relação ao cuidado com a criação no Relatório Anual 2010 da ONG:

Ao mesmo tempo que nos deparamos com a apatia e o desinteresse dos evangélicos no engajamento pela causa ambiental, encontramos um país entrando de cabeça na busca de soluções e modelos de vida que minimizem o impacto das nossas atividades no meio ambiente. (p. 6)

Voltando a como a organização chegou ao Brasil, os anos de 2004 e 2005 serviram para a articulação desse núcleo. Para tanto, o grupo inicial lançava mão de contatos da ABUB, da Renas (Rede Evangélica Nacional de Ação Social)<sup>19</sup> e de outras organizações.

O livro d'A Rocha começou a circular e o pessoal d'A Rocha começou a dar o nome Marcos, o meu, como referência. Eu falava eventualmente sobre a ideia e o conceito em uma escola dominical, em um evento de sábado à noite e coisas assim. Ia coletando um banco de dados nesses pequenos eventos até 2005. (...) Tive boas conversas com a Jocum, com o pessoal do [acampamento] Jovens da Verdade [ligado à FLAM, Faculdade Latino-americana de Teologia Integral], o que hoje é o L'Abri Brasil, o núcleo base deles, e criei uma rede de relacionamento. Tinha também o núcleo da Aliança Evangélica atual. Então nós começamos a trocar informações e espaços e um movimento foi empurrando o outro. (...) Com o grupo base bem estabelecido, veio o segundo passo, que era estruturar de fato a organização. (CUSTÓDIO, 2023, Anexo 2, p. 115)

---

<sup>19</sup> <https://renas.org.br>

Em 18 de março de 2006, oficialmente A Rocha Brasil é fundada e o CNPJ, emitido. A operação começou de forma muito modesta. Não havia um escritório físico no início, o endereço comercial/jurídico era o da residência dos pais de um dos membros da diretoria, o Paulo Brito, e tanto os membros da diretoria estatutária como os que tocavam a iniciativa eram voluntários. Desde a fundação, tratou-se de uma organização sem fins lucrativos ligada a A Rocha International. Apesar disso, assim como as demais unidades nacionais, ela nasceu a partir de iniciativas locais e com liderança local. Os recursos, desde o início, precisavam ser levantados a partir do Brasil.

O evento de lançamento d'A Rocha Brasil aconteceu meses após a fundação legal em um final de semana de novembro de 2006 no Vale da Bênção em Araçariguama (SP). Na ocasião, apresentou-se ao público o livro *Missão Integral - Ecologia & Sociedade* (mesmo tema do evento, chamado de fórum), organizado por Paulo Brito e Solange Viveiros e publicado pela W4 Editora. A obra conecta temas diversos com a questão do meio ambiente de uma perspectiva cristã brasileira. Peter Harris, o fundador d'A Rocha, e um representante d'A Rocha Peru estiveram presentes. Marina Silva, atual ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima no Brasil no governo Lula, também participou. À época, Marina, que se declara cristã evangélica, ocupava o cargo de Ministra do Meio Ambiente (2003-2008), e Lula também era presidente do Brasil na ocasião. Outro nome que vale ser mencionado é o do pastor Ariovaldo Ramos. Ele integrou o núcleo inicial d'A Rocha Brasil, estava no evento em 2006 – foi, inclusive, um dos palestrantes<sup>20</sup> –, e produziu alguns conteúdos sobre a base teológica a respeito do cuidado com a criação em nome da organização nos primeiros anos de atuação d'A Rocha Brasil. O reconhecido botânico inglês cristão Ghilleen Prance, já com idade bem avançada, foi outra presença importante no lançamento: ele deu ao evento visibilidade.

Raquel Arouca, que estava em Araçariguama e posteriormente integrou a equipe executiva d'A Rocha Brasil, explica que

o lançamento no Brasil foi com uma grande consulta. Foi uma reunião aberta em um fim de semana, e durante o lançamento realizamos a consulta com os presentes para entender qual seria o objetivo d'A Rocha no Brasil, porque muitas seriam as possibilidades de trabalho, mas tínhamos de adequar isso com a própria realidade e recursos financeiros. (AROUCA, 2023, Anexo 1, p. 109)

---

<sup>20</sup> Neste link, é possível assistir à palestra que Ariovaldo Ramos deu no I Fórum Missão Integral – Ecologia & sociedade: <<https://www.youtube.com/watch?v=mGIFkLvWV0U>>.

Nota-se que A Rocha Brasil não tinha um plano claro de atuação quando formada, tampouco um modelo de captação de recursos e de financiamento para as atividades e projetos que desenvolveria. Após essa consulta, o grupo inicial d'A Rocha estabeleceu que o foco da organização seria a igreja local evangélica brasileira, não um projeto para conservação de uma área.

Percebemos que se fôssemos por esse caminho a igreja evangélica não entenderia, não teria adesão. (...) Não tinha envolvimento como igreja evangélica com o cuidado com o meio ambiente. Nem falavam sobre essa temática. Decidimos, então, trabalhar com a base, com a igreja evangélica, tentando mobilizá-la. (AROUCA, 2023, Anexo 1, p. 109)

Silvia Nassif Del Lama, que assumiu a presidência da organização no lugar de Marcos Custódio em 2007 para que ele exercesse a função de Diretor Executivo da ONG, escreveu o seguinte no Relatório Anual 2009<sup>21</sup>, o primeiro publicado pel'A Rocha Brasil:

A organização priorizou seu programa de educação ambiental porque acredita que esse caminho resultará em um número maior de ações sem a intervenção direta da ARB como executora na conservação das áreas. Subsidiaram essa opção as considerações sobre as dimensões continentais de nosso país e o volume das demandas que não poderiam ser atendidas pelo pequeno grupo executor da ARB (p. 4).

Hoje, A Rocha Internacional tem como um dos pré-requisitos para apoiar a formação de uma organização nacional algum projeto prático de pesquisa e conservação de área e/ou espécie envolvendo a comunidade, mas, em 2006, isso não era uma exigência. No Anexo 5 (p. 131), há um resumo de como as vinte organizações nacionais atuam, demonstrando que apenas A Rocha Brasil, enquanto operou, dedicou-se exclusivamente à sensibilização e formação da igreja local.<sup>22</sup> O trabalho d'A Rocha Brasil com a igreja evangélica brasileira, então, envolveria conscientização – isso inclui base teológica – sobre a necessidade de seu envolvimento com o cuidado com a criação, bem como mobilização e apoio para as igrejas encabeçarem projetos em âmbito local. Em 2007,

---

<sup>21</sup> O Relatório Anual 2009 d'A Rocha Brasil está disponível neste link: <[https://issuu.com/arochabrasil/docs/relat\\_rio\\_anual\\_2009\\_a\\_rocha-1](https://issuu.com/arochabrasil/docs/relat_rio_anual_2009_a_rocha-1)>.

<sup>22</sup> As organizações classificadas como amigas d'A Rocha, por sua vez, prescindem de um projeto prático de preservação. Hoje, no Brasil, o Centro Gênesis, a EcoVila Teshuvah, a Reserva Ecológica Verdes Pastos e o Project The Way estão na categoria de organizações amigas d'A Rocha (ver p. 83).

nós nos mantínhamos com voluntários e com o apoio de algumas organizações, como a Editora Ultimato, a ABU, que tinha lançado o livro do Harris; acabávamos fazendo algumas coisas que não demandavam recursos, como material de estudos bíblicos [para as igrejas]. (AROUCA, 2023, Anexo 1, p. 109)

O primeiro financiamento significativo que A Rocha Brasil obteve foi em 2009. Antes disso, como já mencionado, Marcos Custódio deixou a presidência estatutária da instituição para se tornar o Diretor Executivo d'A Rocha Brasil em 2007. Nesse contexto de estruturação, a organização cristã evangélica Tearfund<sup>23</sup>, de origem britânica, solicitou em 2008 que apresentassem um projeto de educação ambiental e mobilização socioambiental voltado especificamente para igrejas das regiões Norte e Nordeste do Brasil. João Martínez da Cruz, que hoje ocupa o cargo de Gestor de Operações Internacionais n'A Rocha International, era quem na Tearfund avaliava os projetos a serem financiados na América Latina na ocasião, função que exerceu até 2014, ano em que a parceria com a Tearfund para o projeto encerrou-se. Ele relata:

Era uma época de muita expectativa, de muita novidade, o cuidado com a criação era algo extremamente novo, então a proposta deles de engajamento com igrejas era considerada algo muito inovador, que chamou muito a atenção. (...) Poder acrescentar ao portfolio de parcerias e projetos um trabalho com igrejas locais com uma temática muito nova, principalmente relacionada com todo o diálogo sobre mudança climática, seria muito expressivo. (MARTÍNEZ, 2023, Anexo 3, p. 123)

Apesar de a parceria com a Tearfund ter sido iniciada em 2009, desde 2007 já estava em andamento o projeto d'A Rocha “Educação ambiental e mobilização socioambiental nas igrejas evangélicas brasileiras” ou apenas “Programa de Educação Ambiental – PEA”. A primeira ação concreta dele ocorreu em março de 2008, quando foram distribuídos junto com a edição 311 da *Revista Ultimato*, um dos principais meios de comunicação do público evangélico do País, um encarte<sup>24</sup> contendo quatro estudos bíblicos sobre o cuidado com a criação cujo conteúdo foi produzido pelo teólogo Timothy Carriker, capelão d'A Rocha Brasil desde 2008 até o encerramento das atividades da organização. As ações financiadas pela Tearfund seguiram as mesmas diretrizes do PEA, cujo nome mudou para Rede de

---

<sup>23</sup> <http://tearfundbrasil.org>

<sup>24</sup> Neste link é possível acessar o conteúdo do caderno que foi distribuído: [https://issuu.com/arochabrasil/docs/caderno\\_pea](https://issuu.com/arochabrasil/docs/caderno_pea).

Transformação (ReT)<sup>25</sup> a partir de 2010. Durante a parceria com a Tearfund, as ações da ReT foram direcionadas para seis Estados: Acre, Amazonas, Ceará, Maranhão, Pará e Rio Grande do Norte.

A ReT foi, sem dúvida, o projeto mais importante d'A Rocha Brasil e sua melhor vitrine. Enquanto patrocinada pela Tearfund (2009-2014), a ReT ofereceu 72 oficinas de capacitação em 12 cidades do Norte e do Nordeste com a participação de 1.428 pessoas. A equipe executiva d'A Rocha envolvida na ReT contou com profissionais de ponta, dentre os quais Andrea Ramos, ecóloga com especialização em Educação Ambiental; Gínia César Bontempo, bióloga com pós-doutorado em Conservação da Natureza e Raquel Arouca, bióloga e doutora em Educação Ambiental. Por conta disso, era possível

[auxiliar] com um diagnóstico comunitário a partir de coleta de dados, propúnhamos ações práticas e disponibilizávamos ferramentas de acordo com a realidade do que era possível para o local, do que a igreja daria conta de fazer. Insistíamos muito em desenvolvimento comunitário, trabalhar em algo que fosse importante para a comunidade. (AROUCA, 2023, Anexo 1, p. 109)

A ReT apoiou financeiramente algumas iniciativas práticas – de baixo custo e com impacto local – de comunidades cristãs. Três foram selecionadas a partir de um edital: (1) em São Luís (MA), transformavam resíduos orgânicos em adubo; (2) em Ibiapina (CE), o projeto era de geração de renda a partir de reciclagem; (3) em Ananindeua (PA), construiu-se um parque infantil com materiais de reuso. Outras iniciativas iniciadas a partir da ReT são uma fábrica de vassouras feitas com garrafas pet fundada em 2009 em Natal (RN) com o apoio do parceiro local da ALEF (Associação de Líderes Evangélicos de Felipe Camarão)<sup>26</sup> e, nessa mesma cidade, também por influência da ALEF, uma horta comunitária organizada pela Igreja de Cristo no Brasil dentro de um centro municipal de educação infantil.

[A ReT ministrava] oficinas com metodologias participativas para grupos que eram por nós desconhecidos [os parceiros locais é que tinham o banco de dados dos possíveis interessados e os convidavam]. O trabalho durava um ou dois dias. Começava a partir da Bíblia. Solicitamos ao Timóteo [Timothy Carriker] que ele preparasse quatro estudos bíblicos com o tema “Por que é importante nos envolvermos com o cuidado com a criação?”. Disponibilizávamos para os grupos. Deixávamos um

<sup>25</sup> Neste link é possível acessar o relatório final do projeto ReT publicado em 2015: <[https://issuu.com/arochabrasil/docs/caderno\\_rede\\_de\\_transformacao\\_6b1d3b3627b01d](https://issuu.com/arochabrasil/docs/caderno_rede_de_transformacao_6b1d3b3627b01d)>.

<sup>26</sup> Neste link é possível assistir a um breve vídeo da pequena fábrica com uma explicação sobre o processo: <<https://www.youtube.com/watch?v=k4SwMQ-spx0>>.

kit: os quatro estudos bíblicos, o caderno de educação e mobilização (...) tanto para o público adulto como para o público infanto-juvenil, um DVD com mensagens cristãs e da problemática socioambiental e o livro *Jesus e a Terra: A ética ambiental nos evangelhos*. Na mensagem que passávamos, incluíamos a questão social. (...) Eles [A Rocha International] até estranharam porque era tão importante isso no contexto do Brasil, (...) esclarecíamos muitas dúvidas. Agora, quando a pessoa aceita assistir a uma oficina assim, ela já tem uma predisposição para ouvir sobre o tema. (BONTEMPO, 2023, Anexo 4, p. 127)

O conteúdo desse kit será apresentado com mais detalhes no item 2.3 a seguir (ver p. 66). O livro *Jesus e a Terra: A ética ambiental nos evangelhos*, foi publicado pela Editora Ultimato em parceria com A Rocha Brasil, bem como o título *Assim na terra como no céu: Experiências socioambientais na igreja local* (2011). O objetivo das obras seria despertar o envolvimento da igreja brasileira para o cuidado ambiental. A venda dos títulos também poderia gerar algum recurso para a ONG, mas o valor obtido por meio das vendas não era significativo.

Além de ter financiado o projeto Rede de Transformação, a Tearfund apoiou financeiramente a Rocha Brasil em seu protagonismo com a iniciativa Igrejas Ecocidadãs, cujo objetivo principal foi a mobilização dos evangélicos para a Rio +20, a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável que aconteceu em junho de 2012. De acordo com o site do movimento<sup>27</sup>, o Igreja Ecocidadãs queria “envolver a igreja nas discussões socioambientais e assim contribuir para que a agenda socioambiental seja [fosse] também parte da agenda da igreja”. O Igreja Ecocidadãs distribuiu material de sensibilização/mobilização físico e digital (por meio do Facebook e do Twitter), promoveu um dia nacional de oração, um jejum de carbono de 40 dias – agenda de meditação e de ações para a redução da emissão de carbono –, e levou à Rio +20 um grupo de 83 parceiros representantes, todos identificando-se como cristãos evangélicos, para participar da Cúpula dos Povos (um pré-evento da conferência), sendo que 19 deles também acompanharam como ouvintes o congresso da ONU. O Igreja Ecocidadãs seguiu por mais dois anos (2013 e 2014), mas não foi adiante quando o financiamento da Tearfund cessou.

Da mesma forma que o Igreja Ecocidadãs, após o fim da parceria financeira com a Tearfund em 2014, a ReT teve dificuldades para seguir adiante. Foi feito um trabalho no Sul e no Sudeste com o apoio da ONG Missão Aliança. Contudo, esse apoio não envolvia o aporte de fundos, e o projeto tornou-se inviável anos depois. A dificuldade na captação de fundos, aliás, apontada como o motivo do encerramento das atividades d'A Rocha Brasil em 2020,

<sup>27</sup> O endereço era o [www.igrejasecocidadas.org.br](http://www.igrejasecocidadas.org.br), mas está fora do ar.

sempre esteve presente ao longo da atuação da organização. Dados sobre a receita total obtida pela ONG constam de relatórios públicos dos anos 2009 a 2016 (não há relatórios públicos dos anos 2006-2007 e 2017-2020), contudo, só foram divulgados nesses relatórios os montantes dos anos 2008 (R\$ 117.020,87), 2009 (R\$ 187.048,22), 2010 (R\$ 254.853,30), 2011 (R\$ 121.426,44) e 2016 (R\$ 124.291,00). Os relatórios dos demais anos trazem apenas um gráfico apontando o percentual da procedência da receita (por exemplo, nos anos de 2012 e 2013, 82% das receitas foram provenientes de projetos e parcerias e 18%, de doações, venda de materiais e outras fontes). Segundo Marcos Custódio,

a igreja não colocava recursos como acontecia em outros lugares. No Brasil nunca conseguimos recursos importantes. Para você ter ideia, nunca chegamos a ter dez igrejas que contribuía, no máximo cinco igrejas. Puxa, cinco igrejas? E tivemos contato com umas mil igrejas! E doavam quantias irrisórias. Nunca deu para manter A Rocha com isso. Havia muita concorrência, muita igreja recebendo pedidos: crianças, viciados, missões... (Anexo 2, p. 115)

O ex-executivo da organização relata que, em termos de igrejas evangélicas brasileiras financiando e envolvidas com projetos específicos, A Rocha Brasil contava apenas com a Igreja Batista de Água Branca (IBAB), em São Paulo (SP)<sup>28</sup>, e a Igreja Presbiteriana de Viçosa (MG). “Isso representava 10% a 15% do total arrecadado [para projetos], o restante provinha, quase tudo, da Tearfund (...). Ficamos muito limitados à Tearfund” (Ibid. p. 115). Isso porque A Rocha Brasil disputava recursos das igrejas evangélicas com organizações sociais e missionárias.

Como iam investir n’A Rocha se havia um lar de idosos? É como o raciocínio de não se poder gastar com veterinário se há pessoas da fila do SUS. A temática chamava atenção, éramos chamados para falar em eventos como o da Associação de Professores Cristãos com 2 mil, 3 mil pessoas, em seminários, mas entre achar o tema legal e contribuir há uma distância muito grande. No [seminário] Betel Brasileiro, por exemplo, ouvi de um grupo de estudantes: “O que é mais importante, cuidar de uma criança pobre ou cuidar de uma área?”. É uma dicotomia comum na cabeça das pessoas. (CUSTÓDIO, 2023, Anexo 2, p. 115)

---

<sup>28</sup> O Projeto Betari, de conversação e transformação a partir da comunidade, aconteceu em Iporanga/SP (no entorno do Parque Estadual Turístico do Alto do Ribeira – PETAR). Envolvia monitoramento da água do Rio Betari, restauração da mata ciliar, conservação da palmeira-juçara e fauna associada e educação ambiental de crianças e jovens. Começou em 2012 e no ano do último Relatório Anual da ONG (2016), estava ativo.

Gínia Bontempo, que atuou na equipe executiva d'A Rocha Brasil, reforça a não priorização da temática ambiental pela igreja evangélica brasileira como a raiz do problema, pois, segundo ela, a dificuldade financeira não provinha de um desconhecimento da ONG sobre como levantar recursos. “A temática não era prioridade da igreja, havia as necessidades das próprias igrejas, a pobreza, a falta de saneamento básico” (BONTEMPO, 2023, Anexo 4, p. 127).

Arouca, por sua vez, avança para outra camada: a leitura bíblica sobre a temática ambiental levaria ao desengajamento da igreja evangélica brasileira com o cuidado com a criação. Ela afirma que a teologia da igreja evangélica brasileira

trata de salvar almas, não se importa em como as pessoas vivem aqui na Terra. (...) Já ouvi até que a temática do meio ambiente é coisa de Nova Era, um modismo, e que a igreja não pode se envolver com isso. Essa leitura do que é o meio ambiente, de que isso [o planeta Terra] é algo passageiro, o distanciamento dos elementos naturais, isso atrapalha o trabalho. (AROUCA, 2023, Anexo 1, p. 109)

Para que o termo “igrejas evangélicas” não fique tão genérico (ainda que no item 1.3 ele tenha sido delimitado), ao ser questionada se as oficinas da ReT foram ministradas a líderes de igrejas pentecostais ou neopentecostais, Arouca explica que o conteúdo d'A Rocha Brasil, salvo exceções, não era abraçado por esse segmento, muito por conta da visão escatológica que essas igrejas têm ligada ao dispensacionalismo (ver p. 41). Então, “começamos a tender para as denominações tradicionais: batista, presbiteriana, anglicana, metodista...”, afirmou ela. Custódio conta que eles chegaram a ter contato com igrejas neopentecostais como a Igreja Internacional da Graça de Deus, fundada por R. R. Soares, e com o ambiente católico. Mas,

com as [denominações] históricas, por questões de maior aprofundamento teológico, sempre foi mais fácil, mas hoje [o meio ambiente] é tratado como um assunto liberal, a galera se desinteressou de forma geral. Ficou mais em cima de grupos evangélicos de ambientes, digamos, mais arejados. (CUSTÓDIO, 2023, Anexo 2, p. 115)

Antes de passar a outro tópico relacionado às dificuldades enfrentadas pel'A Rocha, faz-se necessária uma breve contextualização. O termo liberal mencionado por Custódio no parágrafo anterior – que ele ligou a grupos evangélicos por ele classificados como mais arejados, que, por sua vez, seriam os que têm maior engajamento com o cuidado ambiental –, teria relação com o acirramento da polarização política no País ocorrido especialmente após as manifestações de rua de junho de 2013, quando Dilma Rousseff exercia seu segundo

mandato como presidente. Estes são alguns fatos do período em que A Rocha Brasil atuou no País: o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff (2016), o ápice da operação Lava Jato com a condenação (2017) e a prisão (2018) de Luiz Inácio Lula da Silva, a ascensão de uma direita radical que culminou na eleição do presidente Jair Bolsonaro (2018) e no fortalecimento de movimentos antidemocráticos. Como pontuou AROUCA (Anexo 1, p. 109),

a polarização atrapalhou demais, porque uma coisa que se percebeu é que a temática [do meio ambiente] passou para o campo da política. As pessoas passaram a associá-la a nomes e a partidos, a taxá-la de progressista, de esquerda. E é uma temática de Jesus.

Apesar do desabafo final da bióloga no parágrafo anterior, o público protestante evangélico brasileiro, mesmo os de denominações tradicionais, com a polarização política, passou a associar ecologia, meio ambiente, a uma causa “de esquerda”. Na verdade, a polarização exacerbou esse rótulo. Desde o início d’A Rocha Brasil, o fato de organizações mais alinhadas com a chamada teologia da missão integral (Editora Ultimato, ABUB, Renas etc.) serem as que fomentavam a necessidade de os cristãos cuidarem da criação já causava certo desconforto por parte de alguns cristãos.

Custódio conta que ele próprio chegou a participar de eventos do Instituto Presbiteriano Mackenzie enquanto Diretor Executivo d’A Rocha Brasil, mas diz que hoje isso seria impensável. Nesse sentido, percebe-se que a proposta d’A Rocha estaria em linha com a tradição do evangelho social (ver p. 42 e análise no conteúdo d’A Rocha Brasil no item 2.3, p. 66), sendo que, segundo relatam os entrevistados d’A Rocha para esta pesquisa, a maior parte do público evangélico brasileiro, e aqui incluem-se também muitos cristãos de denominações protestantes históricas, não apenas os pentecostais e neopentecostais – abraça as ideias da tradição fundamentalista (ver p. 42). De forma recorrente o foco na relação homem-Deus é citado nas entrevistas realizadas: “No Brasil, entendem que nossa missão cristã é a de salvar vidas humanas, há uma falta de compreensão de uma visão holística, a visão do que significa o reino de Deus, a criação de Deus” (MARTÍNEZ, 2023, Anexo 3, p. 123). Outra característica citada por Keller a respeito do evangelicalismo fundamentalista (ver p. 42) – a rejeição ou aversão à erudição, causando rejeição a resultados de pesquisas científicas, também foi identificada por Bontempo enquanto atuou com educação ambiental junto ao público evangélico brasileiro: “Tem gente que afirma que mudanças climáticas são uma falácia” (2023, Anexo 4, p. 127). O individualismo, outra marca enumerada por Keller, apareceu na fala de Custódio: “Mesmo quando havia abertura, entre entender e gerar uma



### 2.3. Conteúdo – a obra *Jesus e a Terra: A ética ambiental nos evangelhos e outros textos e vídeos publicados pel'A Rocha Brasil*

Os dois primeiros tópicos deste capítulo trouxeram um resumo de como a organização surgiu em Portugal, internacionalizou-se e chegou ao País em 2006. Descreve-se também como se deu a atuação d'A Rocha Brasil enquanto ativa – seus principais projetos e os desafios que enfrentou. Esta seção da pesquisa, por sua vez, dedica-se a apresentar e fazer uma breve análise (sem se aprofundar em questões teológicas) de alguns dos conteúdos que A Rocha disseminou, especialmente aqueles que integraram o kit que a Rede de Transformação deixava com os participantes das oficinas que realizou, a saber: caderno “Educação Ambiental e mobilização ambiental em igrejas evangélicas brasileiras”, cartilha “Cuidando da Criação”, DVD “O reencontro com a criação”, livros *Jesus e a Terra: A ética ambiental nos evangelhos* e *Assim na terra como no céu: Experiências socioambientais na igreja local*.

#### 2.3.1. Caderno “Educação Ambiental e mobilização ambiental em igrejas evangélicas”<sup>31</sup>

Esse material foi criado para ser um encarte físico de oito páginas da edição 311 (março-abril 2008) da Revista Ultimato e depois fez parte do kit distribuído nas oficinas ministradas na ReT. O caderno continha uma explicação sobre o que era a organização e seu propósito e, na sequência, quatro estudos bíblicos dentro do tema “Missão integral e a mordomia da criação”.

A título de curiosidade, vale mencionar que o encarte contava com um cartão-resposta físico que podia ser enviado pelos Correios (também disponível para ser preenchido eletronicamente). A ideia era que as igrejas locais, após terem realizado os estudos bíblicos propostos, aderissem ao “Programa educação ambiental e mobilização social das igrejas evangélicas brasileiras”. Propunha-se que as igrejas contribuíssem com 1 a 3 salários-mínimos para aderir ao programa, a contrapartida oferecida era o envio de um kit com DVD, folhetos, o livro *Jesus e a Terra*, cartazes educativos e um guia prático para elaboração de

---

[20ambiental%20encerra%20suas%20atividades,-  
Por%20Phelipe%20Reis&text=Após%2013%20anos%20de%20atuação,Brasil%20encerra%20oficialmente%20  
suas%20atividades.](#)

<sup>31</sup> O caderno está disponível neste link: <[https://issuu.com/arochabrasil/docs/caderno\\_pea](https://issuu.com/arochabrasil/docs/caderno_pea)>.

projetos socioambientais. Além disso, as igrejas que aderissem ao programa contariam com uma consultoria técnica d'A Rocha Brasil para projetos dessas igrejas.

O autor dos estudos bíblicos do caderno foi o teólogo Timothy [Timóteo] Carriker, estadunidense naturalizado brasileiro que atuou como capelão n'A Rocha Brasil e hoje atua no movimento Renovar Nosso Mundo.

Na apresentação da organização, lê-se:

A Rocha Brasil acredita que, para o pleno exercício da missão integral, os crentes precisam resgatar o seu papel como mordomos da criação, atendendo ao mandato cultural (Gn 2:15) e, ao mesmo tempo, socorrendo os mais atingidos pela degradação da natureza.

Nesse início sobre a ONG, chamam a atenção os termos “missão integral” – indicando que o cristão deveria anunciar o evangelho e agir –, “mordomos da criação” – que denota algo bem distinto de exercer domínio, e “socorrendo” – que traz uma intersecção da degradação do meio ambiente com problemas sociais.

Passando para a introdução aos quatro estudos bíblicos, valem menção os seguintes pontos: a Bíblia como a Palavra de Deus e autoridade última, a narrativa bíblica apresentada como um grande drama, a visão escatológica que afirma a recriação deste mundo e o papel do ser humano no processo de redenção da criação. Eles evidenciam de forma clara a sinergia do conteúdo d'A Rocha Brasil com a proposta apresentada no item 1.4.

O primeiro dos quatro estudos, cujo título é “Jardineiros de Deus! Privilégio e responsabilidade para com o meio ambiente”, tem por base os relatos sobre a criação em Gênesis 1 e 2. Impressiona a quantidade de artigos, dissertações, teses e livros que tratam do tema do meio ambiente tendo esse trecho do livro sagrado do cristianismo como referência. Carriker abre com a seguinte frase: “O destino e o bem-estar da criação estão entrelaçados com o destino humano”, ou seja, o ser humano deve compreender que a destruição do meio ambiente significa, também, a sua própria. Em seguida, pontua que a criação não visa o deleite do ser humano, mas a glória de Deus, contrapondo a visão de domínio sobre a criação sobre a qual muitos cristãos (e não cristãos) baseiam seu estilo de vida. Muito bem articulada é a primeira pergunta para discussão que ele traz: após citar o texto bíblico sobre o homem ter sido criado à imagem de Deus, ele questiona: “Quais são as semelhanças entre a relação ser-humano-criação e a relação Deus-criação? Quais as diferenças?”. Ora, da forma como se coloca, a Rocha propõe, logicamente, nada menos que o ser humano deveria cuidar da criação como Deus dela cuidaria.

O segundo estudo, intitulado “Imitadores de Jesus”, baseado em João 1:1-5, mostraria como isso seria possível. “Se, como seres humanos, fomos criados à imagem e semelhança de Deus, como cristãos, somos exortados a ser imitadores de Jesus. (...) Ou seja, Jesus é nosso referencial o nosso modelo”, diz o conteúdo. Apesar de os estudos do caderno tentarem não entrar em discussões teológicas mais profundas, o texto de Colossenses 1:23 é mencionado neste, lembrando os alunos-leitores que na cruz Jesus reconciliou toda a criação e, assim, já anunciou todo o evangelho a ela, uma clara referência ao reino de Deus “já/ainda não” inaugurado, período atual no qual a igreja daria continuidade à missão de Jesus (ver p. 40).

No terceiro estudo – “Libertados e libertadores pelo Espírito” – evidencia-se o cuidado com a criação como incumbência humana “desde o princípio”. O argumento para tal estaria em Romanos 8:19-25, que afirma que os filhos de Deus são guiados pelo Espírito e, na condição de filhos, seriam herdeiros com Cristo. Aí o autor parte para a desconstrução de uma ideia anteriormente apresentada (citada algumas vezes) que seria um dos empecilhos para o engajamento da igreja com o cuidado ambiental: a de que essa herança estaria vinculada exclusivamente à salvação da alma, em garantir um lugar no céu. Segundo Carriker, quando o texto fala de uma herança gloriosa (Rm 8:18), ele contrasta o sofrimento atual com a sorte da criação toda, ou seja, essa herança gloriosa envolve toda a criação restaurada, não almas humanas de forma específica. Na sequência, ele aponta os seres humanos como “causa dos problemas ambientais” por conta da corrupção do pecado original. A cartilha elenca neste tópico desperdício e superexploração dos recursos naturais como algumas das consequências da pecaminosidade humana, sendo que os filhos de Deus, em particular, ou seja, os cristãos, teriam “a incumbência especial de desencadear o processo de ‘libertação’ da criação – ele chama a atenção para a palavra “criação” em vez de “criatura” no texto de 2Co 5:17.

O último dos quatro estudos do caderno trata de outro tópico do protestantismo que, segundo relatado pelos que atuaram n’A Rocha Brasil (bem como em inúmeros artigos em nível mundial), também atrapalharia em demasia a adesão dos evangélicos no cuidado com a criação: a visão escatológica de que a terra será exterminada. A Rocha Brasil apresenta outra linha, a de que este mundo será recriado. Eis o que o caderno ensina sobre isso:

No Novo Testamento a visão apocalíptica da criação pressupõe não apenas o seu julgamento (2Pe 3:1-12), mas também e ultimamente a sua renovação. Como o ser humano (suas obras, seu corpo) passará por julgamento e “fogo” (1Co 3:12-15), também a criação passará pelo fogo do julgamento. Porém, da mesma forma que ainda haverá uma continuidade entre os nossos corpos atuais e os corpos ressuscitados (1Co 15: 35-58), assim também será com toda a criação, da qual fazemos parte. Ou seja,

como Deus prometeu depois do dilúvio, nunca mais ele realizará tal destruição (Gn 9:15)! O propósito de Deus é criar novo céu e nova terra, ou melhor, recriar este céu e esta terra, da mesma forma que recria os seguidores de Cristo em nova humanidade, ou melhor, recria nossas mesmas pessoas em pessoas renovadas.

Em Cristo, somos “nova criação” (literalmente a expressão usada em 2Co 5:17, e não “novas criaturas”; veja também Gl 6:15), isto é, pessoas recriadas e renovadas, porém com os mesmos corpos. Novo homem não é outro homem material. E o mesmo se aplica a toda a nova criação. Haverá um final feliz, do qual somos convidados a participar. Porém, precisamos fazer a nossa parte, muito importante, para a renovação da criação. Este não é papel de Deus? Sem dúvida! Mas, assim como ele nos chama para evangelizar e é ele quem salva, também nos chama para renovar a criação, ainda que o autor do novo céu e nova terra seja Ele.

Será que a estratégia de contrapor uma linha “inadequada” a outra “adequada” foi um bom caminho para gerar engajamento dos protestantes brasileiros com a causa d’A Rocha Brasil? Não seria essa uma questão divisiva que implicaria a perda de boa parte do público protestante? Até que ponto a massa média protestante conseguiu acompanhar essa argumentação teológica?

De qualquer forma, percebe-se um alinhamento muito grande entre as ideias apresentadas no item 1.4 e as d’A Rocha Brasil apresentadas no caderno “Educação Ambiental e mobilização socioambiental em igrejas evangélicas”.

Vale comentar ainda que, ao final de cada estudo, o caderno propõe sugestões de como professores de crianças e adolescentes (bem como pais e responsáveis) poderiam abordar tal tópico.

### 2.3.2. Cartilha “Cuidando da Criação”<sup>32</sup>

Raquel Arouca, executiva da organização responsável pelos programas de educação ambiental junto às igrejas, e Cinthia Vieira, pedagoga, são as autoras desse material voltado a crianças de 7 a 12 anos. Há uma cartilha para as crianças e outra cartilha que serve como material de apoio aos educadores.

Talvez o que mais chame a atenção nesse material seja o distanciamento de temas teológicos e a proposição temas e de ações práticas que poderiam (ou deveriam) ser estudados e praticados por crianças em qualquer lugar no planeta independente de sua crença religiosa.

<sup>32</sup> A cartilha está disponível neste link: <[https://issuu.com/arochabrasil/docs/cartilha\\_cuidando\\_da\\_criacao](https://issuu.com/arochabrasil/docs/cartilha_cuidando_da_criacao)>.

A cartilha traz oito propostas de encontros. O material pode ser facilmente aplicado em aulas de escola bíblica dominical, uma prática muito comum em igrejas evangélicas de todo o mundo – a comunidade de fiéis divide-se em classes (por faixas etárias, gênero ou temas) para o estudo do livro sagrado cristão em um momento que não o da celebração/culto.

O texto de introdução da cartilha traz os principais pontos que A Rocha Brasil ensina à igreja evangélica brasileira – (A) o cuidado ambiental é parte da missão cristã; (B) a Bíblia como a grande narrativa da redenção; (C) a visão escatológica de que o mundo será restaurando; (D) a salvação engloba toda a salvação, não apenas almas humanas, (E) a ideia do reino de Deus já/ainda não inaugurado, (F) o papel do cristão participando do *Missio Dei* – com linguagem adequada ao público-alvo, como identificado a seguir:

Olá, você acha importante cuidar da natureza? O que nós, cristãos, temos a ver com esse tema? Se pensarmos bem...tudo! (A)

Ao lermos nossa Bíblia, percebemos que ela começa e termina falando sobre a criação; Gênesis começa contando que Deus criou tudo e Apocalipse termina contando o que acontecerá no fim! (B)

Sabemos que Deus vai restaurar todas as coisas. Esta é a nossa esperança! (C) E ele nos chama para fazer parte deste plano redentor, que inclui toda a criação (seres humanos e a natureza!) (D) Logo, há muito trabalho pela frente, afinal, os dados sobre a “saúde” da criação não são nada animadores. A cada ano mais poluição, mais animais em extinção e em risco de extinção, mais consumo desenfreado, mais produção de lixo não degradável, mais desmatamento, menos água limpa...

Mas nem tudo está perdido. Vemos sinais de um novo tempo que está por vir (E) quando nos deparamos com os encorajadores textos bíblicos a este respeito. Também são sinais as histórias de engajamento de homens, mulheres e crianças, redimidos por Cristo, que estão trabalhando na transformação deste mundo. (F)

E você, não vai ficar de fora, não é?

Os temas dos encontros, como mencionado, trazem, por assim dizer, novidades quando os comparamos com outros materiais utilizados pela A Rocha Brasil. Além de textos bíblicos, uma versão adaptada para crianças da Carta da Terra, documento lançado em 1992 na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, aparece como um dos textos-base. Seria algo não digno de nota não fosse *Sola Scriptura* [Somente a Escritura] um dos pilares da Reforma Protestante (ver p. 26). Teria algum líder de igreja questionado a inclusão desse texto-base? Os tópicos da Carta da Terra adaptada são os seguintes: (1) Conheça e proteja as pessoas, animais e plantas, (2) Respeite a vida e qualquer ser vivo, os direitos das pessoas e o bem-estar de todos os seres vivos, (3) Utilize com cuidado o que a natureza nos oferece: água, terra, ar... E defenda a ideia de que todos têm direito a esses bens naturais, (4) Mantenha limpo o lugar onde você vive, (5) Defenda a ideia de que

todos devem ter comida, família, escola, brinquedos... (6) Sim para a paz e não para a guerra e (7) Estude as coisas que o ajudarão a conviver melhor com as outras pessoas e com o nosso planeta.

Os temas dos oito encontros propostos na cartilha, por sua vez, são: (1) E Deus viu que tudo era bom, (2) A obediência para benefício de toda criação (nesse tópico, falam de acordos e instruções que há na Bíblia e daí trazem “A Carta da Terra” como um acordo para o bem comum, algo pouco usual na tradição protestante), (3) Cuidar e guardar: qual é o seu jardim?, (4) Água para todos, (5) Disse Deus; haja lixo?, (6) Chamados para uma vida simples: onde está o seu tesouro?, (7) Cuidando do amanhã: pensando globalmente e agindo localmente e (8) Nossa esperança – Deus vai restaurar todas as coisas.

As tarefas práticas propostas estimulam o contato das crianças com a natureza e a contemplação da criação, algo também não muito presente na tradição protestante tradicional. Outro ponto não usual é o incentivo a um pensamento crítico em relação às desigualdades sociais: a cartilha traz dados sobre a distribuição inigualitária de água entre ricos e pobres, fala sobre a lei a respeito de aterros sanitários e incentiva as crianças a verificarem se ela vem sendo cumprida no lugar onde moram. É muito mais comum encontrar estudos e pregações com base em Romanos 13:1 para que os cristãos se submetam à autoridade dado que ela teria sido instituída por Deus.

O encontro 7 apela para uma vida mais simples, desconstruindo a ideia antropocêntrica de que a criação está a serviço do ser humano. Para tanto, um poema de Gióa Júnior, um cristão brasileiro, traz exemplo de como Jesus não era um consumidor voraz. Pelo contrário, “Nada era dEle”, como diz o título. Na primeira parte dele, lê-se:

Disse um poeta um dia,  
fazendo referência ao Mestre amado:  
“O berço que Ele usou na estrebaria,  
Por acaso era dEle”? Era emprestado

E assim os versos seguem falando do jumentinho, do pão multiplicado, do barquinho, do quarto em que ceou com os discípulos, do túmulo em que seu corpo foi colocado e por aí vai. Jesus seria o maior exemplo de alguém que reusa as coisas. Olhar para como Jesus lidou com o meio ambiente, aliás, é o mote principal da obra *Jesus e a Terra* analisada adiante.

### 2.3.3. DVD “O reencontro com a criação”<sup>33</sup>

Esse conteúdo audiovisual foi produzido para compor o kit entregue nas oficinas realizadas pela ReT. Com duração de cerca de 16 minutos, ele era também exibido nas oficinas. Ele foi disponibilizado no canal do YouTube da organização, ainda ativo.

A seguinte afirmação abre o vídeo: “A esperança de Deus é que os seres humanos, ao sentirem o gemido das demais criaturas, tomem uma posição pela recuperação do planeta e pela sustentabilidade ambiental”. A frase, impactante, proferida pelo pastor Ariovaldo Ramos, traz algumas implicações implícitas: Deus espera que os seres humanos se envolvam com o cuidado ambiental; a crise ambiental é evidente, as demais criaturas gemem; o planeta será recuperado; temos de agir pela sustentabilidade ambiental, e apesar de não se explicar o conceito de sustentabilidade, fica implícito um modo de viver em que os recursos naturais não sejam superexplorados.

Após Silvia Nassif, então presidente d’A Rocha Brasil, bem como Marcos Custódio e Gínia Bontempo, executivos da organização, mostrarem-se em breves falas, o vídeo traz o exemplo de como uma comunidade cristã local, a Igreja Metodista Livre da Saúde<sup>34</sup>, pensou e colocou prática o projeto Reação, cujo propósito foi envolver sua comunidade no cuidado da criação. O Reação se destaca pela singeleza e simplicidade – em uma das falas de um dos jovens no vídeo, ele relata que há pessoas na igreja que não fechavam a torneira após lavar as mãos, outro fala do consumo em excesso e outro chama a atenção para o fato de o tema “ter a ver com Deus”. O Reação está longe de entrar em discussões teológicas profundas com seus membros, tampouco propõe ações complexas ou de amplo impacto. Nesse sentido, ele testemunha a conclusão a que se chegou na consulta promovida no evento de inauguração d’A Rocha Brasil: a igreja evangélica brasileira precisa ser conscientizada sobre o básico em relação ao cuidado com a criação, ela sequer compreende que o tema teria “a ver com Deus”. Os jovens da Igreja Metodista Livre da Saúde realizaram por meio do projeto Reação, em torno do ano de 2010, oficinas com os membros da comunidade cristã sobre redução, reutilização e reciclagem, coletaram óleo de cozinha usado com o qual fizeram sabão, distribuíram sacolas de tecido reutilizáveis para que os fiéis renunciassem às sacolas plásticas, coletaram brinquedos e os redistribuíram para reuso e coletaram latas de alumínio. São ações de impacto local baseadas em conceitos teológicos simples. Vale mencionar que o pastor

<sup>33</sup> O vídeo está disponível neste link: <<https://www.youtube.com/watch?v=QvEDU7rN2tQ>>.

<sup>34</sup> <https://imelsaude.org.br>

dessa comunidade, Ziel Machado, sempre teve um envolvimento forte com a ABUB, que tanto incentivou o trabalho d'A Rocha: em 2024, ele é membro do conselho consultivo dessa organização estudantil cristã.

Além do exemplo da igreja em São Paulo, o vídeo “O reencontro com a criação” traz o pastor Ariovaldo Ramos para defender teologicamente o engajamento dos cristãos com a causa ambiental. Ele afirma que a Bíblia seria o livro da causa socioambiental uma vez que toda a criação foi orquestrada por Deus. A argumentação segue valorizando a criação e desconstruindo a ideia de que “essa terra não presta” e por isso seria destruída. Em todos os materiais d'A Rocha Brasil, a visão escatológica de continuidade (novos céus e nova terra renovados) versus descontinuidade (outros céus e outra terra porque essa será destruída) aparece. “Temos de preservá-lo (o planeta) o máximo possível para que a renovação seja apenas a necessária”, afirma Ramos.

A forma como ele defende o outro ponto crucial – a salvação cósmica e não apenas das almas humanas – foi bem didática e criativa. Ele afirma que, pessoalmente, teve duas conversões: a primeira ao Deus da Salvação, quando ele teria compreendido o sacrifício vicário de Cristo para perdão de seus pecados pessoais, e, adiante, a conversão ao Deus da Criação, quando ele teria compreendido a amplitude da dimensão da redenção que o sacrifício de Jesus Cristo abarca. “Ele [Jesus] veio para salvar tudo o que ele criou”, explica o pastor e teólogo.

Marina Silva é outra pessoa que aparece no vídeo. Grosso modo, ela ressalta a dicotomia palavras versus ações, afirmando que o desafio seria os cristãos entenderem que os valores do reino precisam se materializar em todas as suas ações, ou seja, na forma como os cristãos cuidam do meio ambiente. A expressão missão integral também aparece nesse material.

#### 2.3.4. *Livros Jesus e a Terra: A ética ambiental nos evangelhos*

A obra foi escrita por James Jones, bispo anglicano da diocese de Liverpool, na Inglaterra, em 2003. Ela foi publicada no Brasil em 2008 pela Editora Ultimato por influência da equipe d'A Rocha Brasil e seu conteúdo foi uma das principais referências da organização para o embasamento teológico em prol de um engajamento da igreja evangélica brasileira com o cuidado da criação.

O livro foi escolhido para compor o kit distribuído nas oficinas ministradas pela ReT justamente por ter Jesus e passagens no Novo Testamento como referência, pois

trazer Jesus para a jogada é um divisor de águas. Lidar com a questão do meio ambiente nas parábolas traz uma abertura enorme, falar sobre o que a sociedade prega e comparar com o que Jesus prega como modelo de sucesso. O diálogo flui mais facilmente. (AROUCA, 2023, Anexo 1, p. 109)

O livro, justamente, “discute simplesmente qual era a atitude de Jesus em relação à terra” (JONES, 2008, p. 21). É uma obra curta (121 páginas), de fácil leitura, com quatro capítulos e um anexo com sugestões de ações práticas para uma vida sustentável.

No primeiro capítulo – O Filho do Homem tem autoridade sobre a terra – Jones explora a expressão “Filho do Homem”, a única que Jesus utiliza para se autodescrever. Em hebraico, ela é Bem Adam, ou seja, Filho de Adão, “e Adão é aquele que foi moldado da terra, ou *Adamah*, em hebraico” (Ibid, p. 24). O autor lista oito passagens dos evangelhos nas quais a expressão “Filho do Homem” é utilizada junto com a palavra “terra”. Aí ele discorre sobre tais passagens correlacionando-as com conceitos teológicos basilares do cristianismo e fazendo intersecções com a questão ambiental.

É bem inovadora a perspectiva que Jones traz nesse capítulo dos terremotos relatados nos evangelhos – ele correlaciona tais eventos com o julgamento de Adão após a queda (em Gn 3:19, diz-se que Adão retornaria à terra) e com Jesus (o Filho do Homem, o Filho de Adão) sendo colocado no coração da terra e tomando sobre si os pecados do cosmo que violam a terra. Aí ele encerra com a frase: “A terra não ficou calada quando testemunhou a morte e a ressurreição do Filho do Homem” (Ibid., p. 31).

Ao longo do capítulo, ele desconstrói ideias que, conforme apontamentos anteriores, atrapalham uma visão cristã em prol do cuidado do meio ambiente. Isso fica evidente nas seguintes frases: “A criação não existe para a raça humana, mas para Cristo (p. 34); “Jesus tem todo o cosmo sob sua vista, não apenas almas individuais que querem escapar da terra e fugir para outro lugar” (p. 35) e “A missão do homem é a renovação de todas as coisas” (p. 36).

O segundo capítulo trata de algo que alguns ramos do cristianismo carregam desde os primeiros séculos, antes mesmo da Reforma: a desvalorização da materialidade essencial da criação. Nesse sentido, a ressurreição do corpo físico de Jesus seria fundamental para mostrar que Deus se importa com a matéria. Jones chama atenção para o fato de o ministério de Jesus ter sido material: ele servia às necessidades físicas das pessoas. “Jesus veio ao mundo “comendo e bebendo” (p. 44), aliás esse é o nome do capítulo 2: “O Filho do Homem veio ao mundo comendo e bebendo”. Mas, ao mesmo tempo que o ser humano nasce como um

consumidor natural, existem limites e fronteiras para esse consumo uma vez que “não é para a humanidade que todas as coisas existem..., tudo pertence a Deus” (pp. 48-49).

Ainda no capítulo 2, Jones fala de um conceito que não é amplamente aceito pelos cristãos protestantes, o de pecado estrutural.

Para fazer a vontade de Deus na terra assim como é feita no céu é necessário desafiar as estruturas injustas, sejam elas políticas ou econômicas, e insistir no comércio justo e em métodos sustentáveis de produção de alimentos e combustíveis. (2008, p. 50)

Adiante, após apresentar o conceito do reino de Deus já/ainda não inaugurado (ver p. 40) e defender uma visão escatológica de continuidade similar à dos demais materiais d'A Rocha Brasil analisados, ele afirma que esse reino já/ainda não inaugurado seria um reino de consumo sustentável, “um reino onde a traça e o consumo não fazem as coisas se extinguirem” (JONES, 2008, p. 54). O autor avança no desenvolvimento dessa ideia citando propostas de Paul Hawken, Amory Lovins e L. Hunter Lovins expostas na obra *Capitalismo Natural: Criando a Próxima Revolução Industrial* sobre como implementar esse reino de consumo sustentável, uma ideia utópica para muitas pessoas, cristãs ou não:

Até agora a atividade econômica se baseia em usar o máximo de recursos naturais e o mínimo de mão-de-obra. Investir e re-investir em nosso capital natural e social deve envolver uma inversão desta tendência, isto é, o uso mínimo dos recursos naturais e o uso máximo de mão-de-obra. (HAWKEN, LOVINS e LOVINS, 2000, apud JONES, 2008, p. 58)

Por se tratar de um livro e não de uma cartilha ou caderno, há espaço para se abordar outros temas: o da água, do tratamento cruel dispensado aos animais na cadeia alimentar, de um comércio em que todos que participam do processo produtivo recebam um salário justo. São tópicos não usuais, dificilmente se ouvirá um sermão sobre isso em alguma igreja protestante histórica no País. A Rocha Brasil, bem como a organização guarda-chuva, vincula o cuidado ambiental à justiça social, mostrando que os mais vulneráveis sofrem mais as consequências das mudanças climáticas. A tragédia ocorrida no Litoral Norte de São Paulo em 2023 é um exemplo prático dessa realidade: a maior parte das casas que desabaram provocando mortes era de famílias mais pobres e foi construída nas encostas dos morros.

No capítulo seguinte, o terceiro, Jones fala especificamente sobre os animais, outro assunto raro de se ler na teologia reformada. O curioso é que o autor lança mão das aparições de animais nos evangelhos para embasar sua argumentação: “As aves do céu são evangelistas que cantam as boas novas da providência de Deus para nós na terra” (Mt 6:26-27) é um dos

exemplos. Outro exemplo chega a ser um pouco apelativo (ou talvez a palavra utilizada pelo pesquisador para classificá-lo demonstre que a boa parte dos cristãos falte uma visão mais ampla e profunda do reino animal). Diz respeito ao galo que cantou após Pedro ter negado conhecer Jesus: “Apenas uma ave – seu canto fustigando a alma de Pedro – ergue a voz em tons desafiadores contra a traição” (Ibid., p. 69).

Outros pontos interessantes da obra são a menção ao antropoceno, quando “a espécie humana influencia os processos fundamentais do planeta” (p. 71), a apresentação de ambas as linhas escatológicas, a que enfatiza a descontinuidade e a que enfatiza a continuidade e a menção de uma parábola (não bíblica) que fala do porão do mundo, algo bem explorado no premiado livro *Uma ecologia decolonial: Pensar a partir do mundo caribenho*, de Malcom Ferdinand.

No último capítulo, de novo o enfoque na justiça social salta à vista:

O amor deve agir contra a opressão. Isto é julgamento. A história da justiça social, ação social e reforma social é baseada sobre o princípio moral e imperativo de agir contra o opressor e corrigir erros em favor dos oprimidos. (...) Somos todos cúmplices nos pecados sociais de injustiça e pobreza mundial. (...) ...somos necessariamente capturados pelo santo desejo de Deus por justiça sobre a terra. Não é possível ter um relacionamento com o Deus da justiça e ser indiferente à injustiça do mundo. (JONES, 2008, pp. 87-88 e 92)

São palavras bem diretas e que geram muita discussão no meio protestante brasileiro. No desfecho da obra, contudo, o autor parte outra vez para uma interpretação inusitada e um tanto poética, mas que carrega um significado ímpar e traz esperança aos leitores. Ele explora o relato dos evangelhos em que Jesus, ressurreto, foi confundido com um jardineiro: “Maria, supondo ser o homem à frente dela o jardineiro, não percebeu que Jesus, o segundo Adão, era de fato o jardineiro do novo Éden [o reino de Deus inaugurado que será restaurado]?” (p. 101).

### 2.3.5. *Livro Assim na terra como no céu: Experiências socioambientais na igreja local*

Além da obra de Jones analisada no item imediatamente anterior, A Rocha Brasil, outra vez por meio da Editora Ultimato, publicou em 2011 *Assim na terra como no céu: Experiências socioambientais na igreja local*, com organização de Gínia Bontempo, que atuou na organização com a ReT.

A escassez de publicações de autores brasileiros sobre a temática motivou a produção de relatos de ações socioambientais da igreja evangélica no Brasil. O livro conta com treze capítulos, cada um deles narra uma ação iniciada por membros de uma igreja local que pode ser facilmente replicada em outros contextos. No livro, você conhece

a iniciativa de um grupo de jovens de Marabá, PA, que incomodados com o descaso do governo local com uma obra que comprometeu o saneamento e a qualidade de vida de uma comunidade, levantou a voz em defesa dos pobres e oprimidos (capítulo 2). (BONTEMPO, 2011, p. 14)

Outro capítulo fala do projeto Reação (mencionado no vídeo) em uma igreja em São Paulo, ainda outro de uma igreja que abraçou o trabalho de reflorestamento de um parque (Brasília, DF), outro ainda de uma comunidade que deixou o conforto de um bairro de classe média e se mudou para um espaço no meio de um dos bairros populares da cidade (Curitiba, PR), seguidos de outro da igreja do lixão (Recife, PE), outro de empreendedores cristãos no Norte e Nordeste que se envolveram com projetos socioambientais e por aí vai.

Assim como o Brasil, o livro mostra uma diversidade de estilos, contextos e denominações protestantes. Apenas o último capítulo fala de ações que foram fruto da atuação direta d'A Rocha Brasil.

O que Gínia Bontempo escreveu ao final da apresentação dessa obra – “Esperamos que este livro possa contribuir de modo prático para o cumprimento da vocação a que todos [os cristãos] fomos chamados: espalhar o reino de Deus *assim na terra como no céu!*” – poderia ser também escrito a respeito do propósito d'A Rocha Brasil enquanto ativa. Todo o material que a organização produziu – a cartilha, o caderno, os vídeos<sup>35</sup> – seguem influenciando parte do protestantismo brasileiro.

Ficou evidente até aqui, portanto, que as ações fomentadas ou realizadas pel'A Rocha Brasil impactaram pessoas e o ambiente em âmbito local. Todo o material que produziu enquanto a organização esteve ativa continua sendo utilizado em diferentes contextos até a presente data. Diante disso, o próximo capítulo segue no intuito de discernir em que medida a igreja evangélica brasileira está engajada no cuidado da criação. Que legados do trabalho d'A Rocha Brasil são observados ainda hoje? Para tanto, foram escolhidos alguns parâmetros para se chegar ao problema que esta pesquisa se propõe a explorar: em que medida o ensino teológico e os programas d'A Rocha Brasil despertaram (e ainda despertam) e motivaram (e

<sup>35</sup> Além do “O reencontro com a criação”, há outros vídeos disponíveis neste link:

<<https://www.youtube.com/arochabrasil>>.

ainda motivam) o evangelicalismo protestante brasileiro para o cuidado com a criação no País?

### 3. O protestantismo brasileiro e o legado d'A Rocha Brasil

A Rocha Brasil deixou de operar em 2020 e, dentre os seus legados, “trazer o tema para o Brasil e o Movimento Renovar Nosso Mundo são resultados diretos”, afirma Custódio (2023, Anexo 2, p. 115). Este capítulo, então, começa tratando do que é evidente na tentativa de discernir se o trabalho d'A Rocha Brasil despertou (e ainda desperta) e motivou (e ainda motiva) o evangelicalismo protestante brasileiro para o cuidado com a criação no País. Além desse parâmetro, serão apresentados outros quatro (poderiam ser mais e poderiam ser outros): (1) um breve apanhado do conteúdo teológico disponível em português sobre o cuidado com a criação, (2) um olhar para o principal evento de missões do ramo protestante no País e (3) para os currículos dos seminários, (4) dados sobre a política ambiental do País e uma possível influência de setores evangélicos em prol do cuidado com a criação, (5) uma pesquisa realizada em 2020 sobre o público evangélico brasileiro e sua percepção em relação a questões ambientais.

#### 3.1. O movimento Renovar Nosso Mundo e as organizações amigas d'A Rocha

Em 2017, algumas organizações – Tearfund, Miquéias Global, Aliança Anglicana, TEAR Austrália, Miquéias Zâmbia, EU-CORD e Paz e Esperança Internacional – juntaram-se para lançar uma campanha global chamada Renovar Nosso Mundo.

É uma campanha de longo prazo que tem a oração como pedra angular e visa mobilizar e inspirar as igrejas a lutarem contra a pobreza e a injustiça, começando pela mudança climática. A Campanha Renovar Nosso Mundo pressionará os governos de todo o mundo a cumprirem as promessas feitas no Acordo de Paris. (...) Através da campanha Renovar Nosso Mundo os cristãos se unirão em oração para que os 195 países que assinaram o acordo limitem o aquecimento global a um valor mais próximo possível de 1,5 graus e para que as emissões de gases do efeito estufa sejam eliminadas.<sup>1</sup>

A Rocha Brasil foi uma das organizações que abraçaram a campanha no Brasil quando lançada, promovendo-a junto à sua rede de contatos (igrejas, organizações parceiras, cristãos que estavam no banco de dados) e nos eventos dos quais participava. Já em 2018, a campanha transformou-se em um movimento global com propósito muito similar ao d'A Rocha Brasil:

---

<sup>1</sup> Extraído da página sobre a campanha no site da organização em: <<https://renovarnossomundo.org/lancamento-da-campanha-global/>>.

Existimos para inspirar, apoiar e auxiliar a igreja evangélica brasileira a levantar sua voz contra as injustiças socioambientais e fazemos isso por meio de ações de sensibilização, informação, capacitação, controle social, incidência pública e mobilização.<sup>2</sup>

Raquel Arouca, uma dos responsáveis pelo programa Rede de Transformação (ReT) n'A Rocha Brasil, lidera hoje o movimento Renovar Nosso Mundo no País, que tem a Tearfund como mantenedora. Timothy Carriker, ex-capelão d'A Rocha Brasil, também atua no movimento. “Criamos massa crítica, a Raquel Arouca é uma referência, o Carriker também. Demos plataforma e sentido para o trabalho dele”, complementa Custódio a respeito do legado da organização (2023, Anexo 2, p. 115).

A similaridade entre A Rocha Brasil e o movimento Renovar Nosso Mundo não está apenas no propósito, nas pessoas envolvidas e na Tearfund como mantenedora: as dificuldades enfrentadas relatadas no capítulo anterior continuam parecidas. O site traz o número de 143 filiados ao movimento, sendo que destes 87 são pessoas físicas e 56 são organizações cristãs. Pesquisa do Ipea de 2021<sup>3</sup> levantou 88,4 mil igrejas evangélicas com CNPJ Brasil. Partindo desse dado, apenas 0,063% das igrejas evangélicas seriam filiadas ao movimento, sendo que a filiação é gratuita.

Quem se filia ao Renovar Nosso Mundo é convidado (não é mandatório) a integrar um dos quatro Grupos de Trabalho (GTs) do movimento, a saber: GT Teológico e Pastoral; GT Água, Agroecologia e Energia Limpa; GT Povos Originários e Comunidades Tradicionais e GT Resíduos. As ações que realizam são propostas pelos membros do movimento e anualmente promovem-se três grandes campanhas como, por exemplo, a “Desafio Zero Descartável”.

Percebe-se, dessa forma, um aspecto diferente na atuação do movimento Renovar Nosso Mundo em relação à atuação d'A Rocha Brasil (e provavelmente mais acertado): a proposição de temas, alvos e campanhas mais específicos e alinhados à pauta ambiental global explicitada no item 1.1. Nesse sentido, a emergência climática é enfatizada em detrimento de questões teológicas. O próprio lançamento da campanha em 2017 traz a meta do Acordo de Paris como objetivo a ser alcançado. Na conta oficial do movimento no

---

<sup>2</sup> <https://renovarnossomundo.org>

<sup>3</sup> <https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/14594-crescimento-dos-estabelecimentos-religiosos-no-pais-e-liderado-por-igrejas-pentecostais-e-neopentecostais>

Instagram<sup>4</sup>, em vez de se promover e/ou enfatizar demasiadamente as razões bíblicas pelas quais o cristão e/ou a igreja deveriam se engajar com o cuidado ambiental, as postagens apresentam temas tais como: manifesto contra o marco temporal das terras indígenas, 10 dias de oração pela Amazônia, Acordo Global pelo Fim da Poluição por Plásticos (INC-3), encontros Pré-Cop30 – Evangélicos e evangélicas pela criação e assim por diante. Dessa forma, evitam-se questões teológicas que podem ser divisivas – parte-se do pressuposto que o engajamento com o cuidado com a criação é (ou deveria ser) inerente ao cristão.

Ainda assim, a influência da polarização política no meio protestante, acarretando a classificação do tema meio ambiente como algo de esquerda e do governo do presidente Lula, continua sendo um fator de desengajamento.

Em 2022, abraçamos uma campanha chamada Amazonia de Pé pela proteção das florestas e dos povos da Amazônia, as populações tradicionais. Buscavam-se 1,5 milhão de assinaturas de pessoas físicas. Era uma forma muito fácil de a igreja se envolver. Imagine, uma igreja pode levantar em um culto muitas assinaturas. Nós lançamos a campanha e percebemos um estranhamento. Isso aqui por quê? É temática da Amazônia? Tem a ver com o governo atual? Resolvemos deixar de lado porque a questão ganhava um viés que não tinha a ver com a proposta em si. (AROUCA, 2023, Anexo 1, p. 109)

Outra peculiaridade do Renovar Nosso Mundo que se assemelha à Rocha Brasil é o Norte e o Nordeste como regiões que acabam recebendo mais atenção e ações ainda que o movimento tenha todo o território brasileiro como alvo. Isso se deve a núcleos específicos<sup>5</sup> que se formaram no sertão e no Amazonas. Talvez esses movimentos locais de igrejas e organizações cristãs evangélicas em prol do cuidado ambiental tenham ali se estruturado por conta dos anos do trabalho anterior da ReT. Outra hipótese seria o fato de essas regiões terem mais áreas com vegetação nativa passível de preservação<sup>6</sup> que as demais.

Além do movimento Renovar Nosso Mundo, podem-se considerar como legado d'A Rocha Brasil, ainda que de forma indireta, as cinco organizações chamadas amigas d'A Rocha que estão País<sup>7</sup>: Centro Gênesis<sup>8</sup>, EcoVila Teshuvah<sup>9</sup>, Reserva Ecológica Verdes Pastos<sup>10</sup>,

---

<sup>4</sup> <https://www.instagram.com/renovarnossomundo/>

<sup>5</sup> Neste link há informações sobre os núcleos regionais: <<https://renovarnossomundo.org/nucleos/>>.

<sup>6</sup> <https://brasil.mapbiomas.org>

<sup>7</sup> <https://arocha.org/en/get-involved/be-friends-of-a-rocha/>

<sup>8</sup> <https://www.centrogenesis.com.br>

<sup>9</sup> <https://www.instagram.com/ecovilateshuvah/?hl=pt>

Project The Way<sup>11</sup> e FEPAS<sup>12</sup> (Federação das Entidades e Projetos Assistenciais da CIBI, a Convenção das Igrejas Batistas Independentes). Os pré-requisitos para integrar a rede de amigos d'A Rocha são: ser uma organização que abraça a fé cristã, atuar em prol da conservação da biodiversidade e desejar compartilhar experiências. A adesão dessas cinco organizações se deu após A Rocha Brasil encerrar as atividades no ano 2020, provavelmente uma estratégia para a organização continuar presente em um país-chave do ponto de vista ambiental como o Brasil devido à sua rica diversidade e seus vastos recursos naturais – a Floresta Amazônica é a maior do mundo.

Uma dessas cinco organizações, a Reserva Ecológica Verdes Pastos, começou antes mesmo de A Rocha Portugal se estabelecer no Algarve: foi fundada em 1978. Localizada no Nordeste do Brasil, dedica-se a proteger e a restaurar uma área de 122 hectares de caatinga, um bioma exclusivamente brasileiro.

O Centro Gênesis começou o trabalho em 2000 no município de São Gonçalo (RJ). Assim como a Reserva Ecológica Verdes Pastos, é uma área de preservação localizada em um fragmento urbano de Mata Atlântica com 40 mil m<sup>2</sup>. O centro restaura a cobertura florestal onde está localizado e tem um portfólio de projetos e oficinas para igrejas, empresas e outras ONGs.

A EcoVila Teshuvah, localizada na Ilha São Francisco, no Rio Paraná, é outro projeto com foco em preservar uma área específica. Ele foi idealizado e realizado por um casal cristão que poderia ser denominado como missionários no meio cristão evangélico. Isso porque eles se mantêm financeiramente por meio da contribuição de outros cristãos e de igrejas que os patrocinam para que realizem a missão/projeto a que se propõe ali, uma situação semelhante à que Peter e Miranda Harris, os fundadores d'A Rocha, tinham quando iniciaram o trabalho no Algarve. Como explicitado em uma postagem do Instagram da EcoVila Teshuvah, ela “tem como propósito assistir de maneira ambiental, social, econômica, cultural e espiritual a comunidade ilhéu e ribeirinha”. Na Ilha São Francisco, uma grande barragem para uma hidrelétrica e a introdução de espécies invasoras provocou a escassez de peixes, o que levou a empobrecida comunidade que vivia da pesca artesanal a se voltar à pesca ilegal de espécies ameaçadas, bem como ao desflorestamento. A EcoVila Teshuvah, então, estabeleceu-se em

---

<sup>10</sup> Neste link você assiste a um vídeo sobre a Reserva Ecológica Verdes Pastos:

<<https://www.youtube.com/watch?v=O1Hk8tG9EsQ>>.

<sup>11</sup> <https://projecttheway.com.br>

<sup>12</sup> <https://www.cibi.org.br/fepas-federacao-das-entidades-e-projetos-assistenciais-da-cibi/>

2020 para promover, como a organização assim define, a permacultura na região.

## Permacultura

foi uma expressão criada por Bill Mollison e David Holmgren para descrever o que seria uma "cultura de permanência", ou seja, um estilo de vida que nos permitisse viver no planeta de maneira sustentável. Nas palavras de Mollison, “a permacultura busca harmonizar o homem e o planeta de maneira que ofereça para as próximas gerações a oportunidade de desfrutar dos mesmos recursos naturais que até hoje esta civilização tem desfrutado”. Para isso, a permacultura desenvolveu três éticas básicas: (1) cuidado com a terra, (2) cuidado com as pessoas e (3) cuidado com o futuro (incentivando limites ao crescimento e ao consumo e a partilha justa).<sup>13</sup>

É interessante pontuar que, na proposta da EcoVila Teshuvah, o cuidado ambiental está nitidamente vinculado ao cuidado das pessoas, à justiça social. Parece que muitos não enxergavam isso na proposta d’A Rocha Brasil já que nas entrevistas com os ex-membros da equipe muitas vezes menciona-se que a organização competia com organizações cristãs de cunho social e/ou missionário (que buscavam levar o evangelho aos chamados povos não-alcançados, p. 35). O questionamento feito ao ex-diretor d’A Rocha Brasil Marcos Custódio – “O que é mais importante, cuidar de uma criança pobre ou cuidar de uma área?” (CUSTÓDIO, 2023, Anexo 2, p. 115) – evidencia isso.

A FEPAS – o braço social das Igrejas Batistas Independentes, hoje com mais de 400 igrejas locais no País – é a organização mais antiga: existe desde 1986. Ela está à frente de mais de trinta projetos em todo o território nacional e, assim como a EcoVila Teshuvah e o Project The Way (detalhado logo a seguir), vincula de maneira estreita a atenção social à ambiental. A FEPAS foi uma dos patrocinadores da cartilha “Cuidando da Criação” (p. 69) lançada em 2015 pel’A Rocha Brasil, e até hoje todo o projeto da federação utiliza esse material – a cada 2 ou 3 anos, seu conteúdo é apresentado às crianças e jovens por ela alcançados nos projetos.

Por fim, outro amigo d’A Rocha é o Project The Way, que funciona na capital do Estado de São Paulo. Ele começou em 2021, foi formalizado em 2023 e atua com crianças em situação de vulnerabilidade social. Ele não tem uma área nativa de conservação, o cuidado ambiental está inserido em um contexto de combate à pobreza e à desigualdade social como consta da página do site d’A Rocha International sobre entidades amigas.

<sup>13</sup> Texto de Bruno Landim postado no Instagram da EcoVila Teshuvah disponível neste link:

<https://www.instagram.com/p/CM0sIQ9AWez/?igsh=MXZ2azJoYmVvcDJoaA==>.

Os clubes de jardinagem urbana [do Project The Way] são espaços/momentos agroecológicos que visam instigar a resistência e a insistência em repensar os territórios de forma a valorizar a conservação, as pessoas e a partilha, combatendo a acumulação excessiva, a violência e a exclusão. Enfim, cuidar de toda a criação.<sup>14</sup>

Ainda que as organizações amigas d'A Rocha atuem em âmbito local, o impacto delas onde atuam é relevante e contribui fortemente para a preservação ambiental. Quanto ao movimento Renovar Nosso Mundo, salta aos olhos o fato de boa parte de seus membros serem cristãos de organizações que se envolveram com o cuidado com a criação por meio d'A Rocha Brasil no período em que ela foi ativa no País, especialmente sua líder, Raquel Arouca, bem como o seu consultor teológico, Timothy Carriker, além de seu principal patrocinador, a Tearfund.

### **3.2. O conteúdo teológico disponível em português sobre o cuidado com a criação**

Na América Latina, alguns dos teólogos cristãos mais proeminentes na área do cuidado com a criação são católicos, dentre eles destaca-se o brasileiro Leonardo Boff. Em sua obra *Grito da terra, grito dos pobres: Dignidade e direitos da mãe terra*, de 1995, ele “relacionou a situação das pessoas oprimidas com cuidado pela terra. Boff classificou o cuidado com a criação como uma peça essencial da Teologia da Libertação” (YEH, 2020, p. 105). No ramo católico, além de Boff, a brasileira Ivone Gebara<sup>15</sup> escreve extensivamente sobre ecofeminismo. Vale lembrar, contudo, que tanto Boff como Gebara estão bem à esquerda no espectro católico, e os escritos deles produziram um impacto pequeno na prática dos católicos brasileiros.

Levando-se em conta que o Papa Francisco é argentino, dentro da produção ecoteológica latino-americana, então, poder-se-ia incluir a sua icônica encíclica “Laudato si”<sup>16</sup> publicada em 2015, bem como sua continuação, a exortação apostólica “Laudate Deum”<sup>17</sup> de 2023. Esse último documento de cerca de 200 páginas, que saiu dois meses antes da Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas de 2023 (COP 28), foi um apelo

<sup>14</sup> <https://arocha.org/en/get-involved/be-friends-of-a-rocha/>

<sup>15</sup> No vídeo disponível neste link é possível conhecer as ideias de Ivone Gebara:

<<https://www.youtube.com/watch?v=WmlfUcKeE0U>>.

<sup>16</sup> [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html)

<sup>17</sup> <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2023/10/04/0692/01509.html#portoghese>

do Papa Francisco à corresponsabilidade diante das emergências climáticas. Sabe-se, contudo, que documentos produzidos pela Igreja Católica não recebem atenção do público protestante brasileiro, salvo no âmbito acadêmico e, ainda assim, de forma bem restritiva.

E os protestantes latino-americanos, especialmente os brasileiros? Eles têm produzido conteúdos em português sobre a temática ambiental ou depois que A Rocha Brasil saiu de cena o tema cuidado com a criação não mais tem sido tratado?

A respeito de declarações, documentos, compromissos e afins, apesar de o protestantismo não contar com uma associação, movimento ou liderança que o represente de forma abrangente ou mesmo oficial, há algumas entidades que indicam o que parte do protestantismo pensa. Como mencionado no item 1.2. (ver p. 35), o Movimento de Lausanne produziu em 2010 o Compromisso da Cidade do Cabo<sup>18</sup> (CCC). Nesse documento, há seções específicas sobre o cuidado com a criação. Em 2012, fruto da Consulta Global Lausanne sobre o Cuidado com a Criação e o Evangelho que aconteceu na Jamaica, foi publicada a Declaração do Seminário de Jamaica sobre Cuidado com a Criação<sup>19</sup>, que reforça a preservação do meio ambiente como parte da missão cristã. O Movimento de Lausanne é um movimento global, mas eles mantêm no Brasil uma equipe executiva<sup>20</sup> responsável por disseminar suas pautas. Além disso, todo o conteúdo de Lausanne está disponível em português<sup>21</sup>.

A Aliança Evangélica Brasileira<sup>22</sup> é outra entidade que representa parte do protestantismo do País. Ela produz e dissemina conteúdos a respeito do cuidado com a criação tais como o “Manifesto em Defesa do Meio Ambiente” (2020)<sup>23</sup>, a “Carta Aberta sobre os Desastres Causados pelas Chuvas no Brasil” (2023)<sup>24</sup>, podcasts com o tema “A Igreja e as Tragédias Ambientais” (2024)<sup>25</sup>, artigo “O que a igreja pode fazer diante das tragédias ambientais” (2023)<sup>26</sup>, dentre outros.

<sup>18</sup> <https://lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/ctc/compromisso>

<sup>19</sup> <https://lausanne.org/pt-br/statement/cuidado-com-a-criacao-chamado-a-acao>

<sup>20</sup> [https://www.instagram.com/lausanne\\_brasil/](https://www.instagram.com/lausanne_brasil/)

<sup>21</sup> <https://lausanne.org/pt-br>

<sup>22</sup> <https://aliancaevangelica.org.br>

<sup>23</sup> <https://aliancaevangelica.org.br/2020/04/13/manifesto-em-defesa-do-meio-ambiente/>

<sup>24</sup> <https://aliancaevangelica.org.br/2023/04/13/carta-aberta-chuvas-no-brasil/>

<sup>25</sup> <https://aliancaevangelica.org.br/2024/08/01/dialogos-de-esperanca-aborda-a-igreja-e-as-tragedias-ambientais-em-quatro-episodios/>

<sup>26</sup> <https://aliancaevangelica.org.br/2023/05/30/o-que-a-igreja-pode-fazer-diante-das-tragedias-ambientais/>

A Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB) também se destaca por tratar o tema meio ambiente em eventos, artigos, campanhas etc. e produzir material sobre o cuidado com a criação. No sistema de busca de seu website, quando inserimos “meio ambiente”, aparecem 39 resultados<sup>27</sup>. Em 2022, por ocasião do Sínodo da IEAB realizado de 11 a 14 de novembro, foi aprovada uma moção sobre meio ambiente que afirma:

[A] Amazônia é um dos mais importantes biomas do planeta. Sua preservação é fundamental para vida da nossa Mãe Terra. Além de sua rica biodiversidade, lá vivem milhões de pessoas, em particular comunidades indígenas, quilombolas, ribeirinhos e outras populações tradicionais, as principais guardiãs da floresta, e também milhões de pessoas em situação de vulnerabilidade e pobreza, principalmente nos centros urbanos.<sup>28</sup>

No portal da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil<sup>29</sup>, a meditação da semana postada em 12.09.2024 tinha por título “Nestes tempos... Cuidar da criação é nosso dever!” e dizia:

A responsabilidade humana de preservar e proteger o ambiente é destacada na própria narrativa da criação. Deus delegou ao ser humano a tarefa de “cultivar e guardar” o jardim do Éden (...). O exercício dessa responsabilidade se manifesta em ações concretas, como a conservação de recursos naturais e a promoção de práticas sustentáveis. Ao aprofundar nossa compreensão sobre o impacto das nossas ações no meio ambiente, nos tornamos cuidadores e cuidadoras da vida e da criação divina.<sup>30</sup>

Em uma das celebrações do domingo 8 de setembro de 2024 da Igreja Batista do Morumbi, em São Paulo, o pastor Clauber Carrenho pregou uma mensagem cujo título foi “Discípulos e o cuidado da criação”. Ele lançou vários questionamentos aos ouvintes:

E na ceia? O kit [com o pão e o vinho] é todo de plástico! Já usou canudo e parou para se perguntar se ele vai parar dentro de uma tartaruga? (...) E se não usássemos tantos carros para vir aqui aos domingos e parte de nosso estacionamento virasse uma horta? (...) Outro membro deu a ideia de reciclarmos os copos de plástico que usamos aqui. (...) Precisamos fazer alguma coisa! Que planeta vamos deixar para os nossos filhos, para os filhos dos nossos filhos? (...) Fomos criados para cuidar, administrar e proteger

<sup>27</sup> Busca realizada em 17.09.2024: <https://www.ieab.org.br/?s=meio+ambiente>.

<sup>28</sup> <https://www.ieab.org.br/2022/11/18/sinodo-2022-icab-emite-mocao-sobre-meio-ambiente/>

<sup>29</sup> <https://www.luterano.org.br>

<sup>30</sup> <https://www.luterano.org.br/meditacao-da-semana-nestes-tempos-cuidar-da-criacao-e-nosso-dever/>

aquilo que Deus criou. (...) Por que não mandar seu filho como voluntário em um navio do Greenpeace?<sup>31</sup>

A campanha mundial ecumênica Tempo da Criação, que promove um “tempo de oração pela nossa casa comum”<sup>32</sup> todos os anos de 1º de setembro a 4 de outubro, tem todo o seu conteúdo traduzido para o português. No Brasil, as igrejas protestantes luterana, metodista e anglicana, além de organizações de corte protestante como a Aliança Evangélica, o Movimento de Lausanne e o movimento Renovar Nosso Mundo, participam da iniciativa e seus materiais de apoio. No Guia de Celebração do Tempo da Criação de 2024<sup>33</sup>, Ruth Valerio, Diretora Global de Defesa de Direitos e Influência da Tearfund, diz: “O Tempo da Criação é uma ótima maneira para a sua igreja se engajar no cuidado do mundo criado por Deus. Inscreva-se. Aproveite ao máximo os recursos. E vamos adorar e agir porque juntos podemos fazer a diferença” (p. 10).

O portal da Igreja Adventista do Sétimo Dia traz um artigo de Felipe Lemos de 5 de junho de 2023 intitulado “O meio ambiente e a relevância bíblica”<sup>34</sup>. O subtítulo do artigo afirma que “A Bíblia já fala da necessidade de preservação ambiental muito antes de conceitos como o ESG trazerem isso à tona no planeta”. Outros artigos do portal têm por títulos “Criacionismo amplifica importância de preservar o meio ambiente”<sup>35</sup> e “Cientistas adventistas analisam a saúde do planeta e o que a Bíblia fala sobre preservação”<sup>36</sup>.

A Igreja Presbiteriana do Brasil tem feito campanhas no Dia do Meio Ambiente (5 de junho) em prol de atitudes sustentáveis. A campanha de 2023 divulgou as seguintes sugestões:

Considere reduzir as impressões: hoje em dia é possível enviar muitos dos materiais pelos aplicativos de celular, assim a pessoa pode acessar a qualquer momento.  
Incentive os membros a levar seus próprios copos, canecas e garrafas reutilizáveis, reduzindo gradativamente uso de descartáveis na igreja.  
Compre em brechós e bazares roupas, brinquedos e itens domésticos de segunda mão.  
Separe corretamente os resíduos e os deposite itens como papel, plástico, vidro e metal em lixeiras para recicláveis.

<sup>31</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=ohas3qGgNUA&t=1113s>

<sup>32</sup> <https://seasonofcreation.org/pt/about-pt/>

<sup>33</sup> <https://drive.google.com/file/d/11dnoPPQltpCVbLubkSAd2A0VoJbW80yz/view>

<sup>34</sup> Disponível em: <<https://noticias.adventistas.org/pt/o-meio-ambiente-e-a-relevancia-biblica/>>. Acesso em 17.09.2024.

<sup>35</sup> <https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/ciencia/criacionismo-amplifica-importancia-de-preservar-o-meio-ambiente/>

<sup>36</sup> <https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/ciencia/cientistas-adventistas-analisam-a-saude-do-planeta-e-o-que-a-biblia-fala-sobre-preservacao/>

Crie espaços verdes como jardins e hortas. Esses espaços podem ser usados para cultivo de alimentos orgânicos, que podem ser doados a famílias necessitadas.<sup>37</sup>

A Rede Evangélica Nacional de Ação Social (Renas) divulga a campanha Junho Verde<sup>38</sup> do movimento Renovar Nosso Mundo. A campanha visa envolver igrejas evangélicas com temáticas socioambientais e climáticas, aproveitando que o mês de junho acolhe algumas datas importantes relacionadas ao meio ambiente, tais como o Dia Mundial do Meio Ambiente (05/06), o Dia nacional da educação ambiental (03/06), o Dia da Ecologia (05/06), o Dia dos catadores de materiais recicláveis (07/06), e o Dia de combate à desertificação e à seca (17/06).

A campanha Junho Verde disponibiliza recursos e materiais que podem ser baixados gratuitamente e utilizados em diversas atividades nas igrejas locais e grupos de estudo da Bíblia nas casas, dentre eles estão um manual sobre como fazer um culto pelo Dia Mundial do Meio Ambiente<sup>39</sup>, o guia Como orar pela mudança climática, quatro estudos bíblicos produzidos pel'A Rocha Brasil<sup>40</sup> e quatro e-books gratuitos sobre fé e meio ambiente: *Deus, criação e mudanças climáticas*<sup>41</sup>; *A ecologia e o ministério da reconciliação*, de Paulo de Melo Cintra Damião<sup>42</sup>; *Teologia Bíblica da Criação: passado, presente e futuro*, de Timóteo Carriker<sup>43</sup>; e *Amazônia: entre a crise e a teologia*, de Angela Maringoli<sup>44</sup>.

De manifestos com cunho mais teológico, passando por pregações como a proferida na Igreja Batista do Morumbi e dicas como as sugeridas pela Igreja Presbiteriana do Brasil, e chegando, por fim, ao material produzido pelo Movimento Renovar Nosso Mundo e disseminado pela Renas e por outras organizações, fica claro que o tema cuidado com a criação [de Deus] permanece na pauta do protestantismo brasileiro, a temática fomentada pel'A Rocha não arrefeceu. Alguns materiais produzidos pel'A Rocha Brasil, inclusive, continuam utilizados por igrejas e fiéis e fazem parte de campanhas como a Junho Verde.

<sup>37</sup> [https://ipb.org.br/conteudos\\_detalle?conteudo=1065](https://ipb.org.br/conteudos_detalle?conteudo=1065)

<sup>38</sup> <https://renas.org.br/como-envolver-sua-igreja-no-cuidado-da-criacao/>

<sup>39</sup> O material está disponível aqui: <[https://renovarnossomundo.org/wp-content/uploads/2023/08/Amazonia-Criacao-de-Deus\\_Evangelicos.pdf](https://renovarnossomundo.org/wp-content/uploads/2023/08/Amazonia-Criacao-de-Deus_Evangelicos.pdf)>.

<sup>40</sup> <https://atyourservice.arocha.org/pt/missao-integral-e-mordomia-da-criacao/>

<sup>41</sup> <https://renovarnossomundo.org/pf/e-book-deus-criacao-e-mudancas-climaticas/>

<sup>42</sup> <https://renovarnossomundo.org/pf/e-book-ecologia-reconciliacao/>

<sup>43</sup> <https://renovarnossomundo.org/pf/e-book-teologia-da-criacao/>

<sup>44</sup> <https://renovarnossomundo.org/pf/amazonia-entre-a-crise-e-a-teologia/>

### **3.3. O principal evento de missões para a liderança protestante brasileira (CBM), os currículos de cursos de bacharel em Teologia de instituições protestantes e o cuidado com a criação**

O Congresso Brasileiro de Missões (CBM)<sup>45</sup> é um evento organizado pela Associação de Missões Transculturais Brasileiras (AMTB)<sup>46</sup>. É considerado pelo meio protestante brasileiro “talvez o mais eficaz instrumento de mobilização e integração da força missionária brasileira (...), onde são discutidos de forma mais abrangente os desafios contemporâneos da missão”<sup>47</sup>.

Tal congresso reúne missionários, vocacionados (cristãos membros de alguma igreja que relatam ter recebido um chamado do Espírito Santo para se engajar em missões, em geral em um contexto transcultural), pastores, líderes e mobilizadores de missões, organizações e agências missionárias. O primeiro CBM aconteceu em 1993, as demais edições, em 1998, 2001, 2005, 2008, 2011, 2014, 2017 e 2022. O próximo CBM está previsto para 2025. O intervalo entre a edição de 2017 e a de 2022 deve-se à pandemia de Covid-19.

A edição de 2022, cujo tema foi “Verdades que não podemos ignorar”, aconteceu de 7 a 11 de novembro em Águas de Lindoia (SP), e contou com cerca de 1500 participantes. A programação teve início na segunda-feira à noite e o encerramento foi na sexta-feira da mesma semana. Ao longo desses dias de evento, os inscritos podiam participar de uma programação que incluiu:

- oito plenárias – em auditório com capacidade para todos os participantes, eram compostas por um período de louvor com cânticos, orações, apresentações em vídeo de algum patrocinador do evento e uma palestra com duração de cerca 50 minutos;
- seis oficinas, painéis e/ou minicursos (veja relação completa no Anexo 6, p.135) com duração de 1,5 hora cada uma a serem selecionadas dentre um leque de 108 opções (algumas delas ministradas mais de uma vez), ou seja, o participante deveria escolher de quais delas participaria;

---

<sup>45</sup> <https://amtb.org.br/cbm/>

<sup>46</sup> <https://amtb.org.br>

<sup>47</sup> Matéria da *Ultimato Online* de 14.07.2017. Disponível em:

<<https://www.ultimato.com.br/conteudo/congresso-brasileiro-de-missoes-o-que-a-igreja-precisa-saber-sobre-os-novos-desafios-da-missao>>.

- uma feira com estandes de organizações missionárias, editoras e escolas de teologia e missiologia.

Como pesquisadora, participei do CBM em 2022. O tema cuidado com a criação esteve presente, mas não ocupou lugar de destaque. Timothy Carriker ministrou em dois momentos o minicurso “Como alcançar pessoas imersas à degradação ambiental”. Interessante que o apelo principal (a chamada) do minicurso foi alcançar pessoas..., não o cuidado da criação que está degradada e precisa ser restaurada *per se* como prenúncio de um Reino de Deus já/ainda não inaugurado (ver p. 40). Provavelmente uma estratégia para atrair um público que não enxerga o meio ambiente como algo tão relevante. De qualquer forma, é digno de nota haver na grade de programação um minicurso sobre o tema cuidado com a criação no CBM. Certamente A Rocha Brasil, como plataforma para divulgação de todo o trabalho de Carriker, e agora o movimento Renovar Nosso Mundo atuando da mesma forma, contribuíram indiretamente para que esse espaço de ensino e discussão fosse aberto.

Durante o minicurso, um fato merece menção. Uma dos participantes, quando Carriker sugeriu que uma das formas de o cristão cuidar da criação seria escolhendo candidatos compromissados com a preservação ambiental e com as metas do Acordo de Paris, manifestou-se da seguinte forma: “Em primeiro lugar, tenho de escolher um presidente que seja a favor da vida, que não defenda o aborto. Como vou votar em alguém que cuida de florestas, mas defende o aborto? Não consigo”. Na fala, fica evidente como a questão da polarização e de outras pautas, muitas vezes, pode levar para um segundo plano de relevância o tema do cuidado com a criação.

Em relação à temática geral do CBM 2022, as plenárias, via de regra, giraram em torno da evangelização dos chamados povos não alcançados, ou seja, missões transculturais foram destaque. Ficou claro que o maior evento de missões do ramo do protestantismo brasileiro a que esta pesquisa se detém tem por base a ideia da missão cristã como a tarefa da igreja [cristã] de levar o evangelho a outros lugares e culturas, aos povos não alcançados. O conceito abrangente de *Missio Dei* [Missão de Deus] não foi plenamente incorporado pela maior parte dos líderes do protestantismo histórico de missão e de migração ali presentes no congresso, principalmente aqueles envolvidos na organização do evento. Ainda que a grade contivesse alguns minicursos como o que Carriker ministrou, bem como outros com foco em cidades, em BAM (Business as Mission) [Negócios como Missão] ou em uma atuação social contra desigualdades sociais, o CBM 2022, como uma amostra viva e importante do que está em pauta entre a maior parte da liderança protestante brasileira, é um indicador claro de que as ideias da tradição fundamentalista têm maior adesão do que as ideias da tradição do

evangelho social (ver p. 41) no protestantismo brasileiro ali representado. O desinteresse pelo tema ambiental relatado pelos ex-colaboradores d'A Rocha em detrimento da salvação de almas, então, faria sentido.

E quanto aos seminários e faculdades de Teologia? Essas instituições, que formam os novos líderes do ramo do protestantismo brasileiro em questão nesta pesquisa, incluem na grade curricular de seus bacharelados em Teologia o tópico cuidado com a criação? De algum modo, A Rocha Brasil conseguiu influenciar esse setor-chave?

Para essa breve análise, foram elencadas oito instituições conforme consta da tabela a seguir. A seleção levou em conta estes dois critérios: (1) estar entre as mais cotejadas por cristãos protestantes históricos e por cristãos pentecostais clássicos<sup>48</sup> e (2) oferecer um curso de bacharelado em Teologia presencial. Analisou-se a grade curricular do curso de Bacharel em Teologia de cada uma delas no intuito de se identificar se há na grade alguma disciplina específica sobre cuidado com a criação ou alguma disciplina em que talvez o tema cuidado com a criação pudesse ser apresentado e/ou discutido. Veja o resumo dos achados a seguir.

| <b>Instituição</b>                                     | <b>Denominação a que está ligada</b> | <b>Possui alguma disciplina na grade curricular do curso de Bacharel em Teologia que trate especificamente do cuidado com a criação?</b> | <b>Possui alguma disciplina na grade curricular do curso de Bacharel em Teologia na qual o tema cuidado com a criação talvez seja abordado?</b> |
|--------------------------------------------------------|--------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Faculdade Teológica Batista de São Paulo <sup>49</sup> | Batista                              | Estudo dos Direitos Humanos e Meio Ambiente                                                                                              | Não identificada                                                                                                                                |
| Universidade Presbiteriana Mackenzie <sup>50</sup>     | Presbiteriana                        | Não identificada                                                                                                                         | Cristianismo Moderno e Contemporâneo                                                                                                            |
| Faculdade Luterana de Teologia <sup>51</sup>           | Luterana                             | Educação Ambiental e Sustentabilidade                                                                                                    | Igreja e seus serviços                                                                                                                          |
| Universidade Metodista de São Paulo <sup>52</sup>      | Metodista                            | Não identificada                                                                                                                         | Temas Emergentes da Contemporaneidade                                                                                                           |
| Instituto Bíblico Palavra da                           | Interdenominacional                  | Não identificada                                                                                                                         | Panorama do Mundo                                                                                                                               |

<sup>48</sup> Não foi possível ter acesso à grade curricular do bacharelado em Teologia da Congregação Cristã no Brasil.

<sup>49</sup> <https://teologica.br/graduacao/teologia-presencial/>

<sup>50</sup> <https://www.mackenzie.br/graduacao/sao-paulo-higienopolis/teologia/matriz-curricular>

<sup>51</sup> [https://flt.edu.br/b\\_matriz-curricular/](https://flt.edu.br/b_matriz-curricular/)

<sup>52</sup> <https://metodista.br/graduacao-presencial-09/teologia/sobre-o-curso>

|                                                                           |                                                                 |                               |                                    |
|---------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------|-------------------------------|------------------------------------|
| Vida <sup>53</sup>                                                        |                                                                 |                               |                                    |
| Faculdade Teológica Congregacional <sup>54</sup>                          | Congregacional                                                  | Não identificada              | Não Identificada                   |
| Esteadeb – Escola Teológica da Assembleia de Deus no Brasil <sup>55</sup> | Assembleia de Deus                                              | Não identificada              | Não identificada                   |
| Faculdade Latino-americana – FLAM                                         | Interdenominacional, inspirada pela teologia da missão integral | Ecologia e Educação Ambiental | Gestão de Projetos sócio eclesiais |

Das oito instituições pesquisadas, três incluem em sua grade curricular disciplinas que tratam especificamente do cuidado com a criação: Faculdade Teológica Batista de São Paulo, Faculdade Luterana de Teologia e Faculdade Latino-americana (FLAM). A Rocha Brasil, enquanto ativa, foi bem próxima da FLAM, tendo, inclusive, ministrado cursos nessa instituição. A Universidade Metodista de São Paulo e a Universidade Presbiteriana Mackenzie têm na grade curricular disciplinas em que talvez o tema do meio ambiente seja tratado. Esta pesquisa, por conta de seus objetivos, não se aprofundou em destrinchar o que exatamente é ensinado nessas disciplinas, a investigação detém-se apenas a conferir se o tema é ou não endereçado. Ainda que não em todas elas, o cuidado com a criação está, sim, presente em parte das principais instituições de ensino teológico protestantes do País de acordo com essa pequena amostra. Não se investigou o ano em que essas disciplinas foram introduzidas na grade curricular dessas instituições, mas provavelmente isso ocorreu nos últimos vinte anos. O simples fato de o cuidado ambiental constar da grade curricular indica que o protestantismo brasileiro alvo desta pesquisa parece estar sendo influenciado pelas ideias propagadas pela Rocha Brasil, senão diretamente, indiretamente.

#### **3.4. A política ambiental do País e a influência de governantes e legisladores que se declaram evangélicos**

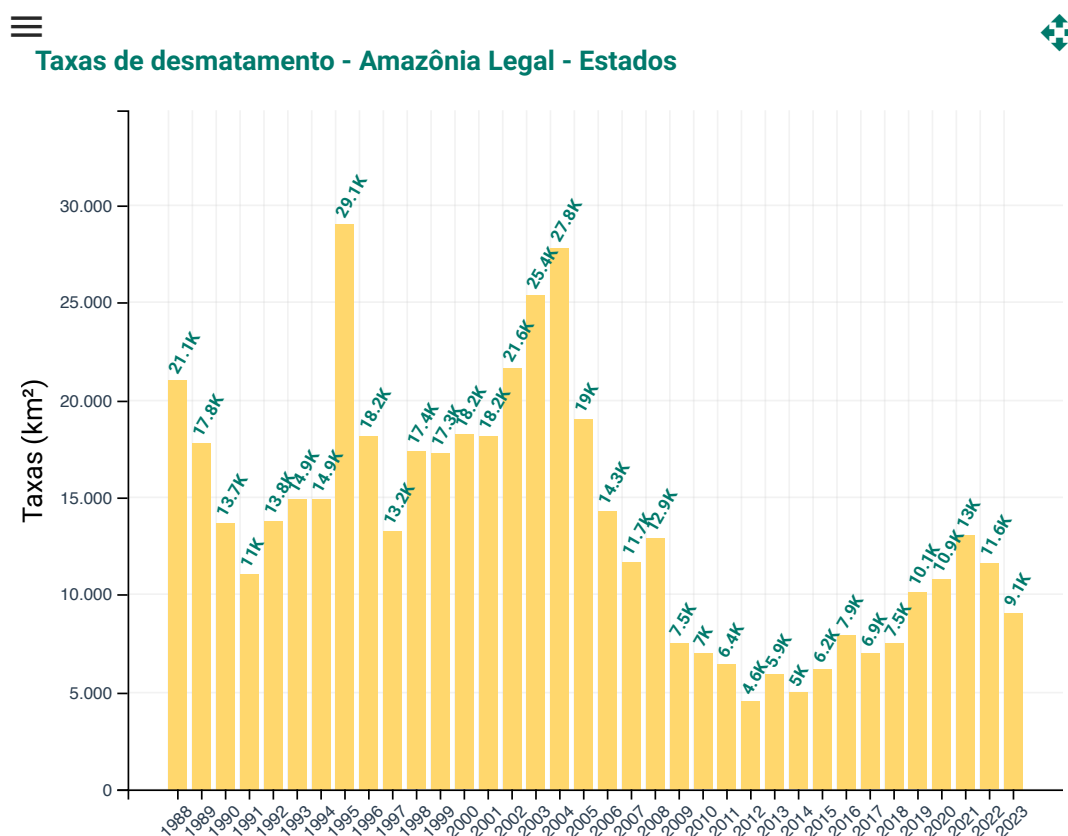
Jair Bolsonaro governou o País de janeiro de 2019 a 31 de dezembro de 2022. Ele é o primeiro presidente do Brasil que se declarou explicitamente como evangélico e fez questão de afirmar sua fé cristã evangélica ao longo de sua campanha e mandato.

<sup>53</sup> <https://storage.googleapis.com/admin-opv.appspot.com/upload/fa6e2d59-ec0c-4e35-98b0-46c39adc29b5/matriz-tm-avancado-1.pdf>

<sup>54</sup> <https://www.factecon.com.br/curso-livre-bacharel-em-teologia-pastoral/>

<sup>55</sup> <https://esteadeb.org.br/bacharelado.php>

Teriam suas crenças religiosas evangélicas redundado em um maior cuidado com o meio ambiente? Um dos índices mais observados para se medir o engajamento de um governo brasileiro com o Acordo de Paris é o do desmatamento da Amazônia Legal. O gráfico a seguir<sup>56</sup> mostra o total de área desmatada da Amazônia Legal de 1988 (início da medição) até 2023.



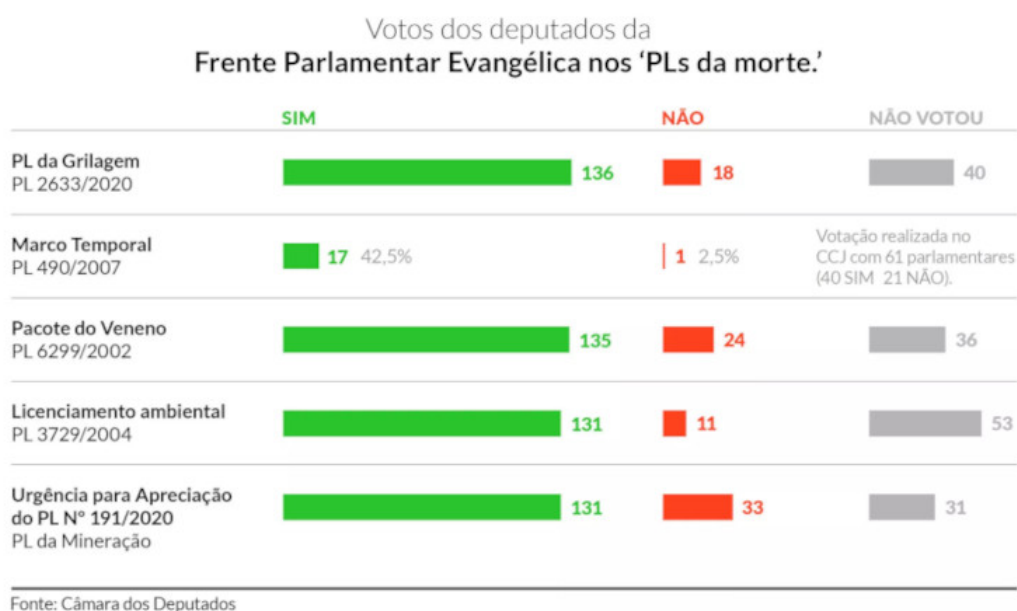
Pelo gráfico, percebe-se uma queda acentuada no desmatamento em 2005, no meio do primeiro mandato de Lula. A segunda forte queda anual é observada em 2009, no segundo mandato de Lula. A média anual do desmatamento no primeiro mandato de Dilma Rousseff (2011-2014) foi de 5.473 km<sup>2</sup>, sendo o ano de 2012 o que apresentou o menor desmatamento. No segundo governo de Dilma (2015-2016), a média foi de 7.050 km<sup>2</sup>. Na gestão de Michel Temer (2016-2018), foi de 7.241 km<sup>2</sup>. Nos anos Bolsonaro (2019-2022), a média subiu para 11.396 km<sup>2</sup>, ou seja, houve um aumento significativo do desmatamento. O primeiro ano do governo de Lula registrou 9.001km<sup>2</sup>, queda de 22,3% em relação aos 12 meses anteriores.

<sup>56</sup> Fonte: TerraBrasilis, plataforma desenvolvida pelo INPE. Disponível em:

<[https://terrabrasilis.dpi.inpe.br/app/dashboard/deforestation/biomes/legal\\_amazon/rates](https://terrabrasilis.dpi.inpe.br/app/dashboard/deforestation/biomes/legal_amazon/rates)>. Acesso em:

10.09.2024.

O portal eletrônico ClimaInfo<sup>57</sup>, em abril de 2022, fez um estudo a respeito de como a chamada bancada evangélica ou Frente Parlamentar Evangélica – termos que a imprensa e cientistas políticos utilizam para se referir aos membros do Congresso Nacional do Brasil e dos legislativos dos Estados e dos municípios que se declaram – votou no que eles chamam de “PLs da morte”. As PLs da morte seriam os cinco projetos de lei no Congresso apontados como ameaças ao meio ambiente, quilombolas e indígenas. Eis o gráfico<sup>58</sup>:



### *Pública*

Como se observa no gráfico,

131 dos 196 membros (66% do total) da Frente Parlamentar Evangélica votaram a favor do caráter de urgência para o PL nº 191/2020, que abre espaço para mineração em Terras Indígenas; esse número repetiu o total de votos dados pelos representantes do grupo na aprovação do PL 3.729/2004, que flexibiliza o processo de licenciamento ambiental, pela Câmara dos Deputados no ano passado. Já o PL 6.299/2002, conhecido como o “PL do Veneno”, que flexibiliza a aprovação de agrotóxicos no país, obteve um apoio ainda maior entre os parlamentares evangélicos, com 135 votos a favor na Câmara.<sup>59</sup>

<sup>57</sup> <https://climainfo.org.br>

<sup>58</sup> <https://climainfo.org.br/2022/04/26/bancada-evangelica-apoia-boiada-antiambiental-no-congresso-nacional/>

<sup>59</sup> <https://climainfo.org.br/2022/04/26/bancada-evangelica-apoia-boiada-antiambiental-no-congresso-nacional/>

Por esses dados das votações da bancada evangélica e pelos dados referentes aos desmatamentos da Amazônia legal, não se percebe que o fato de um governante ou de um legislador se declarar evangélico redunde em uma atuação em prol da defesa do meio ambiente.

Ao mesmo tempo, Marina Silva, atual ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima do Brasil, cargo que exerceu anteriormente entre 2003 e 2008, declara-se evangélica. Ela é reconhecida mundialmente por sua postura favorável à preservação ambiental, tendo recebido o Goldman Environmental Prize, e o Champions of the Earth da ONU. Marina Silva publicamente afirma que seu engajamento em prol do cuidado com a criação está intimamente relacionado com suas crenças religiosas.

Dessa forma, apesar de nem todos os que se declaram evangélicos se engajarem com o cuidado da criação, muito do que o Brasil realiza em termos de política ambiental hoje tem estrita relação com a vertente protestante evangélica (aparentemente miniritária) que crê que o cuidado ambiental deveria ser inerente à fé cristã.

### **3.5. Evidências sobre o “ambientalismo evangélico” no País, uma pesquisa**

Em 2020, Erica Smith e Robin Globus Veldman publicaram o artigo “Evangelical Environmentalists? Evidence from Brazil” [“Ambientalistas evangélicos? Evidência do Brasil”]. O texto trata da relação entre o evangelicalismo e atitudes ambientais no Brasil em contraste com tendências observadas nos Estados Unidos. Para tanto, tiveram de, como nesta pesquisa, explicar o que o termo evangélico significa no contexto do artigo. Popularmente, é comum no Brasil todo o grupo de cristãos não católicos ser denominado evangélico, seja ele protestante histórico de missão, de migração, pentecostal clássico, de curas divinas ou neopentecostal e até mesmo adventistas, mórmons e testemunhas de Jeová. A pesquisa de Smith e Veldman adota o termo evangélico como popularmente é entendido no Brasil.

Há dezenas, senão centenas, de estudos que sugerem que os evangélicos americanos demonstram menor preocupação ambiental, muitas vezes devido a crenças religiosas ligadas ao domínio humano sobre a natureza, o que White Jr. descreveu em seu famoso artigo de 1967, e a crenças a respeito do fim dos tempos, ou seja, visões escatológicas que afirmam que este mundo, o planeta Terra, será destruído. Ao longo das entrevistas realizadas para a presente pesquisa com Arouca, Custódio, Bontempo e Martínez, essas duas crenças (domínio e fim dos tempos) são citadas como empecilhos para uma maior adesão dos protestantes brasileiros ao cuidado com a criação. Contudo, a pesquisa de Smith e Veldman concluiu que,

diferente dos evangélicos nos Estados Unidos, os evangélicos brasileiros não mostraram menor preocupação ambiental que os não evangélicos. Pelo contrário, alguns dados indicam até uma maior preocupação com questões ambientais entre esses grupos no Brasil. A pesquisa, inclusive, destaca que a frequência à igreja está associada a níveis mais altos de preocupação ambiental.

Uma figura apresentada no artigo (SMITH e VELDMAN, 2020, p. 347) sobre o contexto brasileiro indica o percentual de pessoas de diferentes tradições religiosas que entendem que a preocupação com o meio ambiente deve ser priorizada em detrimento do crescimento econômico. De acordo com essa figura,

58% de pessoas que se declaram sem filiação religiosa escolheram ambientalismo como opção em detrimento de crescimento econômico, enquanto 64% dos que se declaram católicos, 68% dos que se declaram evangélicos e 81% dos que se declaram testemunhas de Jeová escolheram ambientalismo. (SMITH e VELDMAN, 2020, p. 347)

Para chegarem às conclusões apresentadas no artigo, Smith e Veldman combinaram dados qualitativos de grupos focais com dados quantitativos de pesquisas nacionais representativas realizadas no Brasil<sup>60</sup>. Após discernir que os evangélicos brasileiros demonstram, sim, uma preocupação com o meio ambiente maior do que aqueles com nenhuma filiação religiosa, o estudo aponta que a maior parte dos evangélicos brasileiros enxerga a destruição ambiental como uma forma de pecado, e creem que cuidar da criação de Deus é não apenas uma responsabilidade humana, é também uma obrigação moral.

Adiante, os autores argumentam que a doutrina religiosa, por si só, não determina atitudes em prol do cuidado ambiental. Explicações científicas sobre problemas ambientais também exercem forte influência. Contudo, os evangélicos não deixam de crer na ação divina e no papel da oração como recursos importantes. “Essa ênfase na onipotência divina reflete uma crença global evangélico na soberania divina” (Ibid. p. 349).

---

<sup>60</sup> Há três pesquisas quantitativas como base para o artigo. (1) Dados da LAPOP AmericasBarometer de 2014, disponíveis em: <[http://datasets.americasbarometer.org/database/files/379249517Brazil\\_Tech\\_Info\\_2014\\_W\\_112114.pdf](http://datasets.americasbarometer.org/database/files/379249517Brazil_Tech_Info_2014_W_112114.pdf)>; (2) Dados da World Values Survey 2014 no Brasil disponíveis em: <<http://www.worldvaluessurvey.org/wvs.jsp>>, e (3) Dados da 2014 Brazilian Electoral Panel Study disponíveis em <<https://publications.iadb.org/en/brazilian-electoral-panel-study-2014-results>>. Esses dados são complementados por trabalho de campo qualitativo conduzido em várias congregações evangélicas no Brasil.

Eventos climáticos recentes como a inundação no Rio Grande do Sul em 2024 ou a seca de 2024, a maior e mais intensa desde 1950, tornam as questões ambientais mais proeminentes no debate público. Na pesquisa, as entrevistas aconteceram quando outras secas importantes ocorriam, e embora muitos evangélicos atribuíssem a seca a causas divinas, isso não impedia a aceitação de soluções "deste mundo", como o combate ao desmatamento.

A pesquisa de Smith e Veldman, portanto, é um referencial importante para organizações como A Rocha Brasil traçarem suas estratégias. Elas indicam que debates de muita profundidade teológica poderiam não sensibilizar ou mobilizar, ao mesmo tempo, mostram que as tragédias falariam por si e os dados científicos seriam sim, considerados pelos fiéis.

## Conclusão

Esta pesquisa se propôs a estudar a atuação da organização ambiental cristã A Rocha Brasil de 2006 a 2020 no Brasil e, a partir disso, trazer percepções sobre o cuidado ambiental no meio protestante brasileiro.

A proeminência do tema meio ambiente ficou evidente no resumo apresentado logo no início sobre a emergência climática – o documento AR6 do IPCC comprova que a meta do Acordo de Paris para frear o aquecimento global urge ser perseguida não como uma utopia, mas como algo imprescindível. Nesse sentido, talvez A Rocha Brasil e organizações cristãs que atuam com preservação ambiental deversem ter seu discurso muito mais afinado com os dezessete objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU do que com a tentativa de convencer os fiéis de sua responsabilidade de cuidar do meio ambiente por razões bíblicas. Até porque o fato de uma organização ter sua motivação basilar na fé não significa que seu público-alvo seja formado apenas por aqueles que professam a mesma fé que move a organização a atuar com a causa ambiental ou alguma outra causa não vinculada, especificamente, a uma crença religiosa. Vide o exemplo da organização internacional Exército da Salvação. O movimento Renovar Nosso Mundo, inclusive, cuja liderança provém d'A Rocha Brasil, afastou-se de um apelo mais teológico para apelos mais embasados na ciência.

O breve relato da história de como o meio ambiente vem sendo tratado pela tradição protestante (item 1.2), apesar de interessante, indica que a consciência da emergência climática *per se* foi o que deflagrou todo um movimento das tradições religiosas, incluindo a protestante, para tratar do assunto. O próprio artigo de White Jr. que, lançando mão de um termo atual, viralizou, foi uma resposta ao fato de as pessoas, incluindo os cristãos protestantes, terem se dado conta do tamanho do problema. Ora, é evidente que o sermão proferido em setembro de 2024 na Igreja Batista do Morumbi incentivando os fiéis a adotar atitudes mais sustentáveis tem mais a ver com as queimadas que estavam em curso do que com o fato de seus líderes terem aberto a Bíblia e se dado conta que o cuidado com a criação vinha sendo negligenciado. Não fica o dilema do que veio primeiro, se o ovo (a consciência da emergência climática) ou a galinha (o estudo das escrituras sagradas para delas extrair o que há sobre o cuidado do meio ambiente). Foi o ovo. Como uma tradição religiosa não se manifestaria sobre o que está “pegando fogo”? É só ligar o rádio, entrar no Instagram ou abrir algum periódico para se deparar com o termo ESG (Environmental, Social and Governance)

reiteradamente. Não vai se falar ou se fazer nada a respeito? E a igreja, as tradições religiosas, estão incluídas nessa lógica.

A respeito da linha missiológica contemporânea apresentada no item 1.4, as entrevistas realizadas para este estudo, as organizações que apoiaram a organização, os artigos citados e os materiais d'A Rocha analisados mostraram que a organização abraçava, sim, tais ideias e as difundia. Mas vale pontuar que a tradição do evangelho social, que no Brasil está em linha com a teologia da missão integral, também classificada por muitos como teologia progressista – e aqui entra um aspecto político-ideológico mais à esquerda – não é vista com bons olhos pela maior parte do público protestante brasileiro. Nesse sentido, a polarização política não contribui para que o cuidado com a criação ganhasse espaço na agenda do protestantismo brasileiro. Pelo contrário. Muitas vezes, igrejas, líderes, editoras e eventos desse segmento religioso parecem ignorar a temática ambiental pelo simples fato de ela remeter a algo “de esquerda”.

Vale trazer para esta conclusão algo mencionado no corpo da pesquisa: tanto a Rocha International como a Rocha Brasil não surgiram da mobilização oficial de determinada denominação ou movimento protestante, elas foram fruto de um cristão ou de um grupo de cristãos protestantes que tinha previamente algum envolvimento com a questão ambiental e que uniu isso à sua fé. Certamente o respaldo de conteúdos como o Compromisso da Cidade do Cabo (CCC) ou de instituições influentes como a Editora Ultimato ou a Aliança Bíblica Universitária do Brasil (ABUB) foi imprescindível, contudo, a iniciativa partiu de indivíduos. A fragmentação do protestantismo mundial e do protestantismo/evangelicalismo brasileiro é um fator de enfraquecimento para iniciativas como a da Rocha Brasil – não se trata de algo “oficial”, ratificado por uma liderança composta por pastores e igrejas de denominações tradicionais.

Observa-se, também, uma ambiguidade no fato de A Rocha Brasil ter obtido um considerável reconhecimento – há artigos como o de Santos (2023) que colocam a organização como a mais importante e consistente iniciativa ambiental protestante que o País já teve – e, ao mesmo tempo, ela não ter conseguido angariar financiamentos para que seu trabalho continuasse. Talvez um plano inicial mais ambicioso que envolvesse a conservação de um bioma, de uma área, de uma espécie, algo mais assertivo. Talvez um grupo menor com um plano claro e mais ousado de atuação (em vez de uma consulta sobre que caminho seguir) já no início d'A Rocha Brasil, junto com um modelo de captação de recursos e financiamento mais robusto para as atividades e projetos que desenvolveria, tivesse sido mais assertivo. Com

certeza a forte dependência da Tearfund como patrocinadora quase que exclusiva d'A Rocha Brasil também não ajudou.

Um dos pontos que chamam a atenção no decorrer do texto e que não foi mencionado diretamente por nenhum dos entrevistados é o fato de o movimento Renovar Nosso Mundo ter uma proposta similar à d'A Rocha Brasil, contar com parte de sua equipe na condução da organização (Raquel Arouca, por exemplo) e ter a Tearfund como sua principal patrocinadora. Por que foi necessário encerrar A Rocha Brasil e seguir com proposta parecida a partir de outra organização? Responder a esse questionamento, no entanto, não está na problemática principal levantada no início. Todo o levantamento da história da organização, as entrevistas realizadas, a análise dos materiais publicados... tiveram por objetivo discernir em que medida o ensino teológico e os programas d'A Rocha Brasil despertaram (e ainda despertam) e motivaram (e ainda motivam) o evangelicalismo protestante brasileiro para o cuidado com a criação no País.

As entrevistas realizadas para esta pesquisa trazem de forma muito enfática o desinteresse pelo tema no protestantismo brasileiro. Nessa fase da pesquisa, inclusive, parecia que a resposta hipotética para o problema apresentado seria a de que o ensino teológico e as ações d'A Rocha Brasil tiveram um impacto significativo junto às igrejas específicas com as quais atuou e nas localidades específicas onde atuou, contudo, tal impacto, em termos do público evangélico protestante brasileiro, foi muito diluído, e, após a organização deixar de acompanhar os projetos iniciados, tal impacto não se sustentou.

Entretanto, em um terceiro momento da pesquisa, quando foram levantados dados de cinco diferentes frentes – poderiam ser outras, poderiam ser mais – que pudessem ou não indicar influências do ensino teológico e de práticas sobre o cuidado com a criação propostos pel'A Rocha Brasil enquanto ativa no protestantismo brasileiro, tal hipótese não se confirmou. Percebem-se, sim, claramente, elementos do que A Rocha Brasil fomentou, ainda que indiretamente, no protestantismo brasileiro. Outro estudo poderia explorar de forma mais profunda essas e outras frentes, ampliando a amostragem, estruturando os dados de forma mais sistemática e trazendo relações de causa e efeitos diretos e não indiretos.

Sobre os fatores que indicam um impacto e uma relevância do ensino teológico e de práticas sobre o cuidado com a criação propostos pel'A Rocha Brasil, o movimento Renovar Nosso Mundo, como exposto, seria um legado direto. As organizações amigas d'A Rocha, por sua vez, algumas delas fundadas antes de 2006, mostram que trabalhos de conservação de área, sejam eles feitos por razões religiosas ou outras, têm uma relevância significativa no

âmbito em que atuam. Não resta dúvida que o fragmento de Mata Atlântica com 40 mil m<sup>2</sup> preservado pelo Centro Gênesis ali permanece e está crescendo por conta do esforço da ONG.

O item 3.2 traz vários conteúdos recentes – manifestos com cunho mais teológico, pregações como a proferida na Igreja Batista do Morumbi, dicas de atitudes que contribuem para a sustentabilidade do planeta como as sugeridas pela Igreja Presbiteriana do Brasil, artigos como os publicados pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, a campanha Tempo da Criação... –que deixam claro que o tema cuidado com a criação permanece na pauta do protestantismo brasileiro. Em suma: a temática fomentada pel'A Rocha não arrefeceu. Alguns materiais produzidos pel'A Rocha Brasil, inclusive, continuam sendo utilizados por igrejas e fiéis e fazem parte de campanhas como a Junho Verde divulgadas pela Renas e produzida pelo movimento Renovar Nosso Mundo.

Das oito instituições de ensino pesquisadas no item 3.3, três incluem em sua grade curricular do curso de Bacharel em Teologia disciplinas que tratam especificamente do cuidado com a criação: Faculdade Teológica Batista de São Paulo, Faculdade Luterana de Teologia e Faculdade Latino-americana (FLAM). Mesmo que não em todas elas, o cuidado com a criação está presente em parte das principais instituições de ensino teológico protestantes do País de acordo com essa pequena amostra. Não se investigou o ano em que essas disciplinas foram introduzidas na grade curricular dessas instituições, mas provavelmente isso ocorreu nos últimos vinte anos. O simples fato de o cuidado ambiental constar da grade curricular indica que o protestantismo brasileiro alvo desta pesquisa está sendo influenciado pelas ideias propagadas pel'A Rocha Brasil, senão diretamente, indiretamente.

Indo adiante, o tópico 3.4 mostra que apesar de nem todos os que se declaram evangélicos se engajarem com o cuidado da criação, muito do que o Brasil realiza em termos de política ambiental hoje tem estrita relação com a vertente protestante evangélica que crê que o cuidado ambiental deveria ser inerente à fé cristã. Isso se deve à militância pró-ambiental de Marina Silva, atual ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima do Brasil. Ela publicamente afirma que seu engajamento em prol do cuidado com a criação está intimamente relacionado com suas crenças religiosas.

Por fim, a pesquisa de Smith e Veldman traz dados que confirmam que a filiação religiosa evangélica/protestante não está associada a uma diminuição da preocupação com o meio ambiente no Brasil como nos Estados Unidos. Na verdade, em algumas análises, possivelmente está relacionada com atitudes ambientais.

Enfim, entender a história, as propostas e o destino d'A Rocha Brasil nos permite compreender melhor as iniciativas, as motivações, as contradições e os resultados práticos do engajamento de correntes protestantes brasileiras com a pauta ambiental.

Haveria espaço hoje no protestantismo brasileiro para A Rocha retornar ao País como organização nacional? Se sim, com o mesmo modelo de atuação que teve de 2006 de 2020 ou com uma proposta diferente?

## Referências bibliográficas

ALVES, Rubem. “De Excrementis Diaboli”. *Folha de S.Paulo*, Opinião. 22.11.1998. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz22119808.htm>>. Acesso em: 3.12.2022.

AMADO, Marcos. “O pietismo e o evangelicalismo brasileiro”. Ultimato Online. 25.03.2022. Disponível em: <<https://www.ultimato.com.br/conteudo/o-pietismo-e-o-evangelicalismo-brasileiro>>. Acesso em 28.08.2023.

AROUCA, Raquel; VIEIRA, Cinthia. *Cartilha Cuidando da Criação*. Campinas (SP): Editora Batista Independente, 2016.

BAVINCK, J. H. *The Impact of Christianity on the Non-Christian World*. Grand Rapids: Eerdmans, 1949.

BELLINI, Felipe. “13 Maiores ONG’s Ambientais atuando no Brasil”. Site Renda Brasileira, 19.11.2021. Disponível em: <<https://rendabrasileira.com/13-maiores-ongs-ambientais-atuando-no-brasil/>>. Acesso em: 13.11.2022.

BERKHOF, Hendrikus. *Christian Faith: An Introduction to the Study of Faith*. Grand Rapids: Eerdmans, 1979.

BOEHM, Sofia; SCHUMER, Clea. "10 Big Findings from the 2023 IPCC Report on Climate Change". Post do site do World Resources Institute publicado em 20.03.2023. Disponível em: <<https://www.wri.org/insights/2023-ipcc-ar6-synthesis-report-climate-change-findings>>. Acesso em: 21.04.2023.

BOFF, Leonardo. *Grito da terra, grito dos pobres: Dignidade e direitos da mãe terra*. São Paulo: Ática, 1995.

BONTEMPO, Gínia C. (Org). *Assim da terra como no céu: Experiências socioambientais na igreja local*. Viçosa, MG: Ultimato, 2011.

BOOKLESS, David. “Between the Rock and a Hard Place: The Developing Work of a Rocha”. In: *Ecotheology: Journal of Religion, Nature & the Environment*, Vol. 7, Issue 2, Jan 2003, pp. 213-218.

BOSCH, David J. *Missão Transformadora: Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão*. São Leopoldo (RS): Sinodal, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. As muitas moradas. Crenças e religiões no Brasil de hoje. In: BEOZZO, José Oscar (org.). *Curso de Verão – Ano VII*. São Paulo: Paulus, 1993.

BRITO, Paulo Roberto B. de; VIVEIROS, Solange C. M. *Missão Integral – Ecologia & Sociedade*. São Paulo: W4 Editora, 2006.

CALDAS, Carlos. "De excrementis diabolis – Algumas reflexões sobre uma quase total ausência de uma implicação prática de uma teologia no discurso público do evangelicalismo brasileiro". *Revista Pharos de Teologia* (online), Volume 100, 2019. Disponível em: <[https://www.pharosjot.com/uploads/7/1/6/3/7163688/article\\_27\\_vol\\_100\\_up-brazil.pdf](https://www.pharosjot.com/uploads/7/1/6/3/7163688/article_27_vol_100_up-brazil.pdf)>. Acesso em: 14.11.2022.

CALVINO, João (Trad. Waldyr Carvalho Luz). *As Institutas* – Livros I, II, III e IV – volume único. São Paulo: Cultura Cristã, 2022.

CAMPOS, Breno Martins. "Origem e descendência do fundamentalismo protestante: o darwinismo em *Os Fundamentos*". Em: *PLURA, Revista de Estudos de Religião*, ISSN 2179-0019, vol. 5, no 1, 2014, pp. 34-53.

CHUNG, Chun K. "Simplifique: uma resposta ao artigo 'As cinco marcas da missão', de Chris Wright". Martureo Centro de Reflexão Missiológica, 18.06.2021. Disponível em: <<https://www.martureo.com.br/simplifique-uma-resposta-ao-artigo-as-cinco-marcas-da-missao-de-chris-wright/>>. Acesso em: 20.11.2022.

CONN, Harvie. *Evangelism: Doing Justice and Preaching Grace*. Grand Rapids: Zondervan, 1982.

DEBORST, Ruth P. "God's Earth and God's People: Relationships Restored". *Journal of Latin American Theology*, Vol. 5, No 1, 2010, pp. 6-17.

DEWITT, Calvin B. "The Scientist and the Shepard". In: GOTTLIEB, Roger S. (org.). *The Oxford Handbook of Religion and Ecology*. New York, Oxford University Press, 2006, pp. 568-587.

DIAS, Marcelo Eduardo da Costa; RAMIREZ, Germana P. de Leon. "A responsabilidade socioambiental intrínseca à fé cristã: uma perspectiva missiológica". In: *Caminhos*, v. 17, n. 3, jul-dez 2019, pp. 56-68.

FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica *Laudato si'*: Sobre o cuidado da casa comum. Vaticano. 2015. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papafrancesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papafrancesco_20150524_enciclica-laudato-si.html)>. Acesso em: 14.04.2022.

FREITAS, Vladimir P. de. O compromisso das religiões com a proteção do meio ambiente. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFC*, Volume 39.2, jul/dez, 2019, pp. 111-133. Disponível em: <<https://www.erambiental.com.br/var/userfiles/arquivos69/documentos/12888/ReligioesMeioAmbiente.pdf>>. Acesso em: 21.11.2022.

GOHEEN, Michael W. *A missão da igreja hoje: A Bíblia, a história e as questões contemporâneas*. Viçosa, MG: Ultimato, 2019.

HAMPTON, Alexandre J. B.; HEDLEY, Douglas (org.). *The Cambridge Companion to Christianity and the Environment*. Cambridge, United Kingdom; New York, NY, EUA: Cambridge University Press, 2022.

HAWKEN, Paul; LOVINS, Amory; LOVINS, L. Hunter. *Capitalismo Natural: Criando a Próxima Revolução Industrial*. São Paulo: Cultrix, 2000.

HODSON, Martin J. "Luther and the Environment". In: *The JRI Blog* do site da The John Ray Initiative, 03.10.2017. Disponível em: <<https://jri.org.uk/luther-and-the-environment-by-dr-martin-j-hodson/>>. Acesso em: 29.04.2023.

IPCC, 2023: Resumo para formuladores de políticas. In: Mudanças Climáticas 2023: Relatório de Síntese. Relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas. Contribuição dos Grupos de Trabalho I, II e III para o Sexto Relatório de Avaliação do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas [Core Writing Team, H. Lee e J. Romero (orgs.)]. IPCC, Genebra, Suíça (no prelo).

JENKINS, Willis. "Barth and Environmental Theology". In: JONES, Paul D. & NIMMO, Paul T (eds). *The Oxford Handbook of Karl Barth*. Oxford: Oxford University Press, 2019, pp. 595-608.

JONES, James. *Jesus e a Terra: A ética ambiental nos Evangelhos*. Viçosa, MG: Ultimato, 2008.

KELLER, Timothy. "Decline and Renewal of the American Church: Part 1 – The Decline of the Mainline". *Life in the Gospel* (publicação do portal Gospel in Life), Fall 2021. Disponível em: <<https://quarterly.gospelinlife.com/decline-and-renewal-american-church-the-decline-of-the-mainline/>>. Acesso em: 15.04.2022.

KELLER, Timothy. "The Decline and Renewal of the American Church: Part 2 – The Decline of Evangelicalism". *Life in the Gospel* (publicação do portal Gospel in Life), Winter 2022. Disponível em: <<https://quarterly.gospelinlife.com/the-decline-of-evangelicalism/>>. Acesso em 15.04.2022.

KERBER, Guillermo. *O ecológico e a teologia latino-americana: Articulação e desafios*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

LAUSANNE, Movimento de. Compromisso da Cidade do Cabo, 2015. Disponível em: <<https://lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/ctc/compromisso>>. Acesso em: 14.04.2022.

LIMEIRA, Amelia F. M.; ANDRADE, Maristela, O. de. “A contribuição de ONGs cristãs evangélicas na prática do discurso teológico ambiental com vistas à sustentabilidade”. In: *Ciências da Religião – História e Sociedade*, v. 10, n. 1, 2012, pp. 61.83.

MATOS, Alderi Souza de. “Breve história do protestantismo no Brasil”. *Revista de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas da Fama*, v. 3, n. 1, 2011. Disponível em: < <http://www.faifa.edu.br/revista/index.php/voxfaifae/article/view/27>>. Acesso em 05.09.2023.

McGRATH, Sean J. "Contemporary Religious Ecology". In: HAMPTON, Alexandre J. B.; HEDLEY, Douglas (org.). *The Cambridge Companion to Christianity and the Environment*. Cambridge, United Kingdom; New York, NY, EUA: Cambridge University Press, 2022.

MOODY, Michael. "Caring for Creation: Environmental Advocacy by Mainline Protestant Organizations. In: WUTHNOW, Robert; EVANS, John H. (eds.). *The Quiet Hand of God: Faith-Based Activism and the Public Role of Mainline Protest*. Berkeley: University of California Press, 2002, pp. 237- 264. Disponível em: <<https://doi.org/10.1525/9780520936362-012>>. Acesso em: 13.11.2022.

MORGAN, Janine P. “Emerging Creation Care Movement Among Brazilian Evangelicals”. In: MILLER, E.; MORGAN, R. J (eds.), *Brazilian Evangelicalism in the Twenty-First Century* (Christianity and Renewal – Interdisciplinary Studies). London: Palgrave Macmillan, 2019, pp. 231-250.

NUNES, Maria José Rosado. “A sociologia da religião”. In: USARSKI, Frank (Org.). *O espectro disciplinar da ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2007.

ONU - Organização das Nações Unidas. Paris Agreement [Acordo de Paris]. 2015. Disponível em inglês em: <[https://unfccc.int/sites/default/files/english\\_paris\\_agreement.pdf](https://unfccc.int/sites/default/files/english_paris_agreement.pdf)>. Acesso em: 15.04.2022.

POE, Shelli M. (org.). *Schleiermacher and the Sustainability: A Theology for Ecological Life*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2018.

RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo no Brasil Monárquico*. São Paulo: Pioneira, 1973.

RITCHIE, Hannah; ROSER, Max; ROSADO, Pablo. “CO<sub>2</sub> and Greenhouse Gas Emissions”. Publicado no portal OurWorldInData.org em 2020. Disponível em: <<https://ourworldindata.org/co2-and-greenhouse-gas-emissions>>. Acesso em: 22.04.2023.

SANTMIRE, H. Paulo; COBB Jr., João. "The World of Nature According to the Protestant Tradition". In: GOTTLIEB, Roger S. (org.). *The Oxford Handbook of Religion and Ecology*. New York: Oxford University Press, 2006, pp. 115-146.

SANTOS, Andrea R. *et al.* "Case Studies of Hope – A Rocha in Brazil and Elsewhere". In: KAOMA, Kapyra J. (org.). *Creation Care in Christian Mission*. Regnum Edinburgh Centenary Series, Volume 29. Oxford (United Kingdom): Regnum Studies in Mission, 2016, pp. 45-51. Disponível em: <[https://www.ocms.ac.uk/wp-content/uploads/2021/01/Creation\\_Care\\_in\\_Christian\\_Mission-final-WM.pdf](https://www.ocms.ac.uk/wp-content/uploads/2021/01/Creation_Care_in_Christian_Mission-final-WM.pdf)>. Acesso em: 14.11.2022.

SANTOS, Renan William dos. "Orientações religiosas sobre a conduta ecológica: católicos, evangélicos e as repercussões religiosas da pauta Ambiental no Brasil". Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. doi:10.11606/T.8.2023.tde-25042024-1611652. Disponível em: <[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde250420241611652/publico/2023\\_RenanWilliamDosSantos\\_VOrig.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde250420241611652/publico/2023_RenanWilliamDosSantos_VOrig.pdf)>. Acesso em: 23.07.2024.

SCHWEITZER, Albert. "The Ethics of Reverence for Life". *Christendom*, I, Winter, 1936, pp. 223-233.

SIMKINS, Ronald A. "The End of Nature". *Journal of Religion & Society*, Supplement Series 3, 2008, pp. 47-65.

SMITH, Amy Erica; VELDMAN, Robin Globus. "Evangelical Environmentalists? Evidence from Brazil". *Journal for the Scientific Study of Religion*, Volume 59, Issue 2, June 2020, pp. 341-359. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/jssr.12656>>. Acesso em: 14.11.2022.

SONG, Tsai. "Teologia do Reino como paradigma para o ministério do evangelho – Uma recomendação dos pensamentos de J. H. Bavinck". Artigo publicado pelo Martureo Centro de Reflexão Missiológica em 02.04.2020. Disponível em: <<https://www.martureo.com.br/teologia-do-reino-como-paradigma-para-o-ministerio-do-evangelho/>>. Acesso em: 14.08.2023.

STONE, Bryan. *Evangelism After Christendom: The Theology and Practice of Christian Witness*. Grand Rapids: Brazos, 2007.

SUNG, Jung Mo. "Pecado estrutural e as boas intenções". Blog Sal, Luz e Ovelhas entre Lobos. 04.09.2009. Disponível em: <<http://salluzovelhas.blogspot.com/2009/09/pecado-estrutural.html>>. Acesso em: 30.09.2023.

TAVARES, Luis Eduardo. "A crosta humana da terra". *Aurora: revista de arte, mídia e política*, V. 15, n. 45, setembro-dezembro 2022, pp. 3-8. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/60713/41583>>. Acesso em: 20.09.2023.

TORRES, Fernando. "Igrejas verdes: Organizações cristãs começam a despertar para a responsabilidade ambiental. Mas a causa ainda não está na lista de prioridades". Blogpost do site Conexão 2.0 publicado em 01.04.2013. Disponível em: <<http://conexao.cpb.com.br/secoes/reportagem/igrejas-verdes>>. Acesso em: 19.11.2022.

VALENTE, José Fábio B.; SOUSA, Fanuel S. "Eles Sabem o Que Fazem: As Ongs Cristãs Brasileiras e seu papel de preservação da Natureza". *Sacrilegens* (Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião de UFJF), V. 17, No. 2, jul-dez 2020, pp. 115-132. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwj4q6NjI37AhWzGbkGHc9HD2AQFnoECFIQAQ&url=https%3A%2F%2Fperiodicos.ufjf.br%2Findex.php%2Fsacrilegens%2Farticle%2Fdownload%2F32708%2F21921%2F133407&usg=AOvVaw1XCOpR957ieHGmjfS2juwG>>. Acesso em: 14.11.2022.

WILKINSON, Cathy. "Social-Ecological Resilience: Insights and Issues for Planning Theory". *Planning Theory*, Vol 11, Issue 2, Mai 2012, pp. 148-169.

WHITE Jr. Lynn. "The Historical Roots of Our Ecologic Crisis". *Science*, Vol 155, Issue 3767, Mar 1967, pp. 1203-1207. Disponível em: <<https://www.science.org/doi/10.1126/science.155.3767.1203>>. Acesso em: 19.11.2022.

WRIGHT, Christopher J. H. *A missão de Deus: Desvendando a grande narrativa da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

WRIGHT, Christopher J. H. "As cinco marcas da missão". Artigo publicado pelo Martureo Centro de Reflexão Missiológica em 13.08.2015. Disponível em: <<https://www.martureo.com.br/as-cinco-marcas-da-missao/>>. Acesso em: 14.08.2023.

YEH, Allen. "Creation Care in Latin America: Lessons from Catholics and Evangélicos". *Ecumenism and Independency in World Christianity*. Leiden: Brill, 2020, pp. 104-121. Disponível em: <<https://brill.com/display/book/edcoll/9789004437548/BP000008.xml>>

## Anexos

### Anexo 1 - Entrevista com Raquel Arouca em 3 de outubro de 2023

#### **Fale um pouco sobre você e como se deu seu envolvimento com A Rocha Brasil.**

Sou bióloga pela Universidade Federal de São Carlos, envolvi-me com a ABU, que tem uma forte ligação com o Peter Harris, que começou A Rocha no mundo. Sempre tive uma afinidade com o meio natural. Vim de uma família evangélica, da Assembleia de Deus e frequentei uma igreja batista na adolescência.

Eu não conseguia conectar o amor à natureza com a espiritualidade. Fui conversar com o pastor e ele me questionou. Por que Biologia? Faça Pedagogia, Direito, Medicina, alguma profissão que você possa usar na missão.

Ler o livro do Harris [sobre A Rocha] foi uma resposta de oração. Alguém no mundo tinha feito essa conexão, unir cuidado ambiental com espiritualidade. Havia uma chamada para as pessoas [interessadas] entrarem em contato com A Rocha Portugal, e um grupo de brasileiros que tinham lido o livro e que eram do Sudeste, um amigo de uma amiga que morava em Ribeirão Preto, o Marcos Custódio, queria conversar. Esse grupo se juntou em 2002 em São Paulo. Antes já tinha tido uma outra iniciativa, mas não deu certo, e daí o Paulo Brito e outras pessoas começaram a animar outros. Silvia Del Lama, Ernani Ramos e alguns outros acabaram entrando. A gente tem a ata do lançamento da organização, da articulação d'A Rocha no Brasil em março de 2006 foi como uma ONG mesmo. As pessoas presentes nessa reunião fizeram parte da organização, definiram regimento interno, burocracia de CNPJ e tudo o mais. Era uma ONG ligada à Rocha International. A ideia d'A Rocha International é apoiar as organizações nacionais, mas elas nascem a partir dos próprios moradores do território e o cuidado que eles tinham era passar o DNA d'A Rocha, colocar para dialogar com outras Rochas nacionais. Recebemos a visita deles aqui no Brasil, tem fotos; o Alfredo, que fazia parte da Rocha Internacional. Eles vieram para o lançamento [oficial] d'A Rocha no Brasil. Veio também um membro d'A Rocha Peru. Recebemos todo esse apoio deles e apoio de material, mentoria, sobre como poderíamos iniciar o trabalho no Brasil, mas sempre dando liberdade de a gente decidir. O lançamento no Brasil foi com uma grande consulta. Foi uma reunião aberta em um fim de semana, e durante o lançamento realizamos a consulta com os presentes para entender qual seria o objetivo d'A Rocha no Brasil, porque muitas seriam as possibilidades de trabalho, mas tínhamos de adequar isso com a própria realidade e recursos financeiros.

Nosso primeiro financiamento foi em 2008, dois anos depois do lançamento, pela Tearfund. Nós nos mantínhamos com voluntários e com o apoio de algumas organizações, como a Editora Ultimato, a ABU, que tinha lançado o livro do Harris; acabávamos fazendo algumas coisas que não demandavam recursos, como material de estudos bíblicos. O material está disponível na página em PDF. Havia parceria com uma pedagoga, parceria com a Ultimato e com a Conservação Internacional. Criamos, então, o primeiro material de divulgação sobre a temática no Brasil. Por intermédio da Ultimato, a Tearfund, que já trabalhava no Brasil, teve interesse em conhecer o trabalho d'A Rocha. A Tearfund é do Reino Unido, e eles já conheciam A Rocha Inglaterra, o facilitador era o João Martines [que hoje trabalha n'A Rocha International]. Ele era a pessoa que fez a conexão no Brasil. Fizemos uma reunião em Viçosa, e ele pediu para apresentarem um projeto. Por conta do resultado da consulta, iríamos trabalhar com a igreja local antes de começar um trabalho de conservação, a maior parte começa com um projeto de conservação, um trabalho de pesquisa mesmo, científica, no Brasil pensamos iniciar algo desse tipo, mas, na consulta, percebemos que se fôssemos por esse caminho a igreja evangélica não entenderia, não teria adesão. Conversamos muito com as pessoas presentes no evento de lançamento, pessoas que já trabalhavam na área e pastores, a Marina Silva, o Ariovaldo Ramos. Eram mesas de conversa mesmo, que aconteceram durante o evento de lançamento no Vale da Bênção. Fomos dialogando com essas pessoas lá em Araçariguama, ficamos hospedados lá, inclusive. Qual seria o envolvimento da igreja evangélica com o cuidado com o meio ambiente? As pessoas conversavam sobre como era, e não tinha envolvimento como igreja evangélica com o cuidado com o meio ambiente. Nem falavam sobre essa temática.

Decidimos, então, trabalhar com a base, com a igreja evangélica, tentando mobilizá-la. O primeiro projeto, financiado pela Tearfund, era de sensibilização, mobilização da igreja para cuidar do meio ambiente. Fomos nos organizar e pensar em quais seriam as oportunidades para se trabalhar isso dentro da igreja. Não havia material sobre isso. O livro do Harris não era um livro teológico, mas um livro com seu relato pessoal, sobre a importância da conservação do estuário [no Algarve] para as aves migratórias. Precisávamos desenvolver conteúdo sobre essa temática, inserir essa temática na igreja local, resgatar conceitos a partir da própria Bíblia. Não tínhamos nenhum teólogo na equipe d'A Rocha Brasil, aí o Tim [Timothy Carriker] entrou na jogada e começou a aportar. Antes teve o lançamento do livro *Missão Integral - Ecologia & Sociedade* [organizado pelo Paulo Brito e pela Solange Viveiros], lançado pela W4 Editora na ocasião do lançamento da organização em 2006. Esse livro tentou conectar temas com a questão do meio ambiente, contou com o apoio do Ministério do Meio

Ambiente, da ABU, da Visão Mundial e MAP International. Eram organizações parceiras que acharam o tema interessante e relevante e quiseram se envolver. Eles contavam também com um banco de dados com pessoas que tinham abertura para a temática. A IMEL [Igreja Metodista Livre], do pastor Ziel [Machado], por exemplo, já tinha um trabalho com meio ambiente com o grupo de jovens. Havia algumas iniciativas de cristãos e igrejas locais antes da existência d'A Rocha, e era preciso identificar essa rede e essas organizações para iniciar o trabalho. No lançamento d'A Rocha, isso já havia sido feito parcialmente. A ABU, com seu alcance nacional, ajudou bastante a divulgar o lançamento e juntar interessados no tema no evento de lançamento para que pudéssemos trocar figurinhas e ter esse alcance nacional.

### **O que propunham para as igrejas?**

Em 2008, recebemos o financiamento da Tearfund. Antes disso, A Rocha não tinha um foco regional, a atuação era em nível nacional. A Tearfund solicitou um projeto voltado para o Norte e o Nordeste, então começamos a acessar de forma mais específica ONGs e igrejas dessas regiões. Íamos para lá umas duas vezes no ano e fazíamos oficinas para sensibilizar a igreja para a temática. Além de dados atuais sobre o meio ambiente, levávamos uma abordagem teológica e ferramentas para essas igrejas darem continuidade ao trabalho depois. Não falávamos só do mandato cultural, auxiliávamos com um diagnóstico comunitário a partir de coleta de dados, propúnhamos ações práticas e disponibilizávamos ferramentas de acordo com a realidade do que era possível para o local, do que a igreja daria conta de fazer. Insistíamos muito em desenvolvimento comunitário, trabalhar em algo que fosse importante para a comunidade. As igrejas também traziam demandas: material para as crianças sobre cuidado ambiental, por exemplo. Desenvolvemos uma cartilha que ficava com a criança e outra, com o educador. A igreja local queria muito material para criança. Precisávamos de um livro de referência teológica, então o projeto da obra *Jesus e a Terra: A ética ambiental nos evangelhos* [2008] foi tomando corpo. Começamos a ouvir mais sobre a Amazônia a partir da conexão que tivemos com pesquisadores cristãos. Havia muita insegurança dos pastores sobre como acordar o tema, tanto que nos solicitaram um modelo de sermão. O Tim produziu um modelo de sermão. Foram quase 10 anos fazendo esse trabalho ali desde 2008, sempre com a Tearfund. Isso fez com que a atuação d'A Rocha ficasse muito ligada à questão da igreja local. A [Missão] Aliança, no Norte e Nordeste, apoia projetos sociais de igrejas locais, e eles nos pediram para fazermos algo parecido com o que havia no Norte e no Nordeste em São Paulo, Paraná e Santa Catarina: levar a informação sobre a emergência ambiental, o anteparo bíblico, ferramentas para diagnóstico local e apoio e monitoramento de projetos com base nas demandas deles. Mas financiamento da Missão Aliança para esse trabalho no Sudeste e Sul

não houve. No Maranhão, chegamos a nos envolver com apoio e consultoria com um projeto de preservação ambiental para transformar uma área de caatinga em área de preservação. Nós trouxemos esse grupo de cristãos do Maranhão para a Rio + 20 (2012), eles fizeram barulho durante o evento. A Rocha atuou no Brasil de 2006 a 2020. Quando acabou a parceria com a Tearfund, não conseguimos obter outros recursos para a organização. Havia igrejas apoiadoras, mas não conseguimos nos manter só com isso. Recebíamos recursos muito atrelados a projetos, e o custo mais alto era o de pessoas.

### **Como era composta a equipe d'A Rocha?**

O Diretor Executivo foi primeiro o Marcos Custódio, depois a Andrea (Deinha) Ramos, depois o Bandeira. Na coordenação de projetos havia duas pessoas, eu, a Gínia Bontempo, depois a Andrea também veio integrar a equipe e a Karina, que saiu logo. Quando a Gínia saiu, a Andrea foi para a Diretoria Executiva, e eu fiquei sozinha na coordenação dos projetos. A equipe oscilava um pouco, tínhamos uma secretária e uma sede. Era um espaço pago por uma empresa em Indaiatuba.

### **Quais foram e quais são as maiores dificuldades?**

Financiamento, falta de visão das pessoas. Isso persiste até hoje. O movimento Renovar Nosso Mundo tem a mesma proposta d'A Rocha, e percebemos que a grande dificuldade [da igreja evangélica brasileira] é a leitura bíblica sobre a temática, o não envolvimento da igreja local. Essa teologia que só trata de salvar almas, que não se importa em como as pessoas vivem nesta terra. O envolvimento com a Teologia da Prosperidade. Já ouvi até que a temática do meio ambiente é coisa de Nova Era, um modismo, e que a igreja não pode se envolver com isso. Essa leitura do que é o meio ambiente, de que isso [o planeta Terra] é algo passageiro, o distanciamento dos elementos naturais, isso atrapalha o trabalho. É difícil fazer com que muitos cristãos percebam que o cuidado com o meio ambiente passa pela espiritualidade. O calor extremo, as enchentes, mostram que a natureza geme, não há mais como não ouvir. Antes usávamos a estratégia de não falar só dos elementos naturais, mas das pessoas atingidas, dos mais vulneráveis, de quem está morrendo por conta da degradação ambiental. As pessoas que moram nas margens dos rios, nas encostas que desmoronam. Quando você incluía o ser humano, a argumentação para não se envolver enfraquecia. Só que esse discurso não está valendo mais, todo mundo está sofrendo, todo mundo é impactado pela crise ambiental. A igreja precisa afirmar a sua identidade. O palco da salvação é aqui.

### **Como surgiu o movimento Renovar Nosso Mundo?**

O Renovar Nosso Mundo é um movimento global que veio para o Brasil em 2017. Algumas organizações sentiram a necessidade de fazer uma campanha para chamar a igreja para a temática do meio ambiente, e A Rocha era uma das organizações parceiras.

### **Há outras organizações protestantes com foco no meio ambiente?**

Tem algumas organizações evangélicas com uma pegada social, como a Diaconia e a Serve Social, que tem alguns projetos que incluem o meio ambiente, mas eles não trabalham com igrejas, nem trabalham exclusivamente a questão ambiental. Nos outros países, o trabalho d'A Rocha é diferente. A maioria das organizações nacionais d'A Rocha nasceu a partir de uma demanda científica – proteção de alguma área ou de alguma espécie. Elas trazem a igreja para uma parte prática. Com toda a demanda que temos de Amazônia e de outras áreas/biomas, convencer A Rocha International que a gente precisava levar a temática para as igrejas foi difícil. Eles não entendiam que tínhamos dificuldade para trabalhar com a igreja evangélica brasileira, que é um universo. As igrejas pensam mais ou menos parecidas, no Brasil é um universo, é um meio muito confuso. Temos de ter muitos cuidados para falar com a igreja pentecostal, é um outro discurso.

### **Chegaram a ter entrada em igrejas neopentecostais?**

Não, as ferramentas não eram aderidas; a teologia, o foco no fim do mundo. Começamos a tender para as denominações tradicionais: batista, presbiteriana, anglicana, metodista... No Norte e Nordeste, tem muita igreja pentecostal e neopentecostal. Quando íamos para essas regiões, a liderança não aderiu, não participava dos programas. Então, começamos a promover cafés para os pastores, toda uma pompa, meio que uma forma de eles darem o aval para a igreja poder participar. Eu sempre ia para ministrar as oficinas, mas era necessário um homem local para fazer a abertura, para trazer a parte teológica, eu entrava na parte técnica. A linguagem para alcançar esse público é diferente, tem todo um gestual, uma forma de falar, então a gente sempre escolhia um pastor mais próximo deles, que representava muito aquele contexto, que conhecia a linguagem, para estar junto. É interessante que no Maranhão havia um líder cristão muito respeitado até entre as igrejas pentecostais em neopentecostais, ele era bem engajado na causa ambiental, tinha até um envolvimento com os padres. No Sudeste, eu diria que a denominação em que a abertura para o tema é mais fácil é a luterana. A anglicana também, até por conta da ligação d'A Rocha International com ela. Os metodistas também têm um olhar voltado para o cuidado com o meio ambiente. Aí depois vêm os batistas e presbiterianos.

### **A pandemia teve alguma influência no encerramento d'A Rocha?**

Não, a última atividade d'A Rocha foi em 2019. Em 2020, fui contratada para atuar como mobilizadora do Renovar Nosso Mundo. Era, em princípio, uma campanha, mas essa nomenclatura de campanha não definia a proposta, então mudamos para movimento, até porque precisaríamos de uma atuação de mais longo prazo. Conversamos com a central do Renovar para poder trocar a nomenclatura. O Movimento Renovar Nosso Mundo tem hoje uma equipe executiva de duas pessoas. Tem também um comitê gestor nacional com cinco pessoas para acompanhar o que a gente faz no dia a dia, três são representantes de organizações filiadas e outras duas pessoas avulsas. Uma vez por mês o Felipe e eu nos reunimos com essas cinco pessoas. Cristãos que querem se envolver com o movimento no Brasil podem aderir a um dos cinco grupos de trabalho: (1) teológico e pastoral, (2) resíduos, (3) povos originários e comunidades tradicionais, (4) água, energia limpa e agroecologia e o mais recente é (5) sustentabilidade financeira. Você pode escolher em que grupo quer se envolver e pensar em ações para igrejas locais. Como conversar sobre resíduos com a igreja local? É possível ter diferentes grupos de trabalho atuando em uma igreja local, depende da demanda da igreja. Usamos muito o legado d'A Rocha – a grande contribuição d'A Rocha foi abrir a temática para as igrejas. Não que tenha conseguido tudo o que pretendeu, mas sem dúvida hoje o trabalho do Renovar é muito mais fácil do que quando A Rocha começou, quando [a questão ambiental] era uma novidade para a igreja. Além do mais, é uma questão muito latente, que está no contexto da sociedade, não tem mais como fugir.

### **O que atrapalha o trabalho que A Rocha fazia e agora o Renovar?**

A atrapalhou demais, porque uma coisa que se percebeu é que a temática passou para o campo da política. As pessoas passaram a associá-la a nomes e a partidos, a taxá-la de progressista, de esquerda. E é uma temática de Jesus. Em 2022, abraçamos uma campanha chamada Amazonia de Pé pela proteção das florestas e dos povos da Amazônia, as populações tradicionais. Buscavam-se 1,5 milhão de assinaturas de pessoas físicas. Era uma forma muito fácil de a igreja se envolver. Imagine, uma igreja pode levantar em um culto muitas assinaturas. Nós lançamos a campanha e percebemos um estranhamento. Isso aqui por quê? É temática da Amazônia? Tem a ver com o governo atual? Resolvemos deixar de lado porque a questão ganhava um viés que não tinha a ver com a proposta em si.

### **O fato de a Marina Silva ser declaradamente evangélica ajuda ou atrapalha?**

Ajuda e atrapalha, depende do ambiente. Sempre a presença dela foi tratada com muitos dedos. Em 2006, a Marina esteve no lançamento da organização. Ela poderia abrir muitas portas na Assembleia de Deus para A Rocha. Hoje a presença dela também polariza: se tem a

Marina, não posso me envolver com esse grupo. Mesmo em Renovar é assim. Dependendo de com quem a gente está falando, pode ser ou não uma boa estratégia.

### **O que colabora para sensibilizar as pessoas em relação à questão ambiental?**

A maior parte das pessoas, quando vai falar sobre o assunto para a igreja, lança mão do Velho Testamento. Muito dificilmente mencionam Jesus. Trazer Jesus para a jogada é um divisor de águas, por isso o livro *Jesus e a Terra* foi e continua sendo tão importante. Com os pentecostais e neopentecostais, funciona começar com Gênesis, jubileu da terra. Lidar com a questão do meio ambiente nas parábolas, contudo, traz uma abertura enorme, falar sobre o que a sociedade prega e comparar com o que Jesus prega como modelo de sucesso. O diálogo flui mais facilmente. Um texto bíblico que surte efeito é o de Romanos 8, que afirma que a terra geme, a natureza aguarda com grande expectativa que os filhos de Deus sejam revelados. É interessante que, com a ajuda da Marina Silva, tivemos abertura para apresentar o trabalho d'A Rocha em alguns espaços onde dificilmente teríamos acesso. O Marcos Sorrentino é um acadêmico da ESALQ/USP que não professa a fé cristã e que achou fantástica a proposta da d'A Rocha. Segundo ele, a igreja estaria na frente no engajamento com a questão ambiental, pois teria apenas de conduzir as pessoas, os fiéis, para uma ação; os valores já estariam transformados já que creem em um Deus criador. Segundo ele, nós, cristãos, já estaríamos no meio do caminho. Ouvi-lo falar foi como ouvir pedras clamando.

## **Anexo 2 – Entrevista com Marcos Custódio em 16 de outubro de 2023**

### **Qual foi a sua trajetória até o contato com A Rocha?**

Sempre procurei olhar o chamado para a missão [do cristão] fora do padrão convencional, fora do quadradinho de ser missionário ou ser pastor. Eu tenho uma história que sempre me atraiu para movimentos cristãos mais vanguardistas. Cresci no meio batista, moro em Indaiatuba, mas nasci e cresci no ABC paulista. Parte da adolescência passei em igrejas tradicionais, fui para o interior de São Paulo em meados dos anos 80, lá tive uma adolescência e parte de juventude no meio batista. A minha igreja tinha um trabalho muito forte, uma ação forte na cidade abrindo espaços e pontos de pregação, com construção de igrejas em bairros populares de uma região que crescia muito rápido em torno de São José do Rio Preto.

Fui cursar Química na USP de Ribeirão e lá tive contato com a ABU [Aliança Bíblica Universitária] e, por uma série de coincidências, um dos líderes morava em Ribeirão. O Ziel [Machado, que dirigia a organização à época] tinha um pensamento muito aberto sobre o papel da igreja na sociedade. A igreja que a gente frequentava era uma igreja muito aberta,

pensava em movimentos que transformassem a sociedade. A ABU dá chance para muitos movimentos diferentes. Em uma viagem com Ricardo Wesley em que ele iria falar em um movimento missionário em Ourinhos, vi que a ABU tinha acabado de traduzir o livro do Peter Harris [*A Rocha: Uma comunidade evangélica lutando pela conservação do meio ambiente*], li e achei que aquilo era muito pertinente para a realidade brasileira. Fiquei sabendo que já tinha tido alguma articulação para trazer A Rocha para o Brasil, mas não tinha dado certo. Tinha o contato no livro e escrevi para o pessoal d'A Rocha Portugal, bem sem interesse. Era início dos anos 2000. Fiquei muito impressionado de Jonh Stott ser um dos pensadores basilares sobre um movimento a respeito do cuidado com a criação. [Ele escreveu o prefácio do livro.] Algumas outras pessoas do Brasil estavam trocando mensagens com A Rocha Portugal também. Usávamos o e-mail como principal ferramenta. Falávamos de pessoas que tinham interesse no assunto, sobre os fundamentos da missão, fundamento teológico. Em torno de 2002/2003, a conversa começou a ficar mais séria. Eles disseram que queriam que alguém do Brasil fosse conhecer o trabalho em Portugal por conta do aniversário de 20 anos d'A Rocha. Éramos três pessoas principais na conversa que poderiam ir, eu, o Paulo Brito, que hoje é professor em uma universidade no Colorado na área de sustentabilidade e que fez parte da primeira diretoria d'A Rocha Brasil, e o Alexandre, que é de Belém. À época, o Alexandre estava cursando Direito, e o debate sobre as questões ambientais estava bem consistente por lá. Eu e ele tínhamos amigos em comum. Havia outras pessoas também no grupo, mas eu, o Paulo e o Alexandre é que ficamos os três mais focados, e tínhamos de definir quem de nós iria. O Alexandre estava mais disponível, mas não pôde ir por questões de saúde, então eu fui para lá em junho ou julho de 2003. Não sabia o que iria encontrar. Não havia uma riqueza de detalhes, a Internet ainda era algo incipiente, não havia tantas informações em sites.

O evento durou uns dez dias, não foi no centro [d'A Rocha], mas visitamos o centro. Conheci a liderança d'A Rocha Portugal e d'A Rocha International. Eu não era e não sou um especialista da área ambiental. Pensei, ouvindo o Marcel, o Alfredo, da diretoria executiva: “Puxa, que coisa fantástica, é algo que precisa estar no Brasil”. Comecei a considerar que precisávamos levar A Rocha para o Brasil, mas o que seria isso exatamente? Em um primeiro momento, a ideia era encontrar pessoas que tivessem disposição, amparo teológico e algum conhecimento na área ambiental. Reunir pessoas para criar um núcleo. A igreja católica fazia algo no Brasil a respeito do meio ambiente, mas atuava dentro das pastorais, e a base teológica é muito distante. Tinha também a igreja luterana, que tinha começado a fazer uma série de debates nessa mesma época sobre o tema, eles até reuniram pessoas que iriam para a

Alemanha. Alguns metodistas também falavam um pouco a respeito, mas de forma bem menos articulada. Tem um livro deles do final dos anos 1990 que é um resumo de um evento que fizeram em Piracicaba sobre vários assuntos e tem uma parte significativa sobre meio ambiente. Fora isso, em português não tinha praticamente nada [sobre cuidado com a criação]. Tinha o livro do Peter Harris e um outro do [Francis] Schaffer, *Poluição e a Morte do Homem*, que a galera lia.

Os anos de 2004 e 2005 foram para buscar articular um grupo, uma massa crítica, dentro de um contexto brasileiro. Fomos atrás de nossa rede de contatos por meio da ABU e de outras redes como a Renas [Rede Evangélica de Ação Social], que era incipiente, mas tinha certo nível de importância. Nessa hora, encontramos alguns professores universitários, alguns estudantes e alguns profissionais: cristão envolvido com a Embrapa, cristão que era envolvido com a área ambiental em determinada empresa etc. Tudo a nível de curiosidade, nada muito estruturado. Tinham a referência d'A Rocha Portugal. A ideia inicial era ocupar espaço em eventos evangélicos, o primeiro foi no da Renas. O livro d'A Rocha começou a circular em ambientes e o pessoal d'A Rocha começou a dar o nome Marcos, o meu, como referência. Eu falava eventualmente sobre a ideia e o conceito em uma escola dominical, em um evento de sábado à noite e coisas assim. Ia coletando um banco de dados nesses pequenos eventos até 2005. Foi aumentado o número de pessoas nessa base de contatos. Tive boas conversas com a Jocum, com o pessoal do [acampamento] Jovens da Verdade [ligado à FLAM, Faculdade Latino-americana de Teologia Integral], o que hoje é o L'Abri Brasil, o núcleo base deles, e criei uma rede de relacionamento. Tinha também o núcleo da Aliança Evangélica atual. Então nós começamos a trocar informações e espaços e um movimento foi empurrando o outro. Nesse momento, apresentava os princípios teológicos básicos d'A Rocha. Com o grupo base bem estabelecido, veio o segundo passo, que era estruturar de fato a organização, poder arrecadar fundos. Nisso já estamos no ano de 2006 e pudemos criar a organização. Assumi como presidente, mesmo não sendo a pessoa mais bem preparada em termos de conhecimento ambiental, mas era eu quem tinha mais contatos, a rede de relacionamentos. Havia um executivo voluntário, o Hernani Ramos, ele é médico veterinário, fazia um trabalho incrível de acompanhamento de cervos do serrado, estava começando a fazer um mestrado, então ficou pouco tempo com A Rocha porque ele tinha um projeto pessoal e foi morar na Inglaterra. Em 2006 foi inaugurada a Rocha Brasil. Fizemos um pequeno evento com a assembleia de fundação, o endereço da organização era o da casa dos pais do Paulo Brito. Eu morava em Indaiatuba e continuavam com a missão de divulgar a organização. Como filosofia de trabalho, sempre pensamos em projetos ou em um projeto de conservação –

escolher uma área e preservar aquela área –, mas aquilo não era uma realidade factível para A Rocha Brasil. Eu saí da presidência e fui para a diretoria executiva no final de 2007. A Silvia Nassif, então, assumiu. Ela era professora doutora na UFSCAR. Raquel Arouca estava terminando o mestrado e se aproximando d'A Rocha. Gínia Bontempo, da Ultimato, também se aproximou, ela é educadora ambiental e pôde contribuir bastante com a construção teológica. Ela e a Raquel começaram a estruturar um programa educacional com foco em igrejas. A Tearfund entrou como financiadora desse programa de formação de liderança. Havia uma exigência que esse recurso fosse aplicado no Norte e Nordeste. A Ultimato tinha contatos no Norte e Nordeste. Elas produziram um encarte que saiu na Revista Ultimato. Em 2004, saiu o Jubileu da Terra, o que deu uma boa visibilidade para A Rocha na época. O dinheiro foi suficiente para produzir material audiovisual, encartes, o livro *Jesus e a Terra*. Esse livro não teve envolvimento tão direto d'A Rocha, mas foi utilizado como uma das principais referências bibliográficas dos programas educacionais. No ano da estruturação da organização (abril), teve um evento importante em novembro (acho), um evento com o Ministério do Meio Ambiente, com a Marina Silva e a Visão Mundial. Foi em Araçariguama, no Vale na Bênção, com apoio do ministério. Foi publicada uma organização de textos da área social, da área econômica e da área ambiental, e foi o lançamento oficial d'A Rocha no Brasil, inclusive o Peter Harris veio para o Brasil, e um botânico inglês bem conhecido, o Ghilleen Prance, que está com uma idade bem avançada já. É um acadêmico que trabalhou muitos anos no Brasil. A presença dele no evento deu muita visibilidade. O planejamento [d'A Rocha Brasil] começou a se estruturar melhor em 2007/2008. Até então, as coisas iam acontecendo conforme as oportunidades iam surgindo. Nós queríamos uma área para conservar, mas para isso precisaríamos de muito recurso. O primeiro recurso importante chegou e com ele desenvolvemos o projeto de educação ambiental voltado para igrejas. Conhecemos o Timothy Carriker no CBM [Congresso Brasileiro de Missões, em 2008]. Ele estava escrevendo muita coisa sobre o tema. Ele se encantou com a ideia de apoiar A Rocha Brasil, ele já conhecia a proposta. Virou o capelão, o consultor teológico da organização, e pudemos aproveitar muito das coisas que ele já tinha escrito. Nessa época, ele produziu o material para estudos de escola dominical, eram quatro aulas, e foi feito um encarte disso na Revista Ultimato para crianças, jovens e adultos. Esses materiais eram utilizados pela Gínia nas oficinas de educação ambiental que ela ministrava.

De 2007/2008 a 2010, o trabalho foi o de mobilizar pessoas. Aí a gente ganhou espaço em vários lugares: FLAM, eventos de igreja, demanda missionária de igreja A, B, C e D. Eu cuidava da parte administrativa e do networking. A partir de 2008 até 2010/2011, pessoas

começaram a contribuir, e havia algumas igrejas apoiando, além de duas empresas, a Beraca, do Ulisses Sabará, que depois foi vendida, e outra empresa bem pequena do Estado de SP. A Beraca apoiou a montagem do escritório, não tínhamos estrutura física, cada um trabalhavam de casa. A [igreja] Metodista Livre disponibilizou seu espaço e lá fizemos vários encontros, aliás, ocupamos espaços em muitas organizações. Mas nunca chegamos a levar a cabo um projeto de conservação, é algo que envolve muito recurso. Toda hora chegava alguém ou alguma organização querendo doar uma área para A Rocha Brasil. Mas como íamos fazer para conservar sem recurso? Recebemos muitos convites para assumir áreas.

### **Vocês tinham algum contato com órgãos governamentais?**

Só aquela vez que fizemos o evento com a presença da Marina Silva. Não tivemos relação com o governo depois, principalmente quando se fala em governo federal, não tivemos contato. Os editais são muito direcionados, mas não estava dentro do escopo. Nossa equipe executiva tinha quatro pessoas, todos em tempo integral: eu, Raquel Arouca, Andrea Ramos e Guilherme Iamarino Santos, do Projeto Sola. Ele era o mais novo, recém-formado em Geologia. Andrea é ecóloga, Raquel, bióloga. Foi a primeira vez que fui executivo de organização. Isso foi de 2007 a 2011. A Rocha me deu um sentido de trabalho cumprido quando havia o projeto de educação ambiental. Consegui criar o grupo, e a área ambiental não era minha formação. Eu era um mobilizador, não alguém para seguir com a organização. Em 2011, eu saí d'A Rocha e não assumi nenhum outro tipo de cargo na organização. Em setembro de 2011, recebi um convite do terceiro setor cristão e fui para Manaus, fiquei lá por 2,5 anos envolvido com projetos socioambientais.

### **Quem ficou no seu lugar?**

Andrea Ramos assumiu a diretoria executiva e o presidente estatutário era o Robson Monteiro. Retornei para A Rocha em 2015/2016. Levei para a diretoria o Rodolfo (Simas), que assumiu como vice. A Silvia terminou o mandato dela. O cenário quando voltei era outro. As fontes de financiamento tinham secado, tinha minguado muito dinheiro na área social por conta da crise de 2014/2015. O ambiente evangélico tinha muitos sorrisos para a área ambiental, mas ninguém queria conversar e muito menos gente, se envolver com isso. Do ponto de vista de estruturação ou de conseguir articular no ambiente evangélico de forma concreta, era complicado, achávamos que seria algo mais fluido. A igreja não colocava recursos como acontecia em outros lugares. No Brasil nunca conseguimos recursos importantes. Para você ter ideia, nunca chegamos a ter dez igrejas que contribuíam, no máximo cinco igrejas. Puxa, cinco igrejas? E tivemos contato com umas mil igrejas! E

doavam quantias irrisórias. Nunca deu para manter A Rocha com isso. Havia muita concorrência, muita igreja recebendo pedidos: crianças, viciados, missões...

### **Quais igrejas apoiavam a Rocha Brasil?**

Literalmente contamos nos dedos de uma mão. A Igreja Batista de Água Branca, em São Paulo, e Igreja Presbiteriana de Viçosa, em Minas. Isso representava 10% a 15% do total arrecadado, o restante provinha, quase tudo, da Tearfund, e havia também algumas doações pessoais. Ficamos muito limitados à Tearfund. O fato de ser uma organização de cunho religioso também, muitas vezes, atrapalhava. Quantos agentes financiadores queriam investir em organizações de cunho religioso? Naquele momento, não havia.

### **Organizações como a SOS Mata Atlântica eram, por assim dizer, concorrentes?**

Éramos muito pequenos apesar de termos na retaguarda o nome de uma organização grande, nem podemos dizer que concorriamos com organizações ambientais assim. Dentro das igrejas evangélicas, conseguíamos concorrer com organizações sociais ou missionárias. Tínhamos um banco de contato de milhares de pessoas que simpatizavam com a causa, mas transformar isso em doares era muito complexo. Como iam investir n'A Rocha se havia um lar de idosos? É como o raciocínio de não se poder gastar com veterinário se há pessoas da fila do SUS. A temática chamava atenção, éramos chamados para falar em eventos como o da Associação de Professores Cristãos com 2mil, 3 mil pessoas, em seminários, mas entre achar o tema legal e contribuir há uma distância muito grande. No [seminário] Betel Brasileiro, por exemplo, ouvi de um grupo de estudantes: "O que é mais importante, cuidar de uma criança pobre ou cuidar de uma área?". É uma dicotomia comum na cabeça das pessoas. Como concorrer? A Rocha Quênia, por exemplo, obtém seus recursos do exterior: 90% do financiamento deles vinha da Inglaterra. Mesmo a Rocha Portugal não era autossuficiente, A Rocha nunca foi uma organização autossuficiente em suas unidades nacionais. Boa parte das pessoas que trabalham nas organizações eram financiadas por agências, eram missionários. A igreja brasileira é grande, é rica, não é pobre. Eu, apesar de ser uma das lideranças d'A Rocha, não atuava como um missionário sustentado por uma igreja. Quando falamos de outras organizações protestantes que atuam com o meio ambiente, como a Acev Brasil, na verdade ela tem foco na área social e pega trocados e coloca na questão ambiental. Na Diaconia, boa parte do dinheiro vem de organizações internacionais e usam dinheiro público. O cuidado com a criação é um tema novo em um contexto em que isso não era prioridade, não havia nenhum financiador de longo prazo. Quando a Tearfund saiu, a Rocha começou a sofrer bastante, houve uma crise de financiamento, e ficou impossível manter a operação. Nessa época, eu voltei e falamos de tentar mais um pouco, fui conversando com o pessoal da Tearfund, mexendo os pauzinhos

para tentar. Voltei como diretor estatutário, a Raquel era a única colaboradora. Em 2017/2018, havia um projeto pequeno no Parque Petar, na região do Vale do Ribeira, ligado ao pessoal da Igreja Batista de Água Branca. Em 2019, começamos até a pensar em ampliar os horizontes. Quando eu voltei para A Rocha, eles tinham acabado de fazer o desligamento da pessoa que era a diretora executiva, um rapaz que ficou uns dois anos. Em 2019, ainda insistimos mais pouco, e aí veio a pandemia e não teve como, não havia como financiar, não tínhamos recursos. A polarização piorou o ambiente para A Rocha no meio evangélico. A partir de 2017/2018, o meio ambiente começou a ser um tema de esquerda.

### **Como você percebeu isso?**

Eu transitava nos mais diferentes ambientes: Assembleia de Deus, batista, presbiteriano, movimento underground, e, a partir de 2012, começou o esgarçamento político. É claro, olhando para trás, talvez não tenhamos tido a competência e o *skill*. Como eu disse, havia organizações em que o financiamento vinha de fora ou que a liderança era bancada por um movimento específico, aí rolava. A pá de cal foi em 2019 e a gente continuava tendo custos, então entrei em contato com a Rocha International e entendemos que esse ciclo precisava se encerrar. Tem muita gente hoje que ainda quer conversar com o pessoal que foi d'A Rocha, tem um grupo ainda que troca experiências sobre questões ambientais, são os amigos d'A Rocha.

### **Quais legados A Rocha Brasil deixa?**

Trazer o tema para o Brasil e o Movimento Renovar o Nosso Mundo são resultados diretos das articulações d'A Rocha. Criamos massa crítica, a Raquel Arouca é uma referência, o Timothy Carriker também. Demos plataforma e sentido para o trabalho dele. Criamos conteúdos. Foi uma organização de muita relevância no contexto brasileiro, tivemos espaço, articulação, diálogo inter-religioso e um ótimo *skill* técnico. Houve bons contatos com SOS Mata Atlântica, WWF, conseguimos fazer parcerias muito poderosas. Aconteceram conversas extremamente interessantes, tivemos, por exemplo, um pequeno financiamento da Conservation International, algo como 10 a 15 mil. Eles tinham uma ação focada em mobilizar agentes de fé, mas nunca conseguiram ganhar tração. Nunca nos estruturamos para conseguir macro financiamentos. Como movimento cristão fomos ok, mas como movimento ambiental faltaram recursos, o nosso tema não era prioridade dentro de um ambiente evangélico. Era um esforço gigante para levantar duas pessoas: uma para uma dar 50, outra para dar 30. A história d'A Rocha é muito missionário na sua essência. Conversamos bem com o ambiente católico, até mesmo com os neopentecostais (pessoal envolvido com RR Soares – Igreja Internacional da Graça). Com as [denominações] históricas, por questões de

maior aprofundamento teológico, sempre foi mais fácil, mas hoje [o meio ambiente] é tratado como um assunto liberal, a galera se desinteressou de forma geral. Ficou mais em cima de grupos evangélicos de ambientes, digamos, mais arejados, igrejas que conversam com os temas que a IBAB [Igreja Batista de Água Branca] propõe, por exemplo. Participei de eventos com o Mackenzie, sim. Tem até foto minha no material educacional de ensino fundamental do Mackenzie. Mas hoje isso seria impensável. Fui pel'A Rocha a lugares muito diferentes: Assembleia de Deus, metodista, presbiteriana, quadrangular, eventos interconfessionais e inter-religiosos como o do ISER.

Universidades e faculdades teológicas poderiam ter feito ou fazer um centro não apenas de conservação, mas de formação cristã [na área ambiental], assim haveria mais espaço para influenciar. Até hoje pessoas ligadas a A Rocha são convidados para dar aulas de pós-graduação em seminários, eu ia, a Raquel ia e ainda vai. A FLAM, em Arujá, por exemplo. Também teve muita com Jocum, vários eventos da ABU de preparação para líderes, CEM (Centro Evangélico de Missões), Cadi Brasil (em Curitiba), seminário da Metodista Livre, da Batista Livre, Betel Brasileiro...

### **Alguma questão teológica era empecilho para tratar do cuidado com a criação?**

Sem dúvida a questão do dispensacionalismo. Eu diria que era um assunto que vinha à tona em oito de cada dez encontros. O mundo vai acabar em fogo, por que precisamos cuidar dele? Ainda que as pessoas não tivessem o conhecimento sistematizado do assunto, estava no inconsciente da galera. Aí tínhamos de trazer a perspectiva do Reino. Aí veio o lance da politização da questão, e os pentecostais e neopentecostais nem conversam, e para as [denominações] históricas virou tema de esquerda. Agora, mesmo quando havia mais abertura, entre entender e gerar uma práxis tem muita diferença. Se cuidar do pobre já em um problema, imagine cuidar do meio ambiente. Nesse sentido, a práxis era marginal. Água, plantar árvore, é bobagem. Propúnhamos também uma agenda prática em nível individual que envolvia economizar, reduzir, mas era um movimento marginal. Ninguém quer abrir mão de um estilo de vida. A conversa fluía, mas isso não virava uma práxis. Aquilo não era problema dela.

### **E questões como o ecofeminismo ou a justiça social vinculadas à questão ambiental?**

A Rocha internacional procura não misturar essas temáticas e não problematizar ainda mais o assunto do cuidado com a criação. Questões ligadas a inter-relações sociais não entravam na pauta d'A Rocha Brasil em seus programas de educação ambiental.

### **Anexo 3 – Entrevista com João Martínez da Cruz em 4 de outubro de 2023**

#### **Fale um pouco sobre você.**

Por 21 anos, atuei na Tearfund, cuidava dos projetos na América Latina. Saí de lá em 2014 para ir para a Rocha International, onde atuo como Gestor de Operações Internacionais. Hoje são 21 países onde há uma expressão oficial d'A Rocha e 19 amigos d'A Rocha, vários deles fora desses 21 países. A Tearfund financiou o principal projeto d'A Rocha Brasil, a Rede de Transformação, por dez anos, de 2008 a 2018. Quando encerrou as suas atividades em 2020, eu já estava na Rocha International e acompanhei esse processo.

#### **Como você tomou conhecimento do trabalho d'A Rocha Brasil?**

Foi após 10 ou 12 meses de existência da organização no País por meio da Editora Ultimato em uma de minhas visitas ao Brasil. Eles me falaram sobre A Rocha e disseram que eles estavam precisando de financiamento para projetos, que estavam crescendo. Era uma época de muita expectativa, de muita novidade, o cuidado com a criação era algo extremamente novo, então a proposta deles de engajamento com igrejas era considerada algo muito inovador, que chamou muito a atenção. Eu era o responsável na Tearfund processar os pedidos de financiamento. Poder acrescentar ao portfolio de parcerias e projetos um trabalho com igrejas locais com uma temática muito nova, principalmente relacionada com todo o diálogo sobre mudança climática, seria muito expressivo. Eu também tive algum contato com A Rocha Peru, mas não cheguei a visitá-los. Até considerei a possibilidade de visitar e estender a parceria, mas conhecia muito pouco sobre o que eles faziam. Em determinado momento, A Rocha Quênia foi apoiada pela Tearfund, isso ajudou internamente. Era um projeto de conservação das florestas, ajudou a remodelar a aprovação da parceria no Brasil.

#### **Você identifica alguma particularidade d'A Rocha Brasil comparando-a às demais organizações nacionais?**

A coisa mais óbvia seria o tamanho e o desafio do País. Isso sempre foi uma dificuldade para unir, mobilizar e capacitar. Tudo era muito caro pelas distâncias. A Rocha Portugal, por exemplo, a pioneira, tem um projeto em uma região específica. Por outro lado, isso muitas vezes acrescentava aspectos interessantes, diferentes visões de mundo e de prioridades que a igreja tinha em relação ao cuidado com a criação. O *approach* d'A Rocha Brasil sempre foi o educacional. Hoje, os critérios d'A Rocha International para que uma organização de torne organização nacional d'A Rocha são mais amplos, ela necessariamente tem de fazer um trabalho prático, ter o envolvimento de comunidades. Naquela época, não era assim, e havia um interesse em apoiar um país com tanta diversidade. Não exigíamos que toda a organização

nacional tivesse um projeto de conservação. Desenvolver um dos quatro ou cinco pilares era suficiente, sendo que o envolvimento com a teologia do cuidado com a criação e o engajamento com igrejas, orientar e promover, bastava. Hoje, se a organização não tem um projeto prático, não atende os critérios. Temos os amigos d'A Rocha, os amigos não precisam ter um trabalho prático.

### **Que tipo de apoio A Rocha International (RI) oferece às organizações nacionais?**

A RI é bem consistente nos serviços prestados. Descrevemos nossa função como apoio: finanças, treinamento, diretrizes, políticas, representação em eventos e conferências internacionais que tem a ver com biodiversidade, conservação e mudanças climáticas. Outra categoria é a parte de *compliance*, ligada à área de apoio, para que as organizações nacionais tenham melhores condições de anteder a regulamentação do país em que atuam e atender às boas práticas em gestão de projetos e gestão financeira. Apoiamos também quanto à gestão e adequação à legislação nacional em geral.

### **Você acompanhou a atuação d'A Rocha Brasil?**

Acompanhei de perto o trabalho. Em certo momento, realizei reuniões semanais com os diretores, visitava uma vez por ano, às vezes duas. Nessas ocasiões os coloquei em contato com possíveis doadores e ofereci várias oportunidades para a formação da equipe, principalmente nas áreas de gestão de projetos, gestão financeira e gestão organizacional. Eles também puderam participar de conferências internacionais em que as lideranças de todas as organizações nacionais passam uma semana juntas, compartilhando, confraternizando e orando juntas, encontrando formas de cooperarem mutualmente.

### **Há presença d'A Rocha na América Latina hoje?**

Tem A Rocha Peru, e no Brasil há novos amigos, a Reserva Ecológica Verdes Pastos, a EcoVila Teshuvah, o Centro Gênesis e o Project The Way, tem amigos também no Chile, na Costa Rica e no Panamá. Estamos conversando com outro grupo na Bolívia.

### **O que houve com A Rocha Brasil?**

Foi um período de muita dor e de muito pesar, uma perda muito grande. O problema principal foi a dificuldade de captar recursos para cobrir os gastos, apesar de todo o treinamento e portas que se abriram. Houve mudança de liderança na organização, a saída de pessoas estratégicas, principalmente porque elas foram para outros desafios porque a organização não podia pagar um salário bom. Algumas pessoas trabalhavam em tempo parcial, também por conta do salário, o que dificultou. Eram pessoas de muita qualidade. Essa rotatividade, essa mudança de liderança, afetou. Outra razão que enfatizaram bastante foi a percepção de um desengajamento por parte das igrejas com a questão ambiental, com o cuidado com a criação.

Houve muito sucesso com a Rede de Transformação, mas tenho a impressão de que faltou um pouco de continuidade no investimento com aquelas igrejas, com aquelas pessoas, e aí não puderam mais contar com aquela rede. Existiam alguns contatos, mas não foram suficientes para ajudar a custear, houve uma perda de entusiasmo. Conversei muito com o Marcos Custódio, com o vice-presidente e com o tesoureiro. Eles estavam, cada um individualmente, em um período de muitas mudanças pessoais e profissionais, e isso não permitia um engajamento por parte deles. Quando o líder tem outro trabalho para complementar a renda, muitas vezes isso causa problema. Isso foi muito claro, muito óbvio, principalmente com o Marcos Custódio. Em praticamente todos os países em que trabalhamos, a promoção da teologia sempre será um dos pilares, porque tem muito trabalho a ser feito em relação a isso. Nunca senti um antagonismo muito forte do Brasil, mas percebi muito uma não priorização da temática. As pessoas aceitam, mas há outras preocupações e prioridades que precisam ser levadas em conta primeiro. No Brasil, entendem que nossa missão cristã é a de salvar vidas humanas, há uma falta de compreensão de uma visão holística, a visão do que significa o reino de Deus, a criação de Deus. Nosso papel, nossa relação com o ambiente natural, é muito restrito. É uma teologia reduzida, que gera uma compreensão limitada do papel das igrejas e dos cristãos. Há aí um desafio muito grande para os seminários teológicos, para quem procura informar e engajar as igrejas, pois existe muita competição [de iniciativas como a d'A Rocha] com a promoção clássica do evangelho para o salvamento de almas. Os colegas falavam sobre um desinteresse ou um antagonismo, um desengajamento possivelmente por conta de uma formação teológica limitada ou restrita, ou que enfatiza outros aspectos da vida cristã. Os líderes d'A Rocha Brasil foram como que envolvidos por um contexto, deram muito ouvido para aquele momento em que o Brasil estava passando em termos de falta de recursos, mudanças no campo político e econômico, questão de corrupção, e se desanimaram, sentiram-se pequenos demais. O contexto já era muito difícil, somado ao fato de estarem ocupados em outras funções e responsabilidades, não tiveram condições de sobreviver. A corrente foi forte demais, morreram afogados.

### **Isso já aconteceu em outras Rochas nacionais?**

A Rocha Bulgária encerrou as atividades por motivos bem parecidos, mudança de liderança, líderes muitos ocupados com outras funções e falta de visão de futuro.

### **Qual o orçamento da Rocha Internacional?**

Aparece em nossas demonstrações financeiras: 1 milhão de libras. Mas as Rochas nacionais devem obter os próprios financiamentos, não há um programa de concessão de subsídios. Há

uma ideia de um fundo para ações de conservação, em breve isso deve ser anunciado, aí esse fundo vai avaliar propostas de projetos.

### **Qual o maior projeto d'A Rocha hoje?**

Gana e Canadá são as duas maiores organizações nacionais. Gana é maior em termos de recursos financeiros e número de projetos, Canadá tem 60 pessoas.

### **Há possibilidade de A Rocha retornar para o Brasil?**

Sim, claro, se um novo grupo de cristãos brasileiros, com uma liderança nacional, quisesse desenvolver um trabalho de conservação e promoção do cuidado com a criação. Após o encerramento, fiquei também considerando que a nova liderança da Tearfund teve bastante dificuldade para compreender o trabalho d'A Rocha Brasil. Depois de 1 ano ou 2 de minha saída, eles pararam de apoiar a Rede de Transformação, e esse foi o principal motivo de a organização começar a desfalecer. Não tinham mais recursos para as viagens e as campanhas. Tiveram apoio por aproximadamente 8 anos, e aí o processo foi minguando, parece que o processo foi mal administrado. Acompanhei isso, revisei as propostas de financiamento e, do meu ponto de vista, eram propostas excelentes, bem fundamentadas, mas até hoje a liderança d'A Rocha Brasil não sabe exatamente porque o financiamento foi interrompido. Outros parceiros da Tearfund se encontram nessa mesma situação. Isso causou muita dificuldade.

### **Como é possível uma Rocha nacional conseguir financiamentos?**

É possível acessar fundações, organizações de assistência humanitária que querem se envolver com questões climáticas, ONGs como a Tearfund. Algumas criam programas de embaixadores em igrejas – a França tem 90 embaixadores, são representantes voluntários, porta-vozes promovendo e engajando aquela igreja local. É um sistema que está se expandindo e está dando certo no Canadá. Na Nova Zelândia e na Austrália também funciona muito bem. Tanto igrejas como pessoas físicas se envolvem de maneira prática no trabalho de promoção, e passam a fazer captação no âmbito comunitário. Muitas igrejas destinam parte da sua receita para A Rocha daquele país. Tem alguns países com financiamento governamental, como Gana, Alemanha, Holanda e países escandinavos, mas não há muitos exemplos assim. É um nível de exigência altíssimo por parte das organizações governamentais, são requisitos muitos altos para um'A Rocha pequena conseguir alcançar, como no caso do Líbano, em que há três funcionários apenas trabalhando, são cinco pessoas se incluirmos a diretoria, mas quem realiza são três pessoas. Tem pequenas doações de embaixadas, como a da França, por exemplo. Embora A Rocha Brasil, como organização, não seja o melhor exemplo porque fechou, na parte teológica, de recursos teológicos, é uma organização muito bem-conceituada, são anos de produção teológica nessa área. No início fomos muito mal-entendidos, mas A

Rocha Brasil conseguiu, apesar das suas limitações, influenciar muitas pessoas, denominações e centros de formação teológica. Há inúmeras publicações com profundidade, seriedade e qualidade de produção na área de teologia do cuidado com a criação. Outra porta seria o trabalho na área de compensação de emissões de carbono, o programa Climate Stewart, pode-se ofertar uma consultoria, isso está sendo feito no Reino Unido. A ideia é criar maneiras de diminuir ao máximo possível as emissões, e o que não puder se extinguir, você compensa apoiando um fundo que promove o reflorestamento ou o uso de tecnologias que não poluem o meio ambiente. Isso é algo bem específico que fazem na família [A Rocha].

#### **Anexo 4 – Entrevista com Gínia César Bontempo em 27 de novembro de 2023**

##### **Fale um pouco sobre você e de sua atuação n'A Rocha Brasil.**

Sou bióloga, uma das cinco filhas do fundador da Editora Ultimato [Élben César, 1930-2016] e atuei n'A Rocha Brasil de 2007 a 2010, mas tem um namoro antes disso.

##### **O que fazia n'A Rocha Brasil?**

Coordenei o programa de educação ambiental envolvendo as igrejas [Rede de Transformação], um projeto da Tearfund. Montei e ministrava esse programa com a colaboração de outras pessoas. A linha mestra do programa, o objetivo prioritário, era levar a temática do meio ambiente ligada à fé cristã para as igrejas. Inicialmente, seria para o Brasil todo, mas, por conta da Tearfund, focamos no Norte e Nordeste. Eram três capitais do Norte e três do Nordeste. Buscávamos pessoas que pudessem abraçar a causa, dar continuidade depois do processo de sensibilização e mobilização das igrejas. Eu também dava consultoria, em uma segunda fase, para projetos de igrejas que queriam fazer algo de fato.

##### **Como funcionava o programa?**

Envolvia oficinas com metodologias participativas para grupos que eram por nós desconhecidos. O trabalho durava um ou dois dias. Começava a partir da Bíblia. Solicitamos ao Timóteo (Timothy Carriker) que ele preparasse quatro estudos bíblicos com o tema “Por que é importante nos envolvermos com o cuidado com a criação?”. Disponibilizávamos para os grupos. Deixávamos um kit: os quatro estudos bíblicos, o caderno de educação e mobilização que foi adaptado pela Marcia tanto para o público adulto como para o público infanto-juvenil, um DVD com mensagens cristãs e da problemática socioambiental e o livro *Jesus e a Terra*. Na mensagem que passávamos, incluíamos a questão social. Parte do material tinha ilustrações da Jenny, filha do Tim [Timothy Carriker], havia muito trabalho voluntário envolvido. Eles [A Rocha International] até estranharam porque era tão importante

isso no contexto do Brasil. No DVD, havia participação do Ariovaldo Ramos, da Marina Silva, do próprio Tim. Nas nossas visitas às cidades, promovíamos oficinas. Começávamos trazendo a questão bíblica, esclarecíamos muitas dúvidas. Agora, quando a pessoa aceita assistir a uma oficina assim, ela já tem uma predisposição para ouvir sobre o tema.

### **Quais eram os pontos mais sensíveis?**

Com muita delicadeza, precisávamos desconstruir a ideia [escatológica] do quanto pior, melhor. Ao mesmo tempo, a gente precisava trazer aquela crítica do cristianismo como um dos causadores do problema ambiental, a questão do progresso... Eram grupos com denominações, idades e formações diferentes. Lembro-me bem que quando fomos fazer a oficina em Belém havia uma certa tensão no ar, era por conta de os ambientalistas [dali] serem perseguidos, era uma realidade na qual os ambientalistas corriam riscos, uma coisa bem regional, da realidade do Estado do Pará, e soubemos de regiões mais e menos críticas em relação a isso. Durante a oficina, acho que a gente teve alguma dificuldade em algum momento. Lá, nosso contato foi todo facilitado pelo pessoal de Asas de Socorro. De forma geral, quem ajudava a angariar os grupos era o pessoal da ABU e o pessoal da Renas. No Maranhão, havia um ambientalista cristão bem engajado, isso trouxe uma faceta diferente para o encontro, tinha um pessoal bem mobilizado, havia cristãos protestantes e católicos, isso tinha a ver com quem nos ajudava organizar. Em Natal, havia até crianças participando da oficina, e tentávamos adaptar. Eu fui professora da educação básica há muitos anos, então eu tinha traquejo para mudar. Mas as próprias metodologias que a gente escolheu ajudavam. Depois da introdução bíblica, chegávamos a alguns conceitos básicos de ecologia, abordávamos a questão das mudanças climáticas. Era uma metodologia participativa, fazíamos dinâmicas, levantávamos as fraquezas e as fortalezas daquela região, saíam coisas muito bacanas, e cada grupo apresentava para os demais grupos. Voltávamos às capitais para ver o que surgiu de projetos, o que é que a gente podia fazer para colaborar para que a ideia seguisse. Ultimamente tenho lembrado muito desse trabalho d'A Rocha porque o que nós trabalhamos 10 anos atrás, sobre o que falávamos, está acontecendo hoje. A temperatura está uma doideira, vai dos 43 para os 17 graus. Acho que as pessoas que estavam nesses encontros têm lembrado disso.

### **Qual a sua percepção a respeito de como o meio protestante brasileiro vê o cuidado com a criação?**

Tem de tudo. Tem grupos conscientes, sensibilizados e atuantes, mais do que quando nós trabalhávamos, mas também há grupos que ainda acham que isso não tem nada a ver com a

igreja, não diz respeito à ação da igreja. O extremo maior ainda é uma militância mais política do que cristã.

**Quais os principais empecilhos da visão protestante em relação ao cuidado com o meio ambiente? Você entende que a polarização política influencia na questão do cuidado com a criação?**

Sim, influenciou muito essa onda conservadora que veio, ela atrasa esse processo de modo geral, mas isso não tem nem a ver só com a gente, todos os segmentos da sociedade estão sendo influenciados. Tem gente que afirma que mudanças climáticas são uma falácia.

**Qual o legado d'A Rocha Brasil?**

A Rocha contribuiu para sacudir um povo, ela agitou parte da igreja. Esse trabalho presencial foi feito no Norte e Nordeste, mas a gente tinha o blog, livros, materiais e outras coisas estavam acontecendo. E especialmente as pessoas d'A Rocha do Estado de São Paulo conseguiram atender a demanda de seminários, acampamentos, palestras, eventos, e isso foi bem diversificado. Quando não era possível ir a esses lugares, a gente disponibilizava o material. Fizemos parcerias interessantes como a com a Mocidade para Cristo. E eles seguem praticando e isso tem mais de 10 anos. Até hoje o uso de descartáveis deixou de acontecer [na Mocidade para Cristo]. Teve também um trabalho com o descarte do lixo no Acampamento Base em Belo Horizonte.

**Você se envolve com o Movimento Renovar o Nosso Mundo? De que forma?**

Não atuo hoje com eles, só sigo o grupo do Instagram. Falo com a Raquel, a gente se tornou amiga mesmo.

**Você tem alguma atuação em relação com a questão ambiental hoje?**

Sou professora universitária. Há disciplinas que tem sinergia com a questão socioambiental, bem como alguns projetos de extensão que coordeno. Em termos de igrejas, não mais, só na minha. O trabalho com A Rocha Brasil foi muito realizador, muito importante para todos nós que nos envolvemos, mas foi muito desgastante. A falta de recursos é muito ruim, porque esse trabalho todo que a gente fez foi minimamente remunerado, era quase um trabalho voluntário, aí vai chegando um momento que se torna insustentável, porque você tem de ter um [outro] trabalho remunerado para poder trabalhar n'A Rocha, e isso é uma sobrecarga muito grande. Tínhamos uma diretoria muito grande, mas eu sentia um nível (talvez por falta de diálogo, de experiência coletiva) de exigência como se a gente estivesse por conta d'A Rocha, e não era possível vivermos por conta d'A Rocha.

**Por que A Rocha Brasil acabou?**

Nem sei se foi por conta de que não soube fazer a captação. Não era algo que apelava, não era uma temática que sensibilizava, que tocava, tanto que o que a gente conseguiu foi de uma organização de fora. Não acho que foi só assim, que não soubemos levantar recursos. A temática não era prioridade da igreja, havia as necessidades das próprias igrejas, a pobreza, a falta de saneamento básico. Era assim: “Ah, que organização joia! Parabéns, mas não vamos investir recursos nisso”. Foram tentadas várias coisas.

### **Como você enxerga o futuro do protestantismo em relação ao cuidado com a criação?**

Quando penso na geração que está chegando, eu temo, porque ao mesmo que a gente tem uma parte da juventude mais engajada, há uma [parte da] juventude alienada. Recentemente saiu uma pesquisa que aprontou que um dos motivos de os casais não estarem tendo filhos é o temor em relação às mudanças climáticas. É uma postura alienada. Ao mesmo tempo, você tem uma juventude que está chamando a atenção do mundo inteiro para o problema.

### **A igreja protestante brasileira não está sendo protagonista nisso?**

Estamos em um momento de valorização da população negra. A igreja está se empenhando e se envolvendo mais com essa temática. Fico pensando que a história são espirais, e estamos muito atrasados com essa dívida histórica. Vejo que precisamos resolver algumas dessas dívidas e aí entrarmos em outras questões, mas ao mesmo tempo todas essas coisas estão juntas. Uma das coisas do Renovar o Nosso Mundo é que eles têm liderança indígena, liderança negra, e isso é muito interessante. Há algumas denominações, como a metodista, mais à frente. A luterana tem material muito bom sobre o assunto, mas é cada vez menos representativa. Os neopentecostais infelizmente estão bem distantes dessa discussão.

### **Quem tocou a Rede de Transformação após a sua saída?**

A Andrea Ramos assumiu, pegou uma outra fase d'A Rocha Brasil. Hoje ela está à frente d'A Rocha Canada. Para nós que trabalhamos à frente, isso abriu portas para nós. Eu não conhecia o Norte e o Nordeste, e eu sou muito grata por ter podido participar disso, foi um projeto muito importante para as nossas vidas pessoais também, de muitas experiências com Deus, experiências acadêmicas.

Você sabe como andam os projetos que compõem o livro *Assim na Terra como no céu*?

Nem todos os projetos que estão no livro tem relação com A Rocha Brasil, com alguns ela não teve nenhum envolvimento. Vejo que o que continuou era o que já existia independentemente d'A Rocha. O Franciso, por exemplo, que era o nosso contato no Maranhão, é um ambientalista. Ele até já fez greve de fome em favor de áreas a se proteger no Maranhão. As pessoas lá também eram pessoas com essa pegada, com esse perfil, talvez o que A Rocha tenha ajudado foi a divulgar o trabalho deles. No Acre, fizemos uma avaliação, a

Marina Silva nos abriu muitas portas, de outro lado, isso trouxe um viés político à oficina. Havia muitas pessoas mobilizadas. Lembro-me de uma oficina em Xapuri (AC) com atuação do Chico Mendes, eles tinham um bom histórico com a pastoral da terra. Mas sobre legado, talvez valha uma conversar com um de nossos parceiros, o Leandro Natal. Tem também um trabalho em Felipe Camarão, favela em Natal, experiência bem marcante.

## **Anexo 5 – Breve resumo das vinte organizações nacionais d’A Rocha ao redor do mundo**

**África do Sul**<sup>1</sup> - No terceiro país em biodiversidade no mundo, A Rocha envolve a igreja no cuidado com a criação, conduz projetos práticos de restauração de ecossistemas florestais, ribeirinhos e semidesérticos e trabalha junto às gerações mais jovens de todas as culturas com educação ambiental.

**Austrália**<sup>2</sup> - Atua em todo o país: há um diretor para cada estado e grupos locais que se reúnem regularmente. Os projetos incluem restauração do habitat da floresta de xisto (Highlands, no Sul) e pesquisas sobre uma espécie ameaçada de eucalipto. É parceira da Cassinia Environmental, pioneira em agricultura de carbono no país.

**Canadá**<sup>3</sup> - Preserva habitats sensíveis e espécies ameaçadas e cultiva alimentos de forma sustentável, envolvendo pessoas vulneráveis socialmente. No centro ambiental de Brooksdale, estágios oferecem experiência em agricultura sustentável, ciência da conservação, educação ambiental e alimentação/hospitalidade, além de vida comunitária e aprendizado sobre gestão ambiental aliada à fé cristã.

**Estados Unidos**<sup>4</sup> - Inspira e equipa cristãos a conhecer e amar os lugares em que vivem com projetos práticos de conservação orientados para a comunidade. Organiza a Festa de Polinizadores para ensinar a comunidade a plantar jardins com espécies benéficas aos polinizadores e desenvolve material sobre cuidado com a criação para acampamentos de

---

<sup>1</sup> <https://arocha.org.za>

<sup>2</sup> <https://australia.arocha.org>

<sup>3</sup> <https://arocha.ca>

<sup>4</sup> <https://arocha.us>

férias e escolas dominicais. A Rocha Arts, com artistas de todo o país, partilha a visão de que os cristãos devem se envolver ativa e criativamente no cuidado com o meio ambiente.

**Filipinas**<sup>5</sup> - Em 2019, Christians in Conservation Philippines (CIC) tornou-se o segundo Projeto Associado de A Rocha International. Com um escritório no Seminário Teológico Asiático (Quezon City) e um local de trabalho de campo de 10 hectares nas montanhas da Serra Madre, a visão do CIC é formar pessoas para preservar a terra, gerir resíduos e manter um viveiro de plantas nativas.

**França**<sup>6</sup> - Foco no Vallée des Baux-Alpilles, perto de Arles: envolve os proprietários locais e o governo no uso sustentável e conservação da terra. O centro Les Courmettes nas colinas acima de Nice é uma reserva Natura 2000 e uma base internacional para a sensibilização ambiental, educação e formação, com atividades, conferências, férias familiares e campos de férias para crianças. A equipe desenvolveu recursos para igrejas (Eglise verte<sup>7</sup>) e uma rede de embaixadores.

**Gana**<sup>8</sup> - São quatro bases de campo com pesquisa e apoio às comunidades para proteção de habitats ameaçados: manguezais dos quais dependem comunidades pesqueiras costeiras, floresta de Atewa (protege da mineração de bauxita) e aldeias circundantes; lago Bosomtwe e o seu sistema de floresta/pântano e savana árida que rodeia o Parque Nacional Mole. Para ajudar cada aldeia a gerir suas terras, fornece formação em meios de subsistência alternativos como apicultura e produção de cogumelos.

**Índia**<sup>9</sup> - Desde 2004, atua no Parque Nacional de Bannerghatta, nos arredores de Bangalore, floresta de mato onde vivem elefantes asiáticos. Esses animais estão muito perto de terras agrícolas e áreas urbanas vizinhas, causando conflitos entre humanos e elefantes.

**Líbano**<sup>10</sup> - Há dois projetos no Vale de Bekaa, local que sofre os impactos da guerra civil síria e concentra refugiados. O Projeto Ambiental Qab Elias oferece aos residentes um jardim

---

<sup>5</sup> <https://www.christiansinconservation.org>

<sup>6</sup> <https://france.arocha.org/fr/>

<sup>7</sup> <https://www.egliseverte.org>

<sup>8</sup> <https://ghana.arocha.org>

<sup>9</sup> <https://www.arocha.in>

comunitário com lago e labirinto. O Parque Natural de Mekse proporciona um espaço aberto e verde e educação ambiental às comunidades de refugiados. Árvores nativas e arbustos fornecem alimentos para a vida selvagem, de modo que, com o tempo, o parque tende a ser habitat para aves, répteis e invertebrados.

**Nigéria: Eden Creation Care Initiative<sup>11</sup>** - É um projeto associado de A Rocha Internacional. Oferece educação e apoio à investigação científica para ajudar as comunidades a proteger áreas importantes para a sua biodiversidade. O foco principal é a Piscicultura Rennajj, uma área de 80 hectares na periferia da grande cidade de Jos, onde o mato e as zonas úmidas são geridos e protegidos para que sejam conservados.

**Nova Zelândia<sup>12</sup>** - Há projetos de conservação comunitária nas ilhas Norte e Sul, sendo o principal a restauração do Monte Karioi, local importante para aves marinhas como a Petrel de cara cinzenta (ou Ōi). O programa busca melhorar a reprodução, controlando predadores em mais de 2.500 hectares.

**Países Baixos<sup>13</sup>** - Envolve cristãos holandeses em projetos locais de conservação em todo o país. Tais projetos estão integrados na vida da comunidade local e são geridos por voluntários. A Rocha envolve igrejas locais e comunidades cristãs na conservação ambiental e sustentabilidade através de palestras, workshops, publicações e cursos. Isso inclui um Eco-scan para igrejas e um trabalho próximo com o Climate Stewards.

**Peru<sup>14</sup>** - O foco é a restauração da floresta seca, uma das paisagens mais degradadas do país, habitat de espécies ameaçadas. Busca-se melhorar a saúde do bioma (aumentar a cobertura arbórea em terras agrícolas) e proteger espécies vulneráveis, trabalhando com as comunidades locais para restaurar, conservar e gerir de forma sustentável a paisagem. Fomenta a utilização de fornos ecológicos (reduzem o uso do carvão e da lenha) e proporciona formação em produção agroflorestal e para alternativas de rendimento sustentável: produção de xarope de algarrobina e artesanato tradicional.

---

<sup>10</sup> <https://lebanon.arocha.org>

<sup>11</sup> <https://nigeria.arocha.org>

<sup>12</sup> <https://arocha.org.nz>

<sup>13</sup> <https://www.arocha.nl/nl/>

<sup>14</sup> <https://www.arocha.pe/en/>

**Portugal**<sup>15</sup> - Inaugurado em 1987 no Algarve, foi o primeiro centro de estudos de campo d'A Rocha. Investiga a vida selvagem e os habitats para os proteger das devastações da indústria do turismo. Bandos de limícolas tais como o pernilongo *Himantopus himantopus* são contados regularmente. A monitorização botânica e o recolhimento de espécimes de plantas em redor da Ria de Alvor têm fornecido provas científicas cruciais da destruição ilegal de habitats. A Rocha Portugal lidera a campanha para a proteção desse estuário.

**Quênia**<sup>16</sup> - O centro d'A Rocha Quênia fica na costa em frente ao Parque Nacional Marinho de Watamu. Monitoram a saúde do parque, o recife de coral e as florestas costeiras de manguezais de Mida Creek. Outras pesquisas concentram-se nas florestas de Dakatcha e de Arabuko-Sokoke, ambas remanescentes de floresta costeira seca com um elevado número de aves raras e criaturas como o ameaçado musaranho-elefante-dourado *Rhynchocyon chrysopygus*. O Arabuko-Sokoke Schools and Eco-turism Scheme (ASSETS) é um programa de bolsas escolares para conservar esses habitats e aumentar os benefícios para as comunidades locais com ecoturismo sustentável e educação ambiental.

**Reino Unido**<sup>17</sup> - Mobiliza cristãos e igrejas no Reino Unido para cuidar do meio ambiente. Os principais programas são o Wild Christian (rede de conservação), Partners in Action (inclui reservas naturais próprias), Eco Church e Convening para chegar aos cristãos, gestores de terra cristãos, líderes eclesiásticos e religiosos com uma mensagem de cuidado com a criação em escala nacional.

**República Checa**<sup>18</sup> - Equipe fica no nordeste da Boêmia e treina crianças e jovens naturalistas através de clubes, acampamentos e demonstrações de anilhagem de pássaros. O seu centro ambiental Krupárna é um 'jardim natural' com dois hectares. Também monitora aves a longo prazo em Orlické Záhoví (Boêmia Oriental) com a Sociedade Ornitológica Checa e ministra cursos de formação de ornitólogos de todas as idades.

---

<sup>15</sup> <https://arocha.pt/pt/>

<sup>16</sup> <https://www.arocha.or.ke>

<sup>17</sup> <https://arocha.org.uk>

<sup>18</sup> <https://www.arocha.cz/en/>

**Suécia: KriNa**<sup>19</sup> - Kristna för naturvård i Sverige (KriNa para abreviar, ou, em português: Cristãos pela Conservação da Natureza na Suécia), é um projeto associado d'A Rocha que ajuda indivíduos, grupos e igrejas na Suécia a cuidar do meio ambiente e a proteger áreas em que há biodiversidade no país.

**Suíça**<sup>20</sup> - As pastagens de sequeiro, habitat ameaçado no país, são o foco. Inventaria espécies em muitas partes do país para ajudar a identificar prioridades de conservação e aconselhar sobre gestão do território. A equipe mobiliza voluntários para tarefas práticas, ajudando agricultores a melhorar a diversidade da vida selvagem dos seus prados, e dirige campos de eco aventura para crianças em parceria com outras organizações cristãs.

**Uganda**<sup>21</sup> - O pântano de Lubigi, o maior de papiros na área de Kampala, é rodeado por bairros de lata (musseques ou favelas). A Rocha Uganda ensina a comunidade a ter água potável construindo filtros com areia biológica – sem ebulição, dispensa o corte de árvores para a produção de carvão vegetal. Também orienta sobre como se desfazer do esgoto e do lixo adequadamente, reduzindo a poluição do pântano, essencial para as aves de rapina e aquáticas.

#### **Anexo 6 – Relação dos temas das oficinas, painéis e minicursos ministrados na edição de 2022 do Congresso Brasileiro de Missões (CBM) com o número de vezes em que foram ministradas no evento**

O budismo através do olhar cristão (2x)

O lugar do *debriefing* na prática missionária (2x)

Como usar minha profissão no plantio de igreja entre um povo não alcançado (2x)

Uma agência missionária que faz sentido para hoje (2x)

Cinema: uma arma secreta penetrando a escuridão (2x)

Pluripovos: as etnias, as cores e as nacionalidades do mundo aqui (2x)

Ações e desafios ao plantio de igrejas entre indígenas no Nordeste (2x)

Quilombolas: “povo perto de uma igreja distante” (2x)

Design de programas evangelísticos (2x)

---

<sup>19</sup> <https://arochasvanner.se>

<sup>20</sup> <https://switzerland.arocha.org/fr/>

<sup>21</sup> <https://uganda.arocha.org>

Temas jurídicos relevantes para organizações missionárias (2x)

Movimento missionário brasileiro (2x)

Impacto da oração sobre povos não alcançados (2x)

Criação de sinais bíblicos em libras: ciclo produtivo e aplicações práticas (2x)

Proteção e segurança das crianças contra abusos em contextos missionários (2x)

Captação de recursos para missões: exercitando a fé e aprimorando técnicas de sustentabilidade ministerial (2x)

Oficina com preletores Dick Brodgen (2x)

Teologia, igreja e missão (3x)

Fórum de mobilização (2x)

BAM/Fazedors de tenda (3x)

Evangelismo criativo tribos urbanas (2x)

Fundamentos da cosmovisão hindu (2x)

Sendo embaixadores de Deus nas prisões (2x)

A importância da educação financeira para o missionário (2x)

Mobilização missionária: sua vocação influencia a missão da igreja (2x)

Como ouvirão se não há quem leia? (2x)

Os ciganos e as igrejas: o futuro nas palmas das mãos de Deus (2x)

Conhecendo a realidade do sertão (2x)

Como o Movimento de Lausanne conecta pessoas e influencia ideias na missão global (2x)

Docência em missões (2x)

Saúde mental do missionário e família (2x)

Cidade de Deus: uma resposta aos desafios urbanos (2x)

Segurança e gerenciamento de crise em campos transculturais (2x)

Projeto em 5 Ps: um modelo de gestão ministerial para projetos e instituições missionárias (2x)

Eles irão além (2x)

Oficina com preletores Jeannie Marie (2x)

Painel sobre povos muçulmanos (2x)

Painel sobre refugiados (2x)

Como alcançar pessoas imersas à degradação ambiental? (2x)

Desafios dos filhos de missionários transculturais (2x)

Juventude, vocação e missão (2x)

7 áreas de influência da sociedade e os povos (2x)

Reentrada: o que o missionário, a agência e a igreja devem saber (2x)

Universidade, um campo missionário (2x)

O pantaneiro entre os menos evangelizados no Brasil (2x)

Ribeirinhos, quem são? (2x)

Criando a paixão missionárias nas células (2x)

Avanços e desafios na evangelização do Brasil: quem são e onde estão os não alcançados (2x)

Ouvindo através da oração (2x)

Missão entre os excluídos (2x)

Iberoamérica, el despertar de una fuerza misionera ¿Qué esta haciendo Dios? (2x)

Coreia do Norte: desafios e oportunidades (2x)

Oficina com preletor Renault Van Der Riet (2x)

Metaverso: cultura cristã x cultura da Internet